

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**O SENTIDO SUBJETIVO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS
PARA OS ADOLESCENTES**

Evandro Ornelas Mineiro

**Belo Horizonte
2015**

Evandro Ornelas Mineiro

O SENTIDO SUBJETIVO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS PARA OS ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial ao título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Stengel.

**Belo Horizonte
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M664s Mineiro, Evandro Ornelas
O sentido subjetivo das redes sociais virtuais para os adolescentes / Evandro Ornelas Mineiro. Belo Horizonte, 2015.
111 f.

Orientadora: Márcia Stengel
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Comunicações digitais. 2. Interação social em adolescentes. 3. Redes sociais. 4. Subjetividade. 5. Ciberespaço. I. Stengel, Márcia. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.175.1

Evandro Ornelas Mineiro

O SENTIDO SUBJETIVO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS PARA OS ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial ao título de Mestre em Psicologia.

Profa. Dra. Márcia Stengel (Orientadora) – PUC Minas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues dos Santos – UCB

Profa. Dra. Valeria Freire de Andrade – PUC Minas

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2015

*Dedico esta dissertação à minha esposa
Luiza e ao meu filho Gabriel, que viveram intensamente este
sonho comigo, e juntos celebramos mais esta conquista.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por seu imenso e incondicional amor, que tem me conduzido a cada conquista em minha caminhada de vida. Agradeço por sua generosidade e presença constante em minha vida, mesmo que eu não mereça tamanho cuidado e atenção. Obrigado Senhor!

Obrigado aos meus familiares, minha esposa Luiza, meu filho Gabriel, pelo apoio e incentivo. Meus irmãos Eliane, Elaine e Evaldo, pela admiração e incentivo. Agradeço ao meu amigo Wanderson por sua preciosa amizade e constantes orações. Ao amigo Enio e sua esposa Cristina, por sua cooperação financeira no início deste projeto, sem a qual não seria possível nem iniciar esta caminhada, meu muito obrigado!

Agradeço ao professor Gleuso Damasceno, por acreditar neste sonho e interceder junto à direção da Edebê para que eu pudesse realizar as aulas no horário de trabalho. Ao Pe. Pessinatti por me liberar para realizar o curso e também pelo incentivo. Ao Hermínio e a todos amigos do Editorial BH, Waldo (Fólio!!!), Denis (A causa), Ester, Alcici, Jacqueline, Roberta, Cecília, Marcelo, Bruno, Marcos Lourenço e Alessandro, pela torcida e incentivo. A todos os amigos da Edebê Brasília, em especial ao Edevaldo, por acreditar em meu potencial, por seu constante incentivo e apoio fundamental nestes últimos 2 anos. Ao Anderson por seu apoio nesta reta final desta jornada. A todos meu muito obrigado!

Sou grato a professora Ilka F. Ferrari por me encorajar no início desta caminhada, a professora Daniela Bessa pelo incentivo e preciosas instruções no início deste projeto, aos professores Dálton Reis e Frederico Gerken pelo incentivo e apoio.

Especialmente quero agradecer minha orientadora Márcia Stengel, por me escolher como seu orientando e sua excelente parceria ao longo do curso. Seus conselhos, incentivos, sua sabedoria, simplicidade e sofisticação, amizade, apoio e correções constantes no texto foram fundamentais para que eu conseguisse completar este trabalho. Muito, muito obrigado!

Obrigado a todos os professores do curso, pela acolhida. Aos meus colegas discentes que também me acolheram com muito carinho. Agradeço ao professor Benedito e a professora Valéria, por aceitarem o convite para compor a banca, e também a professora Jacqueline (suplente).

Agradeço a direção do Colégio Salesiano de Belo Horizonte por permitir a pesquisa em suas dependências e com seus alunos. Também a Kátia supervisora pedagógica do Ensino Médio pelo apoio, e aos adolescentes que participaram voluntariamente, e com entusiasmo compartilharam o sentido das redes sociais em suas vidas.

Muito, muito obrigado a todos!

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar o sentido subjetivo das redes sociais para os adolescentes. O referencial teórico adotado foi a abordagem Histórico-cultural da Psicologia e contou com a contribuição da obra de González Rey, que entende a subjetividade como um sistema complexo que se manifesta tanto de forma individual como social. Para o autor a categoria sentido subjetivo consiste em importante via de acesso à subjetividade individual e coletiva. Para a pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas presenciais com 10 adolescentes de um colégio da rede particular de Belo Horizonte, buscando colher informações sobre o perfil de uso das redes sociais por parte dos adolescentes, as relações sociais estabelecidas por eles e os sentimentos que eles vivenciam no uso cotidiano das redes sociais. Os resultados apontam para o entendimento das redes sociais como novo espaço de comunicação e sociabilidade, que, de acordo com o relato dos adolescentes, se eles não participarem dele, se sentem isolados do mundo, e isto foi identificado como importante indicador de sentido subjetivo que as redes possuem para eles.

Palavras-chave: adolescentes, redes sociais, ciberespaço, subjetividade, sentido subjetivo.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the subjective sense of social networks for teens. The theoretical framework adopted was the historical-cultural approach of psychology and included the fundamental contribution of the author's work González Rey, who understands subjectivity as a complex system which is manifested both individually and socially. González Rey to the subjective sense category consists of important route of access to both individual and collective subjectivity. The field research included 10 adolescents interviewed in person at the Salesian College of Belo Horizonte as having a semi-structured questionnaire script seeking to gather information on the usage profile of social networks by adolescents, the social relations established by them and the feelings they experience in the daily use of social networks. The results point to the understanding of social networks as a new space for communication and sociability that you according to the account of adolescents, if they do not participate in it, feel isolated from the world, and this was identified as an important indicator of subjective sense that networks They have for them.

Keywords: teenagers, social networking, cyberspace, subjectivity, subjective sense.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS	03
2.1 A transição entre a sociedade oral e a linguagem escrita	12
2.2 A transição da linguagem escrita para a Internet	15
2.3 A transição da Internet para as Redes Sociais Virtuais.....	17
2.4 As Redes Sociais e a adesão dos adolescentes	21
2.4.1 O movimento “rolezinho” como exemplo da adesão e do poder de comunicação e conexões dos adolescentes nas redes sociais.....	23
2.5 Simbiose entre a formação do homem e a tecnologia	26
3. OS ADOLESCENTES, AS REDES SOCIAIS E A SUBJETIVIDADE	30
3.1 A adolescência na perspectiva da teoria sócio-histórica.....	31
3.1.2 A compreensão da adolescência pela escola vygotskyana	45
3.2 Problematizando o uso do termo subjetividade.....	49
3.2.1 A Subjetividade numa perspectiva histórico-cultural	51
4. METODOLOGIA	61
4.1 Participantes	61
5. ANÁLISE DOS DADOS	64
5.1 Perfil de uso das redes sociais pelos adolescentes	64
5.2 Os laços sociais estabelecidos pelos adolescentes nas redes sociais ..	76
5.3 Os sentimentos vivenciados pelos adolescentes nas redes sociais	90
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	107

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho nos propusemos a estudar o sentido das redes sociais para os adolescentes. O interesse por esta temática se deve especificamente a minha trajetória pessoal e profissional.

Atuo há cerca de 10 anos como Produtor Multimídia, especializado na produção de material didático digital interativo para uma editora ligada a uma rede de escolas particulares que está presente em grande parte do território brasileiro. Portanto, estou diretamente envolvido na tarefa de produzir material de estudos para crianças e adolescentes. Tenho acompanhado nos últimos anos o alvoroço no ambiente escolar mediante a adesão das crianças e adolescentes aos recursos tecnológicos, a Internet e, mais recentemente, o crescimento exponencial das redes sociais virtuais. Dessa forma, para compreensão deste fenômeno, escolhi realizar esta pesquisa no campo da Psicologia, por entender que esta ciência me forneceria recursos teóricos e metodológicos apropriados para realização deste trabalho, pois meu interesse era compreender a relação dos adolescentes com as redes sociais e não propriamente a tecnologia que dá suporte a este processo.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC Minas, sob o número de registro CAAE 30545614.1.0000.5137 e envolveu nove estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e um estudante do 1º ano do Ensino Médio, compreendendo a faixa etária de 14 a 15 anos. Os participantes são alunos de uma escola particular na cidade de Belo Horizonte/MG. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, cuja reflexão a respeito dos dados se deu por meio da análise de conteúdo e teve como procedimento a entrevista semiestruturada.

A adesão expressiva e intensa das pessoas, em especial dos adolescentes, às redes sociais virtuais evidencia a importância do desenvolvimento desta pesquisa, visto que estas redes passaram a atuar como importantes espaços de sociabilidade e comunicação. Como vamos pontuando ao longo do trabalho, isto tem afetado não somente a forma de comunicação na sociedade atual, mas também a subjetividade destes jovens, bem como a subjetividade social que circula nas próprias redes. Assim, entendemos que este estudo é relevante, pois busca compreender o sentido que as redes possuem para os adolescentes. E a partir daí municiar a produção acadêmica com mais estes significativos subsídios para

compreensão do fenômeno social contemporâneo intensamente atravessado pelas redes sociais virtuais. Tem em vista contribuir para os estudos na Psicologia Social e na Educação e prestar um serviço que objetiva ser satisfatório aos próprios jovens, seus pais, suas escolas, a sociedade e o meio acadêmico, por somar esforço junto a outras pesquisas que se aventuram na prazerosa jornada de refletir aspectos efervescentes da contemporaneidade.

Esta pesquisa organiza-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo *As Redes Sociais* apresenta o percurso histórico que propiciou o surgimento da redes sociais virtuais, a partir da perspectiva da modificação das tecnologias de comunicação na sociedade, ao longo do tempo. Inicialmente o foco é centralizado em traçar um contorno do percurso do surgimento das redes, a partir da observação de como as tecnologias utilizadas pela sociedade para comunicação foram se modificando desde a sociedade oral grega, passando pelo surgimento da escrita, os livros impressos, a Internet e, por fim, as redes sociais virtuais, onde foi agregada a possibilidade de sociabilidade juntamente com a comunicação. Posteriormente, iniciamos o direcionamento do nosso olhar de forma mais específica à adesão dos adolescentes às redes sociais.

No segundo capítulo *Os Adolescentes, as Redes Sociais e a Subjetividade*, procuramos compreender o conceito da adolescência a partir da perspectiva histórico-cultural. Em seguida problematizamos o uso do termo subjetividade e a partir daí adotamos a proposta de González Rey, que trabalha com este tema a partir da Psicologia Histórico-cultural e, especificamente por meio da categoria sentido subjetivo desenvolvida por este autor, estabelecemos a base teórica para compreender o sentido das redes sociais para os adolescentes.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia do trabalho, o ambiente que caracterizou o campo de pesquisa, bem como a caracterização dos sujeitos envolvidos.

Já no quarto capítulo *Análise dos Dados* apresentamos as três categorias em que os dados foram distribuídos: 1) *Perfil de uso das redes sociais pelos adolescentes*; 2) *Os laços sociais estabelecidos pelos adolescentes nas redes sociais*; 3) *Os sentimentos vivenciados pelos adolescentes nas redes*, para que pudessem ser analisados, com o intuito de evidenciar as questões fundamentais a respeito do tema. Em seguida apresentamos as considerações finais desse estudo.

2. AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Atualmente o *Facebook* é o principal *site* do fenômeno contemporâneo conhecido por redes sociais. Conta com mais de 1,15 bilhões de usuários ativos em todo mundo, dentre os quais 819 milhões utilizam o serviço por meio de dispositivos móveis como: celulares, *tablets* e *smartphones*. De acordo com Gomes (2013) os números do *Facebook* no Brasil apontam que ele é a principal rede social na preferência dos brasileiros. Atualmente o nosso país ocupa o terceiro lugar em número de integrantes, ficando atrás somente da Índia e Estados Unidos. Entretanto, embora em 2013 o Brasil tenha perdido o segundo lugar para a Índia em número total de usuários, o número de acesso diários do Brasil o coloca na segunda posição, no quesito acessos diários, atrás apenas dos Estados Unidos. Seguindo a tendência mundial de uso desta rede, a principal porta de acesso ao *site* no Brasil também se dá por meio do uso dos dispositivos móveis. O país conta com 76 milhões de usuários registrados e destes 47 milhões são ativos diariamente. No ano de 2012 o país liderou o *ranking* de crescimento do número de novos usuários.

Enfim, o Brasil sempre foi um fenômeno de adesão à Internet e em quantidade de horas de navegação no ciberespaço. Com o surgimento dos *sites* de redes sociais os brasileiros se mantiveram em destaque em relação ao restante do mundo. A porta de entrada para o universo das redes sociais no país foi o *Orkut*. De acordo com dados da pesquisa Ibope Mídia (2010) 82% dos usuários das diversas redes sociais atuais tiveram como primeira rede o *Orkut*, e desde o início a intenção primordial de acesso às redes é trocar mensagens com amigos.

Com 699 milhões de usuários ativos em média por dia¹, juntamente com outras ferramentas de redes sociais, o *Facebook* tem sido responsável por criar novos fluxos e novas potencialidades dos sujeitos contemporâneos estabelecerem laços sociais, interagirem e promoverem conexões em tempo real, desprezando as barreiras impostas pela geografia e pelo tempo. Um evidente exemplo desta nova realidade pode ser visualizado na figura 1, *Mapa do Facebook*, elaborado por Paul

¹ Referência junho/2013. Disponível em: <<https://newsroom.fb.com/Key-Facts>>. Acesso em: 8 set 2013.

Butler² em dezembro de 2010, quando esta rede social tinha 500 milhões de usuários em todo mundo, 319 milhões a menos que os dados atualizados de julho de 2013.



Figura 1: Mapa do *Facebook*

Pretendemos na dissertação problematizar a questão do uso do termo redes sociais. Para este momento, propomos uma breve introdução ao conceito deste termo, aplicado diretamente à mediação dos recursos computacionais e de comunicação sustentados pelo advento da Internet. Para tanto, solicitamos o auxílio de Recuero (2012) e Lévy (1996).

Na perspectiva de Recuero (2012) os agrupamentos humanos, compostos por interações que edificam os grupos sociais, já são estruturalmente constituídos pela lógica e aplicação do conceito de redes; portanto, já se configuram redes sociais antes mesmo do surgimento da Internet. Entretanto, nestes *sites* ou

Nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas para a comunicação. Com a popularização dessas ferramentas, as práticas de uso de computadores, notebooks, celulares etc. para trocar ideias e conectar-se a outras pessoas passaram a fazer parte do dia a dia de milhares de pessoas em todo mundo, incorporadas no cotidiano de suas práticas de comunicação. Com isso, essas tecnologias passam a proporcionar espaços

² Nesta página Paul Butler explica os critérios e tecnologias que ele utilizou para elaborar o *Mapa do Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/note.php?note_id=469716398919>. Acesso em: 28 set 2013.

conversacionais, ou seja, espaços onde a interação com outros indivíduos adquire contornos semelhantes àqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais. Passam a representar um espaço de lazer, lugares virtuais onde as práticas sociais começam a acontecer, seja por limitações do espaço físico, seja por limitações da vida moderna, seja apenas pela comodidade da interação sem face. Tratam-se de novas formas de “ser” social que possuem impactos variados na sociedade contemporânea a partir das práticas estabelecidas no ciberespaço. (RECUERO, 2012, p.16-17).

Podemos ressaltar que, de certa forma, Recuero (2012) inverte a lógica usual, ou seja, em sua perspectiva a popularização das ferramentas³ de redes sociais e, principalmente a apropriação delas para a comunicação, está modificando o próprio uso dos computadores e dispositivos móveis. Desse modo, a busca por acesso a estas ferramentas se constitui como meio de entrada de milhares de pessoas ao universo da Internet, dos dispositivos móveis e ao uso dos computadores. Assim, retomando a inversão da lógica, pode-se entender que o fenômeno das redes sociais não está restrito aos usuários experientes de computadores ou outros dispositivos. É possível considerar que um número significativo de pessoas na busca de interação social proposta por estas ferramentas está passando a adotar em sua rotina cotidiana o uso dos dispositivos tecnológicos para comunicação.

Lévy (1999) utiliza o termo comunidade virtual, que é análogo ao termo redes sociais utilizado por Recuero (2012), e este conceito trabalhado por ele complementa a noção de redes sociais que estamos articulando neste momento:

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. (LÉVY, 1996, p.20)

Assim, por meio da contribuição de Recuero (2012) e Lévy (1999) podemos entender que os agrupamentos sociais nas redes sociais no ciberespaço são construídos com características inicialmente semelhantes às redes *off-line*, entretanto, o ambiente virtual *on-line* fornece características que introduzem

³ Entendemos o termo ferramentas utilizado pela autora como *sites* e aplicativos digitais que dependem inteiramente de conexão com a Internet para o seu funcionamento.

elementos novos à maneira de estabelecer relações sociais na contemporaneidade, produzindo novas formas de pensar, ser e agir no mundo. Enfim, podem afetar significativamente a subjetividade.

Neste sentido, a adesão ao fenômeno das redes sociais é tão grande que tem despertado a atenção de profissionais das mais variadas áreas. Também no campo acadêmico, este tema tem suscitado interesse de muitos pesquisadores e já é possível encontrar relevante produção em dissertações, teses, artigos e livros produzidos ao longo dos últimos anos sobre este assunto.

Em breve entrevista⁴ sobre o tema da sua palestra *Subjetividade nas redes sociais*, Roseli Goffman do Conselho Federal de Psicologia enfatiza a importância de se reconhecer os movimentos que em todo mundo estão se articulando por meio das redes sociais para promover debates e informações sobre diversos assuntos, em especial o tema político. Deste modo, as redes podem contribuir com a população em um processo de promoção de informações de forma diferente daquela fornecida por um canal ou conglomerado de comunicação hegemônico. Assim, a notícia apresentada no telejornal pode receber uma versão diferente circulando nas redes sociais, surgindo em outras formas de voz e outras formas de percepção alternativa àquela que a rede hegemônica de comunicação utilizou.

Sabemos que nas redes sociais circulam dia a dia inúmeras piadas, brincadeiras ou informações da vida privada de seus frequentadores. Entretanto, em meio a esta Babel contemporânea, circulam também informações que, mesmo em tom informal, possuem alto índice de relevância, conduzindo ao debate público assuntos que outrora não fariam parte do repertório de assuntos das pessoas na atualidade. A proposta de Roseli Goffman, em que as redes dão voz a uma mídia alternativa à “grande mídia”, coincide com a proposta deste trabalho, pois entendemos que a multiplicidade de vozes nas redes sociais faz ecoar nesta nova mídia versões alternativas das informações oficializadas pela mídia hegemônica, com novas velocidades e fluxos movidos pelo constante desenvolvimento das tecnologias da comunicação e informação (TIC's), que são capazes de afetar profundamente as subjetividades contemporâneas, principalmente dos jovens que aderiram de forma expressiva a este movimento no ciberespaço.

⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kav3Q1Q0YvA>>. Acesso em 29 set 2013.

Neste sentido, as redes sociais na Internet levam ao extremo a potencialidade de um modelo de comunicação muitos-para-muitos em oposição ao modelo de comunicação de massa clássico um-para-muitos, no qual o receptor da informação não passa de um mero espectador e consumidor da informação, este em nada podia interagir com a informação. Nestas redes virtuais, qualquer usuário consegue transmitir sua mensagem a horizontes jamais experimentados na história da humanidade. Este movimento tem despertado a atenção das grandes empresas, que têm desenvolvido campanhas de *marketing* próprias para as redes sociais ou estão atentas ao que os consumidores estão falando de suas marcas nas redes. A Coordenadoria de Proteção e Defesa do Consumidor de São Paulo - Procon-SP tem um serviço de monitoramento das redes sociais e quando verificam que há muitas reclamações na rede sobre determinada empresa ou serviço, já acionam procedimentos para notificar os responsáveis pelos produtos ou serviços, mesmo sem denúncia ou acionamento formal⁵. Surgiu, assim, um novo jeito de se fazer *marketing* nas empresas e novas profissões surgiram mediante ao crescimento exponencial não somente de usuários, mas de horas de uso e intensidade na adesão a tais redes.

Entretanto, com todo o potencial de promover a comunicação, percebe-se que as redes sociais entraram de forma descontrolada na rotina da maioria de seus usuários mais ativos. É comum até encontrar pessoas que resolveram dar uma pausa no uso das redes sociais em virtude de sua tamanha intensidade e seu nível de interferência em meio às demais atividades cotidianas.

Desse modo, pretendemos pesquisar a influência da Internet e, especialmente, das redes sociais na construção da subjetividade de jovens estudantes, com intuito de perceber aspectos que marcam a produção de subjetividade de adolescentes/jovens contemporâneos. E assim, identificar os aspectos que caracterizam as redes sociais como espaço atrativo aos adolescentes, bem como a importância do pertencimento destes adolescentes às redes sociais e as novas formas de relacionamentos entre estes jovens pela mediação dos *sites* de redes sociais, e analisar qual é o sentido que as redes sociais têm para estes adolescentes.

⁵ Disponível em: <<http://www.procon.sp.gov.br/noticia.asp?id=3274>>. Acesso em 29 set. 2013.

Pois, em poucos anos de existência, a Internet conquistou a adesão cotidiana de milhões de pessoas em todo o mundo. Dessa forma, ela acelerou e potencializou processos de comunicação, encurtou distâncias geográficas e temporais, colocando nas mãos de pessoas comuns o poder da *Mídia*.

Por meio da Internet novos canais de ensino e aprendizado foram criados. Surgiram novas formas de estabelecer, interagir e manter laços sociais.

Em um infográfico⁶ produzido pela Intel (importante empresa de produtos tecnológicos), podemos encontrar que retratam a dimensão atual da Internet e da adesão ativa aos *sites* de redes sociais. De acordo com este infográfico, em um minuto de Internet, por exemplo, 1) são transitados na rede global 639.800 GB; 2) a *Wikipédia* recebe 6 novos artigos; 2) o roubo de identidade atinge 20 pessoas na rede; 3) são enviados cerca de 204 milhões de *e-mails*; 3) são baixados 47.000 mil aplicativos 4) 100 novas contas no *LinkedIn* são criadas; 4) a *Amazon* fatura cerca de 83 mil dólares; 5) no Flickr são visualizadas 20 milhões de fotos e ocorrem 3 mil *uploads* de novas fotos; 6) os usuários do *Twitter* enviam 100 mil novos *tweets* e 320 novas contas são criadas; 7) ocorrem 277.000 *logins* no *Facebook* e são gerados 6 milhões de visualizações; 8) mais de 2 milhões de buscas são realizadas no *Google*; 9) cerca de 1,3 milhões de visualizações de vídeos e mais de 30 horas de *uploads* de vídeos ocorrem no *YouTube*; 10) por fim, o infográfico informa que hoje o número de dispositivos na rede é igual a população mundial, estima-se para 2015 que o número de dispositivos conectados seja o dobro da população do planeta.

Ao contemplar estes números podemos observar como milhões de pessoas ao redor do mundo se relacionam por meio da Internet. Embora estes números nos causem algum espanto inicial, rapidamente assimilamos tal informação por estarmos inteiramente mergulhados neste contexto, a ponto de não nos lembrarmos o quanto é recente e com quão imensa velocidade a Internet chegou até nós e transformou todos os serviços *on-line* que oferecem espaço para compartilhamento, comunicação, interação e estabelecimentos de laços sociais. No depoimento abaixo da então estudante universitária podemos perceber que desde os primórdios da Internet já estava presente o anseio de estabelecer comunicação entre as pessoas, superando a barreira espaço-temporal.

⁶ Disponível em: <<http://www.intel.com/content/www/us/en/communications/internet-minute-infographic.html>>. Acesso em 5 out. 2013.

Em 1993, ainda estudante de Engenharia de Computação PUC-Rio, comecei a ouvir falar de uma coisa muito louca que prometia revolucionar a maneira como as pessoas se comunicariam pelos próximos anos. Era como uma grande onda se formando no horizonte... A ideia era simples: através de uma rede de computadores, as pessoas poderiam trocar informações, estudar, bater papo, enfim, elas estariam mais próximas, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância! Essa proximidade se daria a um nível tão intenso, que nada seria comparável a essa novidade, nem o bom e velho telefone. [...] Lembro que, depois de ler um primeiro artigo sobre aquela “coisa”, entrei na sala de aula perguntando animada para os meus amigos: “Vocês sabiam que já é possível mandar uma mensagem para alguém no Japão e ela chegar em poucos segundos?”. Uau! Aquilo era uma coisa inimaginável. (PEDREIRA, 2006, p.41).

Atualmente, passados exatos 20 anos da experiência vivida por Pedreira (2006), constatamos que a Internet se consolidou, deixando de ser uma promessa tornou-se parte integrante da vida de milhões de pessoas. Esta adesão consistente das pessoas, em especial das crianças e dos jovens, tem gerado novas demandas e novas configurações das escolas, dos professores, das editoras, dos jornais e revistas impressos, dos canais de televisão; enfim, todos aqueles que tradicionalmente detiveram o domínio da informação e do conhecimento.

Neste contexto, atualmente os *sítes* de redes sociais figuram-se como ápice do anseio das pessoas de se apropriarem do ciberespaço para a comunicação e socialização. Por diversas razões que pretendemos elencar durante a pesquisa, a Internet cresce a cada dia como veículo de comunicação e interação social. Isto não diz respeito apenas ao tema da inovação tecnológica, pois, ao inaugurar uma nova plataforma, a Internet contribui para mudança em diversos aspectos da vida das pessoas. Assim, entendemos que ao mesmo tempo em que o homem constrói e amplia a grande rede mundial, ele é por ela modificado e sua percepção do mundo, de si mesmo e dos seus semelhantes são significativamente afetadas.

Logo, a Internet e as redes sociais se constituem como importante território de formação de subjetividades, consolidando-se, desse modo, relevante o seu estudo para compreender o pensamento da juventude contemporânea, formada por “nativos digitais”, e suas formas de se relacionar, ser e agir no mundo cada vez mais tecnologicamente globalizado. Portanto, entendemos que o estudo da adesão à Internet e às redes sociais por parte dos adolescentes pode contribuir para a produção de conhecimento destas novas possibilidades de atuação destes sujeitos no ciberespaço e o quanto destas atuações neste novo espaço social pode contribuir na formação da subjetividade destes adolescentes.

Assim, ao dar voz aos jovens para falarem sobre a importância das redes sociais em seu cotidiano, juntamente com o referencial teórico, esperamos prestar um serviço que objetiva ser satisfatório aos próprios jovens, seus pais, suas escolas, a sociedade e o meio acadêmico, por somar esforço junto a outras pesquisas que se aventuram na prazerosa jornada de refletir aspectos efervescentes na contemporaneidade.

Desde modo, a Psicologia não tem se mostrado alheia às transformações contemporâneas. Ela tem empreendido esforço em atualizar-se frente a este novo cenário, marcado pelo digital, para se manter relevante e capaz de cumprir sua missão não somente com ações corretivas, mas também com ações preventivas, por meio do diálogo entre o seu arcabouço teórico e prático acumulado ao longo de sua história e a compreensão dos fenômenos sociais cercados pelo processo de digitalização e virtualização das relações sociais.

A Internet, de acordo com Nicolaci-da-Costa (2006, p.11), disponibiliza um cenário “alternativo para o desenrolar dos mais diversos aspectos da vida; individual e/ou social”. Desse modo, dentre outros importantes aspectos, por criar um espaço de vida, ela alcançou um importante papel no cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo.

O momento atual, em face da revolução tecnológica impulsionada pela Internet, pode ser entendido como momento de transição de modelos. Alguns paradigmas que reinam soberanos há séculos em nossa sociedade, como exemplo, os que sustentam os meios de comunicação tais como: telejornais, jornais e revistas impressos, rádios etc., o setor de educação e a produção e distribuição de informação e conhecimento estão sendo questionados e isto tem gerado intenso debate.

Desse modo, com a popularização das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC's), por meio da Internet, surgiram novos espaços de comunicação entre os sujeitos contemporâneos e seus diferentes grupos sociais. Estes espaços são repletos de interatividade, convergência de tecnologias e formas diferentes de relacionamentos. Neste contexto, encontram-se as redes sociais *on-line*, que integram estas novas formas de comunicação, ampliando a voz dos indivíduos de forma ímpar na história da humanidade, constituindo-se como espaços de subjetividade, que merecem nossa atenção e estudo.

Neste sentido, Mamede-Neves e Duarte (2008) afirmam que intensos debates têm ocorrido em torno da relevância dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação na constituição do conhecimento. Sendo assim, elas escrevem:

Philippe Breton (2000), pesquisador do Laboratório de Sociologia da Cultura Européia de Strasbuorg e professor da Universidade Paris I (Sorbonne), classifica seus autores em três grandes posições: “os que são militantes do grupo ‘tudo é internet’, prosélitos de uma nova cultura; os tecnofóbicos, hostis a qualquer técnica, e os que pensam que o uso racional da tecnologia da informação pode, em certas condições, ser fator de progresso” (p. 13). Os primeiros defendem um só ponto de vista possível e legítimo para essa questão, calcados na crença de que somente haverá um mundo melhor graças à instauração de uma sociedade mundial de informação; os segundos ainda constituem a maioria, segundo Breton; veem a tradicionalidade das fontes do conhecimento com as qualidades de Paladino, em oposição às novas tecnologias da informação e da comunicação, uma “caixa de Pandora”: um alerta mitológico à curiosidade de homens e mulheres, uma verdadeira lição de prudência. Os terceiros, dentre os quais, segundo o autor, está hoje a maioria dos docentes, avaliam como positiva a possibilidade de incorporar, reconhecer e aproveitar as vivências dos alunos com as tecnologias que estão para além do espaço escolar, no sentido de construir e desenvolver eficientes práticas pedagógicas. (MAMEDE-NEVES; DUARTE, 2008, p. 770).

Embora em seu artigo o foco seja especificamente o uso das TIC's nas escolas como ferramentas pedagógicas, o que difere da nossa proposta nesta pesquisa, entendemos que Mamede-Neves e Duarte (2008) inserem a problematização atual acerca do devido espaço que as TIC's ocupam em nossas vidas cotidianamente. Assim, a variedade de entendimentos e opiniões sobre o uso e impacto destas novas tecnologias na sociedade contemporânea nos auxilia na contextualização e delimitação do tema de pesquisa deste projeto.

Ao longo da história é comum observar o intenso debate que surge sobre o uso de novas tecnologias, principalmente quando estas introduzem outros modos de realizar determinadas atividades em oposição ao *modus operandi* clássico, propiciando a oposição entre as gerações mais jovens, que geralmente aderem com mais facilidade às novas tecnologias, e a geração mais velha, que, em linhas gerais, tem a tendência de enxergá-las com restrições e estão sempre alertas quanto aos possíveis riscos que tais tecnologias possam propiciar.

Neste sentido, Powers (2012) destaca que a geração atual vivencia a experiência inédita de viver em um mundo repleto de telas⁷ digitais. Porém, embora

⁷ O autor utiliza a palavra “tela” ao longo de sua obra para se referir a todos os aparelhos digitais, tais como: *desktops* e *notebooks*, telefones celulares e *smartphones*, *e-readers* e *tablets*.

possa parecer para determinados grupos que nós estamos em um “território inexplorado”, isto não se sustenta ao contemplarmos a história da humanidade, pois veremos que os seres humanos têm usado a tecnologia para se conectarem ao longo de milhares de anos. E sempre que surgiram novos recursos tecnológicos, apareceram também os mesmos tipos de desafios que enfrentamos na atualidade em relação à proliferação do uso das TIC's em nosso cotidiano: correria, sobrecarga de informações, sensação de perder o controle da vida, entre outras. Portanto, o autor assevera que estes desafios já se encontravam presentes, por exemplo, há dois milênios atrás e causavam o mesmo tipo de impacto na sociedade da época. Para desenvolver sua hipótese Powers (2012) selecionou sete momentos históricos similares a nossa em relação à efervescência tecnológica e também similar à confusão imposta por tais tecnologias. Também escolheu sete pensadores que refletiram sobre as ferramentas destas respectivas épocas, são eles: Platão, Sêneca, Gutenberg, Shakespeare, Franklin, Theoreau e McLuhan.

Nesta pesquisa nos limitaremos ao primeiro pensador selecionado por Powers (2012), sendo assim, Platão, no diálogo intitulado “Fedro”, descreve o encontro de Sócrates com o jovem Fedro em Atenas, por volta do final do século V a.C., e sobre este diálogo, Powers (2012) entende que neste discurso a conectividade humana é explorada em uma época que também vivenciava uma revolução tecnológica significativa. Naquele momento uma nova e revolucionária forma de comunicação - a linguagem escrita - estava cada vez mais ganhando adeptos na Grécia, que era uma sociedade até então marcada pela oralidade. Tal revolução tecnológica preocupava os eruditos da época, principalmente os possíveis efeitos nos diversos aspectos da vida e na mente das pessoas que tal mudança poderia proporcionar.

2.1 A transição entre a sociedade oral e a linguagem escrita

Fedro conta para Sócrates que acabara de passar a manhã inteira ao lado do famoso orador Lísias, ouvindo o seu mais recente discurso. Sobre isto, Powers (2012, p.84) comenta: “Assim, como as redes sociais e vídeos virais causam furor hoje, na Grécia obcecada pela retórica não havia nada mais legal do que se sentar ao pé de um orador brilhante, solvendo cada palavra.”.

O jovem havia se encantado com o discurso de Lísias e estava caminhando e refletindo sobre ele ao encontrar com Sócrates. Após responder ao filósofo de onde vinha, Fedro o convida para um passeio para ambos refletirem sobre o discurso e assim eles se dirigiram para fora da cidade para a sombra de uma árvore.

Fredo discorre sobre o tal discurso, porém, ele recorre ao auxílio de transcrições de trechos do discurso que ele havia feito, pois sabia que Sócrates, como este já tinha alertado, não iria aceitar um simples resumo da argumentação de Lísias. O filósofo queria que Fedro reproduzisse o tal discurso na íntegra, palavra por palavra, o mais próximo do original. Entretanto, Fedro argumentou que seria humanamente impossível se recordar apenas pela memória. Então, ele, confirmando a suspeita do mestre, retira, com receio, de debaixo da manta sua cópia da transcrição do discurso. De acordo com Powers (2012, p.88), “a questão é que ao se dirigir para sua caminhada meditativa, o homem mais jovem havia levado consigo uma ferramenta que se valia da tecnologia de comunicação mais recente, a língua escrita baseada em um alfabeto”.

Fredo ficara intimidado em retirar a transcrição do discurso de Lísias diante de Sócrates, pois sabia que o mestre não aprovava a popularização e adesão ao processo de escrita. Powers (2012) lembra que civilizações antigas, a exemplo dos egípcios, já dominavam sistema de escrita pré-alfabéticos. Também naquela época o alfabeto grego já havia sido inventado a centenas de anos, mas sua aceitação se deu em um processo extremamente lento e somente no tempo de Sócrates e Platão esta tecnologia estava ganhando força.

Assim, o jovem descreve os argumentos de Lísias e Sócrates responde com entusiasmo sobre a explanação de Fedro sobre o tal discurso. Entretanto, de acordo com Powers (2012) o mestre não percebeu que o sucesso da explanação de Fedro estava relacionado ao fato dele ter transcrito o discurso, e tal proeza foi a chave para o momento que eles experimentaram ali. Powers (2012) descreve o posicionamento de Sócrates acerca da linguagem escrita por meio da história que o filósofo apresenta a Fedro:

Rumo ao fim do diálogo, ele aborda a nova tecnologia e a questão de se a língua escrita serve a algum propósito útil. Conta a história de um deus egípcio chamado Tot que inventou muitas “artes”, incluindo aritmética, geometria e astronomia. Mas sua maior descoberta foi a linguagem escrita. Tot mostrou sua invenção ao rei do Egito, prometendo que ela “tornaria os egípcios mais sábios” e “melhoraria a memória deles”. O rei não se impressionou. Pelo contrário, ele disse a Tot que a escrita faria com que as

peessoas se esquecessem com maior facilidade. Uma vez que algo fosse gravado dessa maneira exterior, com o uso de letras, eles não sentiriam mais a necessidade de “lembrar por dentro, completamente por conta própria”, ou seja, pela mente deles. Pior, usariam a escrita para aparentar conhecimento, quando estariam na verdade meramente papagueando o que leram. “Eles seriam irritantes”, diz o rei, “obtendo a reputação do conhecimento sem o deter na realidade.” (POWERS, 2012, p.91).

Sócrates compartilha da visão do rei sobre a linguagem escrita e ainda acrescenta mais elementos contrários em relação à nova ferramenta. Powers (2012) escreve que Sócrates diz a Fedro que a escrita é uma ferramenta perigosa, porque impede que as ideias sejam dinâmicas e possam mudar em tempo real. Para ele a conversa oral é uma via de mão dupla e a linguagem escrita como via de mão única, estagnada, alheia a debates e impossível de alterar sua posição. Ela se assemelha a uma pintura, que em sua perspectiva pode até parecer viva, mas se alguém lhe dirigir uma pergunta, não haverá resposta, somente silêncio. Para resumir em uma palavra, Sócrates considera um trecho escrito como algo morto.

Como temos visto, Sócrates e Platão experimentaram intenso período de transição e turbulência tecnológica. A partir da narrativa de Platão em *Fedro*, é razoável deduzir que Sócrates se equivocou quanto à nova ferramenta. Powers (2012) escreve que tem ocorrido ao longo do tempo especulação em busca de compreender como Sócrates errou tanto em relação ao surgimento da escrita. Neste sentido Petry (2012, p. 151) escreve:

Com a genial invenção das vogais no alfabeto grego, a escrita estava se disseminando pela Grécia antiga – e Sócrates temia um desastre. Apreciador da linguagem oral, achava que só o diálogo, a retórica, o discurso, só a palavra falada estimulava o questionamento e a memória, os únicos caminhos que conduziam ao conhecimento profundo, à sabedoria. Temia que os jovens atenienses, com o recurso fácil da escrita e da leitura, deixassem de exercitar a memória e, como a palavra escrita não fala, perdessem o hábito de questionar. Sua mais conhecida diatribe contra a escrita está em *Fedro*, de Platão, seu fiel seguidor. Ali, Sócrates diz que a escrita daria aos discípulos “não a verdade, mas a aparência da verdade”. O grande filósofo intuiu que a transição da linguagem oral para a escrita seria uma revolução. Foi mesmo, só que numa direção promissora. Permitiu o mais esplêndido salto intelectual da civilização ocidental.

Percebe-se no discurso de Sócrates, que também era compartilhado pelos sábios da época, que havia uma preocupação em relação ao contato dos jovens com a nova tecnologia. Elencavam-se diversas razões para que os jovens não se deixassem seduzir pelas “facilidades” da linguagem escrita em detrimento da

consolidada linguagem oral, retórica e dominada pela elite pensante da sociedade grega, escreve Powers (2012). Entretanto, a linguagem escrita sobreviveu às críticas de Sócrates e de alguns eruditos de sua época e conquistou a soberania com a invenção de Gutenberg.

Powers (2012) e Petry (2012) concordam que hoje vivenciamos novamente a mesma inquietação frente ao surgimento de novas tecnologias que estão revolucionando a forma da sociedade contemporânea de se comunicar e se relacionar, e isto trouxe novas opções frente aos modelos já estabelecidos de forma de aquisição e divulgação do conhecimento e comunicação. Se na época de Sócrates a nova tecnologia impulsionava o movimento na direção da oralidade para a escrita, hoje na Internet e nas redes sociais vivenciamos o movimento de uma escrita sim, porém, mais alinhada com elementos da oralidade e totalmente integrada com elementos do hipertextos e da hipermídia.

2.2 A transição da linguagem escrita para a Internet

Santaella (2011) discute como as novas tecnologias da linguagem foram ao longo do tempo preparando a humanidade para experimentar a multiplicidade de mídias e linguagens que podemos perceber, por exemplo, no ciberespaço e evidentemente nas redes sociais. Assim, a autora propõe um percurso que se inicia com a perda da hegemonia da cultura do livro impresso: “a cultura do livro e do texto impresso reinou soberana. Estendendo-se do século XV ao XIX, essa foi a era das letras, na qual o texto escrito dominou como produtor e difusor do saber e da cultura.” (SANTAELLA, 2011, p. 286). Segundo a autora, devido às suas particularidades, o livro impresso propiciou mobilidade à informação, promovendo a popularização e o rompimento das barreiras elitistas que restringiam o saber proveniente da linguagem escrita apenas aos pequenos grupos de eruditos religiosos e membros da nobreza, alargando, assim, consideravelmente, as fronteiras do acesso à leitura, que conseqüentemente trouxe impactos significativos na vida social, política e cultural.

Santaella (2011) descreve a transição entre a era das letras e a era das imagens, que gradualmente foi minando a hegemonia do livro. Já o jornal, “paralelo ao livro”, enfrentava obstáculos em relação às limitações do tempo de transporte das notícias, que tinham sua sobrevida comprometida. A invenção do telégrafo por

Samuel Morse contribuiu para suprir essa deficiência. Outra tecnologia que juntamente com o telégrafo concorreu para o crescimento do jornal foi a invenção da fotografia. O telégrafo auxiliou com a transmissão à distância e a fotografia com seu potencial documental. Ambos conduziram o jornal a um crescimento explosivo, que se tornou exponencial com o aperfeiçoamento da prensa manual para a prensa mecânica.

Retornando a Mamede-Neves e Duarte (2008, p.778), percebemos que “os jovens de hoje vêm migrando do livro, jornal e revistas impressos para a internet, onde acreditam poder encontrar tudo de que necessitam para se manter informados e vinculados ao seu grupo, assim como para aprender”. Portanto, não obstante ao intenso debate sobre o uso das TIC’s, a juventude contemporânea tem se engajado ao desenvolvimento tecnológico contemporâneo, em especial ao desenvolvimento e popularização da Internet e *smartphones*, que possibilitam acesso aos atuais *sites* de redes sociais. Assim, alheios aos debates, os jovens têm se apropriado destes espaços *on-line* como meio de comunicação, sociabilidade, estudo, lazer, ponto de encontro, tornando estes *sites* elementos importantes na formação da subjetividade da juventude contemporânea, conforme demonstra o trecho da pesquisa “*Jovens em Redes*”:

O estudo constatou que esses jovens elegem a internet como o espaço privilegiado de construção de conhecimentos, de possibilidades de encontro, de comunicação e de lazer, pelas múltiplas possibilidades que ele oferece ao articular imagem e texto, de forma indissociável. [...] Deixando de professar a primazia do texto impresso como fonte exclusiva de conhecimentos válidos. (MAMEDE-NEVES; DUARTE, 2008, p. 778).

A adesão dos jovens à Internet e às redes sociais em detrimento à cultura do livro impresso tem provocado mudanças significativas no mercado editorial mundial. No início as grandes empresas do setor não acreditavam no sucesso desta então nova tecnologia. Pedreira (2006, p. 45) escreve: “No final de 1994 a revista *Times* dizia que a Internet não seria muita coisa e que não havia sido feita para realizar comércio. A *Newsweek*, em fevereiro de 1995, teve a ousadia de estampar na manchete: *The Internet? Bah!*”. Entretanto, em dezembro de 2012, a revista americana *Newsweek* anunciou que iria migrar-se inteiramente para o formato digital, após 80 anos de publicação da revista impressa.

Neste mesmo percurso, em março de 2012, a empresa responsável pela publicação da Enciclopédia Britânica anunciou o fim da edição impressa. Por cerca de dois séculos e meio a Enciclopédia Britânica impressa conseguiu responder a

demanda de seu público por informação. Houve época em que ter uma enciclopédia era motivo de ostentação, tínhamos a sensação que todo o conhecimento do mundo estava contido ali naqueles vastos exemplares. Com a chegada da Internet, até mesmo a enciclopédia em *CD-ROM*, que era uma inovação em relação ao livro impresso, ficou ultrapassada, pois a Internet possibilitou e alimentou demandas de atualizações constantes e se possível em tempo real dos acontecimentos. Desta maneira, a digitalização dos livros convoca a ruptura com o sistema clássico de educação predominante há vários séculos, e os jovens são aqueles que mais vivem as consequências desta mudança.

Com a chegada destas novas tecnologias na sala de aula, impulsionadas em muitos casos pelo uso da tecnologia em casa, conforme Gabriel (2013), nos dias de hoje podemos ver crianças de três anos de idade já utilizando *tablets*, *smartphones* com acesso sem fio à Internet cotidianamente em suas casas e isto conduz os professores e as escolas a refletirem sobre o uso destas novas tecnologias. Desse modo, até mesmo instituições de controle clássico do saber e da mídia estão sucumbindo frente às novas configurações subjetivas que são moldadas nos múltiplos espaços de atuação na Internet e principalmente nos diversos tipos de *sites* de redes sociais.

2.3 A transição da Internet para as Redes Sociais Virtuais

Em meados dos anos 2000 a Internet popularizou-se de tal forma que passou a se fazer presente no trabalho e nas residências das pessoas. Desse modo, a rede mundial de computadores consolidou-se como nova plataforma de comunicação e entretenimento. Neste contexto as condições ideais para o surgimento dos *sites* de redes sociais estavam estabelecidas. Na medida em que os anos avançaram as redes sociais foram ganhando cada vez mais espaço e o ano de 2004, nesta perspectiva, pode ser considerado o ano das redes sociais, pois os principais *sites* deste segmento foram lançados: o Orkut (janeiro de 2004), o *Flickr* e o *Facebook* (ambos em fevereiro de 2004). Estes *sites* contribuíram para que as redes sociais passassem a conquistar massivamente a adesão dos internautas e as transformaram em extraordinários empreendimentos do mundo dos negócios (DAQUINO, 2012).

Já no ano de 2012, com a consolidação da popularização dos dispositivos móveis, principalmente dos *smartphones*, as redes sociais ganharam maior presença no cotidiano das pessoas. De acordo com artigo na seção de economia do portal <http://economia.uol.com.br>, o próprio Mark Zuckerberg, fundador e presidente executivo do *Facebook*, declarou que: "Em 2012, conectamos mais de um bilhão de pessoas e nos tornamos uma companhia de serviços móveis"⁸.

Bilhões de pessoas em todo mundo estão conectadas por meio de dispositivos móveis e computadores a estes *sites* de redes sociais. Os brasileiros ocupam uma posição de destaque nestes números que têm causado impactos significativos, não apenas no mundo dos negócios, mas também na forma dos jovens e adolescentes contemporâneos estabelecerem laços sociais e constituírem novos processos comunicacionais, criando um novo modelo de comunicação de massa interativo com um poder de expansão ímpar na história humana.

Portanto, uma nova cultura emergiu em meio ao desenvolvimento tecnológico da Internet, novos espaços de vida, novos fluxos de transmissão de informação e comunicação, e novas formas de organização social. Também houve mudanças na relação de tempo e espaço, de público e privado que se estabeleceram com o advento da Internet e foram multiplicadas exponencialmente pelas redes sociais.

Recuero (2009) cita dois acontecimentos do ano de 2008 para demonstrar a relevância das redes sociais na Internet na sociedade contemporânea. O primeiro evento refere-se à campanha presidencial americana entre os candidatos Barack Obama e John McCain, que utilizaram maciçamente as redes sociais, com destaque para *Twitter* e *YouTube*. A adesão das pessoas à campanha na Internet foi refletida no comparecimento expressivo às urnas, configurando um dos maiores índices na história das eleições norte-americanas. O segundo evento ocorreu aqui mesmo no Brasil, e trata-se do movimento nas redes sociais em favor das vítimas das fortes chuvas que assolaram o estado de Santa Catarina. De acordo com Recuero (2009, p.16), "essas ferramentas mobilizaram pessoas, agregaram informações, criaram campanhas e protagonizaram a linha de frente do apoio que Santa Catarina recebeu". O termo utilizado por Recuero (2009) "protagonizaram" em relação ao papel das redes sociais na mobilização nacional em prol de Santa Catarina, juntamente com a difusão de informação em torno da campanha presidencial

⁸ Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/valor-online/2013/01/30/lucro-do-facebook-encolhe-688-no-4-trimestre.htm>>. Acesso em: 12 fev 2014.

americana, exemplifica as mudanças que temos acompanhando na sociedade em nossos dias e têm afetado “profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social” (RECUERO, 2009, p.16). Na perspectiva da autora tais mudanças são frutos do “advento da Comunicação Mediada pelo Computador” (p.16). Uma observação importante apresentada por ela é que a tecnologia digital foi além do que permitir apenas comunicação entre os sujeitos, ela amplificou a possibilidade e a capacidade de conexão entre as pessoas, propiciando o surgimento e a manutenção de redes sociais mediadas pelo computador. Portanto, as conexões sociais estabelecidas pelas pessoas no ambiente *off-line* puderam ser transportadas para o ambiente *on-line* e no ambiente digital estão se configurando em uma nova plataforma, que potencializa e se reinventa a cada dia.

Entretanto, o estudo de redes sociais não é algo novo, relacionado somente ao advento da Internet, pois, como já mencionamos, antes da mediação tecnológica, as pessoas já estavam imersas em estruturas sociais que se organizam em redes, na família, no trabalho, nos estudos etc., e até mesmo, na sociedade atual vivemos um hibridismo entre as redes sociais *off-line* e as redes sociais *on-line*.

Recuero (2009) escreve que o paradigma científico anterior ao século XX, defendido por significativa parte dos cientistas, era pautado pela ótica do modelo analítico-cartesiano. Nesta perspectiva, a preocupação era dissecar os fenômenos, isolando cada uma das partes em estudo detalhado com a intenção de por este percurso compreender o todo. Porém, desde o início do século passado, começou a surgir estudos “que trazem o foco para o fenômeno como constituído das interações entre as partes” (RECUERO, 2009, p.17). Dentre estes estudos, a autora destaca a denominada Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida por Ludwig Von Bertalanffy nas décadas de 1940 e 50, cuja premissa principal era empreender a busca por compreender os fenômenos de forma integral e não mais como independentes uns dos outros. “Ou seja, para entender um fenômeno é necessário observar não apenas suas partes, mas suas partes em interação” (RECUERO, 2009, p.17).

Dessa forma, segundo Recuero (2009), os estudos da Teoria Geral dos Sistemas foram ao encontro de outras abordagens que também buscavam superar o modelo analítico-cartesiano. E, em síntese, aos poucos a perspectiva sistêmica ou relacional foi ganhando cada vez mais espaço e este movimento na década de 1960 revitalizou os antigos estudos, trazendo-os novamente à atenção da comunidade científica. Dentre estes encontram-se os estudos de redes, que inicialmente

despertou interesse entre os matemáticos e, posteriormente, conquistou a adesão também de diversos ramos das Ciências Sociais.

Entretanto, de acordo com Recuero (2009), os estudos de redes sociais no Brasil ainda são repletos de fórmulas e conceitos matemáticos ou *softwares* de análise de distribuição das redes na Internet. Não obstante, esta autora chama a atenção para que a perspectiva de aproximação dos pesquisadores das ciências sociais nos estudos das redes sociais na Internet se fundamenta na “necessidade de construção empírica tanto qualitativa quanto quantitativa que busca, a partir da observação sistemática dos fenômenos, verificar padrões e teorizar sobre os mesmos.” (RECUERO, 2009, p.22).

Alinhado com a perspectiva proposta por Recuero (2009) este trabalho busca participar do debate sobre as redes sociais na Internet tendo como foco compreender como essas redes modificaram os processos sociais, comunicacionais e informacionais e a contribuição desta modificação na subjetividade de adolescentes imersos no ciberespaço e que elegem atualmente a mediação tecnológica como principal ferramenta de interação social.

Portanto, esta pesquisa não se prende especificamente a nenhuma ferramenta de redes sociais e também não se caracteriza em análise de redes sociais, quer seja *off-line* quanto *on-line*. O nosso olhar, desse modo, está integralmente voltado para os sujeitos que se apropriam destas ferramentas e nelas encontram um novo palco de atuação, pois na atualidade a Internet é uma realidade presente no cotidiano de milhões de pessoas em todo mundo. E isto ocasionou mudanças significativas na sociedade. Recuero (2009) destaca como uma das principais mudanças a nova modalidade de expressão e sociabilização por meio de ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Porém, em nosso entendimento, hoje após a explosão dos *smartphones*, que deu aos telefones celulares status e capacidade de computadores portáteis e presentes em todos os momentos com as pessoas, preferimos no presente trabalho utilizarmos a ideia de comunicação mediada pelos recursos tecnológicos ancorados na Internet, ou seja, *sites* e aplicativos que são executados a partir de qualquer dispositivo eletrônico com acesso à Rede.

Não obstante a esta breve ressalva, estamos de acordo com Recuero (2009) na perspectiva de que estes novos recursos tecnológicos propiciaram que os sujeitos pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros sujeitos, deixando

rastros que tornam possível o reconhecimento de determinados padrões, conexões e mapeamento de suas redes sociais. “É O surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na Internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90”. (RECUERO, 2009, p.24)

Assim, Recuero (2009) indica que a definição de uma rede social *on-line* surge primeiramente do entendimento das redes sociais *off-line*, que em síntese são formadas por dois elementos: os atores, que podem ser pessoas, instituições ou grupos – os nós da rede, e suas conexões, que se constituem em interações ou laços sociais. Desse modo, a rede é uma metáfora para se observar os padrões de conexões edificadas entre os múltiplos grupos de atores. Portanto, trata-se de uma abordagem que tem como foco a estrutura social e, nesta perspectiva, é impossível isolar os atores sociais de suas conexões e o mesmo vale para o contrário.

Entretanto, como já afirmado, se o estudo de redes sociais não é novidade, o que há de novo nos estudos das redes sociais na Internet? De acordo com Recuero (2009, p. 24), este estudo foca na questão de como “as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas”. Ou seja, no caso das redes sociais *on-line* existem algumas peculiaridades pertencentes ao ciberespaço e a mediação dos recursos tecnológicos que modificam a forma de organização social que superam as redes sociais *off-line*, seja pela superação das barreiras geográficas, temporais e principalmente pela velocidade e fluxo de recursos comunicacionais disponíveis nas redes sociais na Internet. Isto é consenso entre os pesquisadores com quem temos dialogado ao longo da pesquisa, que as redes sociais têm afetado significativamente o comportamento das pessoas que experimentam este fenômeno da atualidade, em destaque para os adolescentes.

2.4 As Redes Sociais e a adesão dos adolescentes

Segundo Belloni (2013) as culturas infantojuvenis, atualmente, são predominantemente marcadas pela presença das imagens e, de acordo com a autora, as imagens criam significados nos diversos tipos de comunicação. Assim,

mesmo com a recuperação da importância da palavra escrita, que fora abalada na era da televisão e se reergueu graças à Internet, “as novas gerações percebem e se expressam via imagens. Imagens produzidas e distribuídas tecnicamente são elementos extremamente significativos na construção dos imaginários infanto-juvenis e, portanto, das identidades e representações” (BELLONI, 2013, p.77). Seguindo esta linha de pensamento a autora conclui que as culturas dos jovens na atualidade são fundamentalmente audiovisuais, ou seja, multimídia

A constatação de Belloni (2013) vai ao encontro do pensamento Santaella (2011), pois ela descreve o processo de como novas tecnologias foram surgindo e tornando o processo comunicacional cada vez mais multimídia, conforme mencionamos anteriormente neste trabalho. Entretanto, a primeira chama atenção às diversas tentativas de nomear esta geração de jovens/adolescentes que nasceram na era da informática e do desenvolvimento das telecomunicações. A crítica da autora se situa no fato de que tais definições como *geração Y*, nativos digitais entre outras, em sua perspectiva, são limitadas, pois busca definir o fenômeno dando ênfase à tecnologia como catalizador do processo, como se esta fosse o elemento essencial de mudança em detrimento aos fatores sociais, culturais e psicológicos. Para autora e também para o interesse desta pesquisa “a questão é compreender como as mensagens midiáticas, que invadem o espaço privado e constroem o espaço público, concorrem para a construção das identidades infantis e adolescentes” (BELLONI, 2013, p.78). Ainda de acordo com a autora, os jovens se apropriam e interpretam essas mensagens midiáticas que são produzidas por profissionais, e, por sua vez, constroem “a partir delas suas culturas, uma nova ética e uma nova estética, um imaginário povoado de seres virtuais que lhes fornecem exemplos, valores e modelos de comportamento, mas também formas estéticas do que é belo e desejável” (BELLONI, 2013, p.78).

Embora, Belloni (2013) se refira às mensagens midiáticas de uma forma genérica, podemos analogamente nos referenciar às redes sociais, entendendo que elas também são produzidas por adultos profissionais a serviço de empresas orientadas pela ética do capitalismo, mas isto não faz parte do escopo desta pesquisa. Entretanto, queremos ressaltar aqui que os *sítes* em si de redes sociais não são neutros, do ponto de vista do apelo midiático, e são também conhecidos como mídias sociais. Assim, seguindo este raciocínio torna-se pertinente que surjam pesquisas que busquem criticamente compreender o impacto desta nova forma de

mídia de massa na constituição de identidades, comportamentos, desejos, enfim, na subjetividade de adolescentes e até mesmo de crianças que cada vez mais cedo se inserem no ambiente virtual e se apropriam destes espaços.

E, nesta direção, Belloni (2013, p. 78) assevera que “a adesão incontestável da quase totalidade dos jovens a essa nova forma de interagir com os pares. As redes sociais são hoje, provavelmente, o mais poderoso instrumento de formação de uma cultura de pares *on-line*”. A autora destaca que a horizontalidade e democratização do acesso, além da participação efetiva, propiciaram uma metamorfose no *modus operandi* de comunicação interpessoal. Dessa forma, elas se constituem em novos ambientes culturais, onde, de acordo com Belloni (2013), se entrelaçam novas formas de relações sociais que fornecem aos adolescentes novos cenários para explorar identidades e, portanto, contribuem para que eles experimentem novos modos de ser e estar no mundo, e isto, na perspectiva deste trabalho, é assimilado por cada sujeito em sua dimensão subjetiva.

2.4.1 O movimento “rolezinho” como exemplo da adesão e do poder de comunicação e conexões dos adolescentes nas redes sociais

Ribeiro e Ciscati (2014) descrevem que em 07 de dezembro de 2013, no período das férias escolares, um grupo de adolescentes resolveu marcar pelas redes sociais um encontro no estacionamento do *Shopping Metrô Itaquera* na cidade de São Paulo. Seis mil jovens, a maioria com idade entre 14 e 17 anos, aderiram ao convite realizado no *Facebook* para o encontro, inicialmente pacífico, para ouvirem *funk* ostentação.

Quando se iniciou o encontro dos jovens, os seguranças do *shopping* tentaram dispersar os adolescentes que, em vez de ir embora, foram para dentro das instalações do *shopping* e a partir daí ganharam as telas dos telejornais, tornando-se assunto no gabinete do prefeito da maior cidade do país, no gabinete do governador do estado de São Paulo e até mesmo no Palácio do Planalto.

O foco de nossa análise se dá no uso que estes adolescentes fizeram e ainda fazem das redes sociais, mas cabe ressaltar como a sociedade ficou assustada ao ver saltar do ambiente virtual para os espaços *off-lines* todos aqueles adolescentes, realizando ali o que fazem no ambiente virtual, encontros, conversas, fotos, conexões etc.. O movimento foi uma breve amostra do quão intenso é a vida *on-line*

destes adolescentes, principalmente nas redes sociais, pois, após diversas conversas com os participantes e organizadores do rolezinho, descobriu-se que o evento era marcado pelas redes sociais, preferencialmente o *Facebook* (RIBEIRO e CISCATI, 2014). Lá, milhares de jovens combinavam de ir a um determinado *shopping* e, assim, o rolezinho começava na Internet e todo o seu funcionamento dependia da rede.

Normalmente um jovem desconhecido busca encontrar outros adolescentes famosos na rede social, cujo perfil tem dezenas de milhares de seguidores. Estes adolescentes são chamados de “ídolos” ou “famosinhos” e funcionam como uma espécie de atrativo para o encontro ter sucesso. Após o fim do rolezinho, os adolescentes retornavam para o *Facebook* para publicarem as fotos do encontro. Segundo Ribeiro e Ciscati (2014) quem vai ao rolezinho quer ser visto. Dessa forma, o ciclo se completa, iniciava-se no *Facebook* com a organização do evento, o evento acontece no dia, local e hora marcados e após esta aparição no ambiente analógico, o evento retorna às suas origens digitais, continuando assim nas redes sociais com a publicação de fotos e vídeos, comentários, curtidas etc.. No infográfico abaixo Ribeiro e Ciscati (2014) descrevem em detalhes a dinâmica do rolezinho:

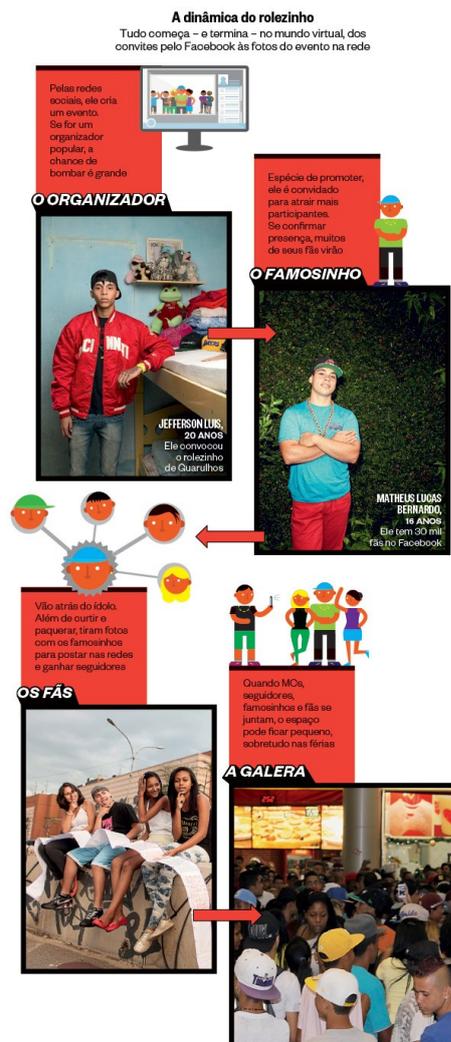


Figura 2: Infográfico: dinâmica do rolezinho.

Nesta breve apresentação do rolezinho, entendemos que omitimos propositalmente problematizar questões relevantes sobre este movimento social, pois, dentro dos objetivos desta pesquisa, nosso interesse é despertado pela amostra fornecida nestes eventos, do quão é ativo, dinâmico e desterritorizado os fluxos sociais destes adolescentes nas redes sociais. Temos uma amostra de como as redes contribuem para adesão dos adolescentes aos seus grupos de pares, que transcendem os muros de suas escolas, seus bairros e até mesmo seus encontros presenciais.

De acordo com Gouveia-Pereira *et al* (2010 p.191) “o grupo de amigos assume para os adolescentes a importância em vários níveis: suporte instrumental e emocional, ajuda na resolução das tarefas desenvolvimentais e na construção da identidade”. A aceitação no grupo propicia experiências emocionais positivas, por meio da aceitação e o reconhecimento do adolescente como agente de cooperação nas demandas de existência do próprio grupo e, em troca, o jovem recebe o “sentido da pertença, da solidariedade entre os membros do grupo, confirmando assim a parcela do autoconceito que deriva da partilha de uma identidade grupal” (GOUVEIA-PEREIRA *et al.*, 2010, p.191).

O grupo fornecer aos adolescentes um local privilegiado de identificação com os seus pares, pois neste espaço, eles podem conversar, compartilhar seus problemas, suas dúvidas, angústias, e/ou outros tipos de sentimentos sem o controle de um adulto. Portanto, “o grupo é uma entidade de socialização, na qual os adolescentes adquirem valores e competências que lhes servem de guia para o seu comportamento.” (GOUVEIA-PEREIRA *et al.*, 2010, p.191).

As redes sociais na atualidade são protagonistas neste processo de adesão dos adolescentes aos seus grupos de pares. Elas ampliaram o círculo social destes jovens, bem como os auxiliam na transposição de barreira físicas, geográficas, temporais e, principalmente, propiciam que estes grupos fiquem conectados e ativos praticamente nas vinte e quatro horas do dia.

Retornaremos mais adiante a discorrer sobre a relevância do sentimento de pertença para os adolescentes e a contribuição das redes sociais neste processo, bem como, no próximo capítulo, vamos inserir contribuições da Psicologia sócio-histórica para nos auxiliar na delimitação do conceito de adolescência que adotamos neste trabalho.

2.5 Simbiose entre a formação do homem e a tecnologia

Recuperando a memória do percurso percorrido, podemos observar que discorreremos sobre parte da história do progresso tecnológico, em especial o desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Entretanto, é importante ressaltar que a chave para compreender este percurso histórico neste trabalho é a problematização de como a humanidade, ao longo do tempo, sempre inventou tecnologias que afetam a própria humanidade, dando-lhes novas configurações e maneiras de ser e estar no mundo. Sobre isto escreve Lévy (1996, p.22): “cada forma de vida inventa seu mundo [...], e, com esse mundo, um espaço e um tempo específico. O universo cultural, próprio aos humanos estende ainda mais essa variabilidade dos espaços e das temporalidades”.

Lemos (1999) destaca que para o antropólogo Serge Moscovici a edificação da cultura é exatamente o que inaugurou o gênero humano e lhe concedeu a supremacia perante os demais animais, pois, por meio da cultura, a humanidade pode elevar-se acima da natureza e até mesmo transcendê-la. As conclusões de Moscovici demonstram que o homem, em nenhum momento, em suas diversas fases evolutivas, se prendeu de forma dependente apenas aos elementos orgânicos e instintivos; nesta perspectiva, a sociedade evidencia sua independência em relação à natureza. Um dos elementos que contribuem para isto é a capacidade e domínio das tecnologias, pois a técnica se forma de maneira simbiótica juntamente com a formação do homem, a ponto de pairar a dúvida se ele a forma ou é formado por ela. Assim, acrescenta Lemos (1999, p. 10), “o fenômeno técnico é a primeira característica do fenômeno humano [...]. O homem não pode ser definido, antropologicamente e socialmente, sem a dimensão técnica. Técnica é arte (*tekhnè*) de construção da vida”.

Podemos acrescentar ao texto de Lemos (1999) que também psicologicamente, o homem não pode ser definido sem levar em conta as diversas tecnologias desenvolvidas ao longo de sua caminhada histórica e evolutiva. O advento do trabalho e da vida em sociedade proporcionou um salto qualitativo no desenvolvimento da humanidade. Ao superar os limites impostos pelos aspectos biológicos, surgiu o cenário para a invenção da condição humana, de acordo com Bock (2004). Ela enfatiza que nesta perspectiva “as habilidades e os comportamentos humanos, (...) não estavam mais previstos pelo código genético.

Por isso dizemos que o homem não estava mais submetido às leis biológicas e sim às leis sócio-históricas”. (BOCK, 2004, p.28).

De acordo com a autora (2004, p.28), Vygotsky, em seu texto “Internalização das funções psicológicas superiores” (1994), consegue demonstrar “o desenvolvimento destas capacidades, a partir da combinação entre o uso do instrumento (de trabalho) e do signo (atividade psicológica). Essa combinação vai permitir que o homem vá além do imediato, por meio de uma reconstrução interna de uma operação externa.”.

Segundo Bock (2004) Vygotsky nomeou este processo de “internalização” e para ele esta representa a principal peculiaridade da psicologia humana, pois, por meio da aquisição interna das atividades cristalizadas socialmente e desenvolvidas historicamente, proporcionou ao homem um salto qualitativo para a psicologia humana em relação da psicologia animal.

Nesta abordagem, “é graças ao trabalho, entendido como emprego de energia humana para a transformação intencional da natureza, que os homens se põem nos objetos, humanizando-os”. (BOCK, 2004, p.28). Dessa maneira, ao empregar tal energia para modificar intencionalmente elementos da natureza, os homens deixam sua marca nos objetos criados. Portanto, Bock (2004, p.28) acrescenta: “o homem, por meio de sua atividade sobre o mundo material, humaniza o mundo, isto é, ao mesmo tempo em que atua e trabalha suas aptidões e conhecimentos vão se cristalizando, de certa maneira, nos seus produtos”. Desse modo, os homens se tornam criadores de suas criaturas, pois o mundo material é edificado por eles e ao solidificar suas habilidades adquiridas. Por meio de sua própria intervenção no mundo, em um ciclo contínuo de atuações, os homens internalizam as habilidades herdadas de gerações anteriores e deixam para as novas gerações, novas habilidades em novos objetos (BOCK, 2004).

Entendemos que os adolescentes atuam significativamente como agentes de apropriação das habilidades e tecnologias desenvolvidas pelas gerações anteriores, e podem ser o elo entre as gerações, por levar adiante tais conquistas para as novas gerações. E na atualidade as tecnologias digitais têm inaugurado e instalado o que Lemos (1999) denomina de a “civilização do virtual”, que tem conduzido à conversão do mundo em dados binários, ou seja, em informação, e isto atravessa todos os aspectos da cultura contemporânea: educação, economia, política, lazer, etc.. Esta possibilidade de virtualização do mundo torna tudo disponível a uma requisição

digital. Assim, “nós traduzimos o mundo em bits; ao mesmo tempo, os bits nos traduzem em informação. Somos todos pontos de troca nessa estrutura rizomática de informações”. (LEMOS, 1999, p.12).

Powers (2012), ao discorrer sobre a obra e importância do acadêmico canadense McLuhan, ressalta que, no contexto inicial de sua obra, o pensamento vigente sobre a tecnologia era: “são as ideias e as mensagens que importam não os instrumentos que os transmitem”. (POWERS, 2012, p.171). Mas, McLuhan se opôs a esta lógica e apresentou um novo argumento, alicerçado em seu pressuposto principal de que as ferramentas que criamos são extensões de nossos corpos. Dessa forma, o impacto das tecnologias nos seres humanos é superior ao impacto do conteúdo que elas carregam, e, portanto, para o acadêmico, “a linguagem escrita, por exemplo, é uma extensão de nossa visão, estende nossa visão no mundo, permitindo-nos reter a informação na forma de letras e palavras. Sempre que um novo instrumento conectivo é acrescentado à nossa caixa de ferramentas, estende outra parte de nós para o mundo exterior”. (POWERS, 2012, p.173).

Desta forma, podemos inferir que a história da técnica/tecnologia não é separada da própria história do homem. As mais distintas sociedades, culturas e agrupamentos humanos são atravessados por diversos recursos tecnológicos, desde os mais simples que são instituídos para subsidiar os requisitos básicos de sobrevivência até os mais avançados capazes de transportarem a humanidade para além dos limites físicos do planeta.

A inventividade, a arte de criar, faz parte das habilidades adquiridas pelo homem ao longo de sua evolução. Ao examinarmos a história da humanidade com este foco poderemos observar que determinadas invenções tecnológicas deram origem a um novo tipo de homem e de sociedade.

Na atualidade as redes sociais na Internet são mais que um modismo tecnológico. Elas são fruto de evoluções de compartilhamento social dentro do próprio ciberespaço e inauguram um novo tipo de sociedade: da sociedade da informação para sociedade do compartilhamento de informação. Não podemos prever a partir do advento das redes sociais como será a sociedade no futuro, mas com certeza este fenômeno, além de marcar o tempo presente, afetará também o tempo que há de vir. E neste momento de transição, os adolescentes que nasceram nesta nova ordem social/tecnológica são protagonistas na adesão ao uso do ciberespaço e das redes sociais.

No próximo capítulo buscaremos focar mais especificamente no estudo desta relação dos adolescentes com as redes sociais e identificar aspectos subjetivos que surgem desta relação que podem ser considerados marcantes na formação da subjetividade destes jovens na atualidade.

3. OS ADOLESCENTES, AS REDES SOCIAIS E A SUBJETIVIDADE

“Hoje em dia os filhos não se parecem com seus pais, eles se parecem com a sua época”.
(Morin apud Coutinho, 2009, p.53).

No capítulo anterior vimos o percurso tecnológico, que marca o contexto histórico no qual os adolescentes estão atualmente inseridos. Neste ambiente *tecnocultural*, com a consolidação do ciberespaço no cotidiano destes jovens e o uso massivo da Internet como forma de comunicação, juntamente com o uso expressivo das redes sociais, tem modificado significativamente as formas de interações sociais. Nestas redes cada vez mais aspectos de suas vidas ocorrem na dimensão virtual. Lá estes jovens vivenciam suas angústias, alegrias, tristezas, se expressam, conhecem novos amigos, mantêm amizades, transcendendo as barreiras temporais e geográficas. Assim, o ciberespaço e também as redes sociais são para eles fonte de informação, ponto de encontro, lugar de falar sobre trabalhos escolares, acontecimentos no país e no mundo que estão dentro do escopo de interesse ou simplesmente um lugar para *bater um papo, jogar uma conversa fora*.

Nossa proposta no capítulo anterior se apoia na premissa de que este cenário tecnológico é resultante de vários anos do surgimento e incorporação social de novas tecnologias, em especial, as tecnologias ligadas à atividade humana de comunicação e ao aperfeiçoamento da própria linguagem, entendida também aqui como uma tecnologia que acompanha a humanidade há milhares de anos. Não se trata de um produto finalizado, vivenciamos o desenrolar deste fenômeno histórico, notável suficientemente para se configurar como um marco na caminhada da humanidade e suas composições sociais ao longo do tempo. O tempo presente estabelece uma transição para uma nova Era de relações sociais mediadas pelos recursos tecnológicos, em que cada vez mais os limites entre o público e o privado estarão mais indefinidos.

Os adolescentes estão no centro desta mudança social impulsionada pelo desenvolvimento tecnológico na área de telecomunicação, o acesso e avanço da capacidade dos celulares, Internet e, em especial, as redes sociais. Desse modo, a perspectiva adotada neste trabalho entende que é necessário levar em conta o contexto histórico para compreender a adolescência nos dias atuais, bem como seus

hábitos, comportamentos e sentimentos; enfim, aspectos que podem contribuir para compor a subjetividade destes jovens. Para tanto, recorreremos neste momento aos estudos da Psicologia Sócio-histórica acerca da importância do contexto histórico na concepção do conceito de adolescência, bem como historicamente ele é construído.

3.1 A adolescência na perspectiva da teoria sócio-histórica

O conceito de adolescência geralmente difundido na Psicologia, de acordo com Tomio e Facci (2009), recebe influência das correntes que enfatizam a naturalização do conceito como etapa inerente ao desenvolvimento em resposta à maturação biológica. Conseqüentemente os fatores históricos e sociais a que estes indivíduos estão imersos são excluídos da análise e formulação do conceito. Por conseguinte, é alimentada a dicotomia entre o desenvolvimento do psiquismo de um lado e de outro, as relações sociais e históricas. A exclusão da vida concreta destes jovens, ou seja, a aceitação do ambiente onde eles estão inseridos, a história de vida de cada um em detrimento de conceitos abstratos e generalizantes, não inclui a importância do grupo social, que, para as autoras, é o alicerce das relações sociais dos adolescentes e se configura como um dos principais agentes propulsores de seu desenvolvimento.

Esta questão do grupo social e sua importância para os adolescentes é um dos fatores de significativa importância no objeto desta pesquisa, uma vez que as redes sociais *on-line* catalisam e ampliam as possibilidades de adesão dos adolescentes aos grupos de pares, o que ocorria mesmo antes do advento das redes sociais, porém, estas abriram novas possibilidades, fluxos, velocidades e conexão em tempo real, praticamente em qualquer hora do dia e em qualquer localização do planeta. Assim, indo de encontro com a postura naturalizante, Tomio e Facci (2009) buscam compreender a adolescência como um momento gerado a partir de condições concretas de vida, estreitamente vinculado à história da evolução social dos homens. Deste modo, elas se opõem à proposta de compreender este fenômeno pelo viés das alterações biológicas.

Bock (2004) afirma que ao nascer o homem não detém habilidades e aptidões históricas da humanidade, pois elas são fruto de conquistas e invenção ao longo do tempo. Assim, o homem ao nascer é um candidato à humanidade, que se faz

presente no mundo físico, fixado nos objetos, na linguagem e processos da vida humana. Portanto, as características humanas, bem como as configurações psicológicas, entendidas nas vertentes naturalizantes da psicologia como algo intrínseco ao homem, são, na proposta da psicologia sócio-histórica, aquisições da humanidade que estão disponíveis para o novo indivíduo, que, a partir de seu nascimento, pode iniciar o processo de apropriação destas habilidades e aptidões junto ao depósito de conhecimentos e habilidades acumuladas historicamente pela humanidade. Na medida em que ele tem contato com a realidade material e inicia o processo de apropriação contínuo destas conquistas, seu mundo psicológico se desenvolve, e este indivíduo cada vez mais se torna humano.

Tais concepções são importantes, de acordo com Bock (2004), para compreensão da adolescência, pois desconstroem o pressuposto tradicional de que ela surge naturalmente em consequência de um desenvolvimento natural/biológico. E demonstra que o indivíduo se apropria da humanidade que lhe é transmitida por seu contato com os elementos da cultura. Portanto, a diversidade social, que direciona diferentes formas de acesso a estes elementos culturais, produzem distintas formas e impacto no desenvolvimento psicológico dos indivíduos.

Na teoria sócio-histórica, segundo Bock (2004), a preocupação não consiste em saber o que é adolescência e sim perceber como ela foi historicamente constituída. Dessa forma, entende-se que a adolescência foi inventada pela humanidade. Na sociedade ocidental moderna surgiu a adolescência, com base em fatos sociais oriundos das relações sociais e na vida dos homens. Edificada como fato social, trata-se de um momento significado e interpretado, torna-se uma alternativa para os indivíduos de uma configuração de identidade social.

Para Bock (2004), as revoluções industriais geraram significativas alterações na forma de vida e na organização social. Estas revoluções trouxeram sofisticadas tecnológicas ao mundo do trabalho e passaram a demandar um tempo maior na formação oferecida pela escola, o que concentrou os jovens nas escolas e ao mesmo tempo os afastou do trabalho. Além da necessidade de formação dos jovens, o desemprego crônico, próprio da sociedade capitalista, impôs a exigência de atrasar a entrada dos jovens no mercado de trabalho para diminuir a disputa deles com os adultos pelos postos de trabalhos disponíveis. Assim, aumentar o tempo destes jovens na escola foi uma resposta imediata para amenizar tal impasse.

Bock (2004) acrescenta que o progresso da ciência elevou a expectativa de vida das pessoas e, conseqüentemente, também alimentou o impasse no âmbito do mercado de trabalho e da sobrevivência, e novamente a alternativa para diminuir a pressão social era manter os jovens por mais tempo na escola e, concomitantemente, retardar a entrada deles no mercado de trabalho, evitando a concorrência, mantendo-os sob a dependência financeira de seus pais. Assim, as condições para o ajuntamento destes jovens em grupos de pares estavam criadas. Além de ficarem mais tempo com seus iguais, os adolescentes também vivenciaram o distanciamento de seus pais e família. Neste cenário, a sociedade vê surgir um novo grupo social, com perfil coletivo de comportamento: a adolescência.

Desta forma, a autora conclui que a adolescência foi criada nesses eventos de cunho social impulsionados por uma sociedade orientada pelo capitalismo e a industrialização, que, ao mesmo tempo, necessita de mão-de-obra tecnicamente mais especializada e também precisa diminuir a oferta de trabalhadores disponíveis no mercado, pois até aquele momento os jovens eram contados como força de trabalho, o que estava causando desequilíbrio entre a oferta de trabalhadores e as vagas disponíveis no mercado. Portanto, inaugurou-se, por estas condicionantes históricas, um processo de distanciamento destes jovens do trabalho e uma mentalidade de preparação deles para a vida adulta.

As marcas corporais e o modo de relação com os adultos foram abstraídos para construir as significações da adolescência. Embora os jovens possuíssem capacidades físicas, fisiológicas, cognitivas e afetivas para serem inseridos no mundo dos adultos, foram desautorizados a isto, gerando a acentuação do elo de dependência destes jovens em relação aos adultos, distanciando o acesso à autonomia, mesmo que eles já apresentassem condições para participarem da sociedade de outra forma. Isto instituiu uma contradição na vida dos jovens e fomentou o surgimento das características que são classicamente identificadas pela corrente tradicional da psicologia como naturais ao desenvolvimento humano. Entretanto, para a autora, a origem destas características são historicamente constituídas nas relações sociais, ou seja, foram construídas historicamente na configuração social que organizou a sociedade ocidental contemporânea. Neste sentido, Bock (2004) propõe a desconstrução de que as marcas que caracterizam os adolescentes na sociedade atual têm sua origem apenas nos aspectos biológicos e exalta a importância da atribuição de sentido construído historicamente. O contexto

social em que os jovens foram colocados é evidentemente gerador da denominada “adolescência”. A moratória instituída, que é usada como pretexto para preservar o período de desenvolvimento dos jovens, é na verdade um produto da escolha do mundo adulto em colocar os jovens nesta espera (BOCK, 2004).

De acordo com Calligaris (2000) o conceito de moratória está relacionado com um lugar de espera em que o jovem moderno foi inserido. Situado entre a infância e a fase adulta, trata-se de um momento de transição que foi instituído para preencher a lacuna provocada pelo fato destes jovens não serem mais considerados como crianças e também ainda não serem vistos pela sociedade como adultos. Desta maneira, surge este momento de espera, que não tem nenhum ritual que marca nem seu o início e nem o fim. Ainda segundo este autor, os adolescentes por já superarem a fase da infância possuem discernimento para compreender determinados valores restritos somente ao mundo dos adultos tais como: sucesso financeiro, social, sexual e amoroso. Eles já adquiriram maturação corporal e mental necessárias para desempenhar tais atividades, porém, a moratória imposta pela sociedade lhes furta o acesso a tais atividades e, conseqüentemente, podem gerar determinados efeitos colaterais nos adolescentes, que se rebelam contra as injustiças oriundas da moratória, instituindo uma das marcas mais comuns neste período: a rebeldia comportamental.

A perspectiva sócio-histórica em suas argumentações levantam questões de cunho econômico, social e político para demonstrar que o conceito de adolescência é historicamente e socialmente construído. Entretanto, nos textos de Bock (2004, 2007) e Tomio e Facci (2009) a discussão apresenta-se pouco aprofundada, não na consistência da crítica, mas em relação ao olhar para a adolescência em outras culturas, ou até mesmo no desenrolar histórico da civilização e os tipos de exemplos citados para sustentar a crítica da naturalização da adolescência. De modo geral, esta ausência de profundidade no desenvolvimento histórico do conceito de adolescência esteve presente no discurso apresentado pela proposta sócio-histórica nos textos mencionados acima e para complementar esta discussão inserimos a significativa contribuição de Coutinho (2009), que nos apresenta bases sólidas para compreendermos como o conceito de adolescência foi surgindo ao longo da história e qual o lugar dos jovens em diferentes épocas e culturas.

O trabalho de Coutinho (2009) demonstra como se desenvolveu a construção social da adolescência na história da humanidade em suas variedades de

civilização, culturas e épocas. Dessa forma, percorreremos o percurso desenvolvido pela autora com intuito de complementar as significativas contribuições e argumentações das autoras discutidas anteriormente.

Coutinho (2009) escreve que a adolescência constitui uma invenção da cultura ocidental no final do século XIX, mas que obteve sua consolidação algumas décadas depois, já no século XX. O termo adolescência, a partir de sua origem etimológica, significa “crescer” e a autora ressalta que há registros na língua francesa do uso deste conceito já no século XIII. Entretanto, neste período surge apenas a palavra ligada ao gênero masculino, a inclusão do gênero feminino ocorreu mais tarde no século XV. Uma possível explicação para isto está no fato de que desde a Roma Antiga já existia uma palavra no latim (*adulescens*) para designar o momento de iniciação do rapaz na sociedade e sua atuação/cumprimento de suas obrigações no meio político, civil e militar. De acordo com Coutinho (2009, p.18), “tratava-se de uma fase intermediária na vida dos rapazes, entre o estado de *puer* (menino) e *juvenis* (homem novo), ao qual sucediam o *senior* (homem maduro) e o *senex* (velho)”. Já as mulheres não se encaixavam nestas categorias, pois elas eram transportadas do estágio “*puella* (menina)” para “*uxor* (esposa)”; assim, eram transferidas diretamente da propriedade do pai para o marido.

O conceito de adolescência é recente na cultura ocidental e inicialmente passou por conotações pejorativas e em 1850 ele foi incorporado aos dicionários com um sentido mais próximo do que temos difundido na atualidade (COUTINHO, 2009). Já o termo puberdade tem um percurso mais uniforme e mantém o sentido original até os dias de hoje. Este segundo termo está relacionado às modificações no corpo e na fisiologia dos indivíduos, marcando o fim da infância; já a adolescência está vinculada aos aspectos psicológicos e sociais. Para Coutinho (2009) isto pode ser uma possível explicação para a estabilidade do termo puberdade frente à instabilidade do termo adolescência no percurso histórico ocidental, impulsionado por mudanças profundas ocorridas na civilização do Ocidente desde a Antiguidade, e que continuam efervescentes na contemporaneidade.

Segundo a autora a adolescência surgiu em um período histórico cujas fronteiras entre as esferas privada e pública eram nitidamente delimitadas, mas com uma relação complexa e por vezes conflituosa, ficando a cargo do sujeito adolescente a tarefa de encontrar sua própria solução em situar-se ao transitar pelas

duas esferas, enquanto vivencia seu questionamento tido como típico exatamente por localizar-se entre ambas. O discurso sobre a adolescência deve ser entendido pela premissa de que se trata de um fato cultural, portanto, condicionado historicamente, cunhado em sua perspectiva atual em um contexto sociocultural orientado pelo individualismo, que remete a cada indivíduo a tarefa de gerenciar e conduzir o seu próprio destino, aderindo ao meio social da maneira que ele achar possível ou preferível.

Ao analisar mais detalhadamente a adolescência como fato cultural, Coutinho (2009) insere em seu trabalho a perspectiva da Antropologia na discussão deste tema. De acordo com a autora, os antropólogos constataram que alguns comportamentos típicos atribuídos aos adolescentes na cultura ocidental contemporânea não foram encontrados ao observar outras culturas/civilizações. Então, concluíram que o meio social contribuía para o surgimento das características consideradas típicas dos adolescentes e não ocorriam por causa de um momento cronológico na vida do homem. Portanto, a transição da infância para a fase adulta vivenciada como “crise adolescente” tratava-se de uma ótica exclusiva da civilização ocidental. Esta nova visão abriu a possibilidade de investigação do passado da própria cultura ocidental e de perceber que, em outros momentos, a adolescência se apresentou de maneira diferente ou até mesmo nem existiu.

Diferentemente da cultura ocidental marcada na modernidade pelo individualismo, em outras sociedades foi possível observar, por meio dos “rituais de iniciação”, que o aspecto coletivo é aí predominante; desta forma, a preparação do jovem para inserção na vida adulta recebe o interesse e a participação de toda comunidade. Nestas culturas, fortemente marcadas pelos rituais, não se encontra a dicotomia clássica da cultura ocidental entre crianças e adultos e sim, entre os iniciados e os não-iniciados, existindo também uma categoria intermediária formada por aqueles que já começaram o processo de iniciação, que pode ocorrer em cerimônia única, portanto de curta duração, ou se estender por vários anos, exigindo do jovem a superação de várias atividades probatórias.

De modo geral, de acordo com Coutinho (2009), os ritos de iniciação possuem um caráter sexual, que marca a entrada do jovem no mundo da sexualidade, o que conseqüentemente o conduz a se separar da mãe e aderir a uma nova identidade social. Mas, em geral, possuem um sentido mítico, relacionado com a origem daquele grupo social. Neste sentido, ao evocar o conceito de “rito de

passagem”, discutido por Van Gennep, a autora conclui que este é um dispositivo a serviço da integração das novas gerações à cultura, que conta com a participação de toda sociedade, que juntos celebram e reafirmam sua aderência interna. Dessa forma, o significado destes ritos vai além da iniciação dos jovens na sociedade, é uma evocação também para a sociedade consolidar os laços que sustentam a vida comunitária.

Neste diálogo com a pesquisa antropológica acerca dos ritos de passagem, Coutinho (2009) evidencia a ausência do conceito de adolescência em outras culturas e sim um período de transição do jovem, que não é individualizado, pois a comunidade participa deste momento, ou seja, o jovem vive sua transição atribuindo significado a ela de forma coletiva e em plena aquisição de um lugar social e simbólico, interpretado de acordo com a tradição construída e transmitida pelas gerações anteriores. Diante da constatação de que em outras culturas em nosso tempo não foi encontrado algo que se aproxime do conceito de adolescência como o concebemos atualmente, a autora propõe uma leitura da história da civilização ocidental em busca de localizar o surgimento da concepção de adolescência, bem como situar o lugar da juventude em cada época analisada.

Em um percurso a partir da Antiguidade greco-romana, passando pela Idade Média, Renascimento até os séculos XIX e XX, Coutinho (2009) lembra que um aspecto fundamental tanto na civilização grega quanto na romana é a veneração ao Estado e, a partir desta premissa, desenvolve sua articulação sobre a questão da adolescência na cultura grega e posteriormente na civilização romana, ou seja, na cultura antiga. Desse modo, a autora descreve que a vida social na Grécia girava em torno da *polis*, era bem organizada e gerenciada, movida pelo ideal grego que possuía raízes profundas na cultura e no modo de vida comunitário. A difusão e continuidade dos princípios de ideal demandavam ser transmitidos de geração em geração. E para tanto, a questão da educação dos jovens era de extrema importância nesta civilização. Desse modo, a *paideia* (sistema de educação grega) desempenhava na sociedade uma atuação que ultrapassava o ensino de um ofício ou técnica, dava acesso ao jovem a um conjunto de informações de cunho moral e psicológico, que o transportava a um nível de conhecimento comunitário, que era a base da existência da *polis* e, conseqüentemente, da cultura grega.

O início da *paideia* se dava em torno dos sete anos e neste momento os jovens eram entregues ao Estado, passando a partir daí a viver sob a tutela do

mesmo até os trinta anos, mesmo que se casassem antes disso. No centro da preocupação grega estava a preparação dos jovens para a Guerra, pois a prioridade era tornar os jovens capazes de defender a *polis*. E a estratégia para isto passava por um intenso e rígido programa de atividades físicas juntamente com o desenvolvimento de habilidades de sobrevivência em ambientes hostis. Vestígios destes propósitos afetaram a arte grega, o que culminou na valorização do corpo jovem, idealizado nas expressões artísticas, evidenciando a importância do jovem na civilização helênica. Os meninos entre quinze e dezoito anos entravam na categoria *efebo* e neste momento atingiam a maioridade civil e eram reconhecidos como cidadãos. Não obstante, ainda precisavam enfrentar diversas provas e rituais de iniciação denominados *efebias*. Embora a sociedade grega fosse predominantemente orientada por valores masculinos, havia indícios de uma versão feminina da *paideia*, escreve Coutinho (2009), existindo também uma versão destes rituais para as meninas. Entretanto, o fato de se separar tanto a *paideia* quanto as *efebias* em versões de acordo com o gênero demonstra que não havia igualdade de tratamento, com expectativas distintas para meninos e meninas.

Na cultura romana o processo de iniciação dos jovens era semelhante ao sistema grego (COUTINHO, 2009). A presença do Estado era também intensa, porém, diferentemente da civilização grega, os pais tinham maior participação na formação destes jovens. Os filhos de ambos os sexos moravam com eles e o pai era o responsável por decidir o momento de início de seus filhos na vida pública, o que geralmente ocorria em torno dos quinze anos. Para marcar esta transição seu pai lhe concedia o direito de vestir a *toge virile* e, a partir daí, ele era chamado de *adulescens*. Ocorria neste momento um ritual de iniciação composto por duas etapas: na primeira, de ordem privada, o jovem deveria abdicar-se dos objetos da infância e passar a noite anterior ao dia da cerimônia de iniciação trajando uma túnica específica. A segunda, de caráter público, o jovem seguia em cortejo até o fórum, local que representava o ápice da vida pública romana e, então, era iniciado.

Segundo Coutinho (2009), por meio da iniciação, o jovem (masculino) passava a ser denominado *adulescens*, tendo, neste momento, acesso à vida pública. O Estado era responsável por continuar sua formação, mas seu pai ainda mantinha poder sobre ele até que fosse autorizado por ele a constituir sua própria família, o que não ocorria antes dos trinta anos para os meninos. Já o casamento para as meninas era autorizado bem mais cedo, a idade mínima era de doze anos e

o pai, a partir desta idade, fixava uma ocasião em que ela deveria se casar. Portanto, na sociedade romana da Antiguidade tanto o termo quanto as práticas sociais e educativas para os *adulescens* que de fato ocorriam se aplicavam apenas aos jovens do sexo masculino. Apesar do maior poder dos pais na vida dos jovens romanos em relação aos jovens gregos, ambos tinham sua formação marcada pela presença ativa do Estado e pela mesma rigidez e imposição de disciplina no sistema de formação para a vida adulta, cujo princípio primordial apregoava o amor à pátria como superior ao amor à família.

O significado do termo adolescente, para Coutinho (2009), é complexo e atualmente relacionado à forma individual em que o jovem processa sua entrada à vida adulta e, sob esta ótica, a autora conclui que não havia adolescência nas civilizações greco-romanas. A elaboração deste conceito foi lentamente desenvolvida ao longo da Idade Média na medida que tomava corpo a concepção de indivíduo e alcançou maior consistência no final da era medieval.

Na Idade Média a presença de objetos pessoais era mínima e não existiam marcas que delimitavam as vestimentas, diferenciando-as de acordo com cada faixa etária; também o conhecimento da idade individual era algo extremamente raro (COUTINHO, 2009). Desse modo, tanto a infância como a adolescência eram um fato que passava despercebido como um momento peculiar da vida, e isto resultou em longos anos em que tanto a infância quanto a adolescência foram denominadas de forma genérica pelo termo *puer* (*menino/criança*). O sentido deste termo estava relacionado com o estado de submissão e dependência tanto da criança quanto do jovem. Coutinho (2009) escreve que as modificações corporais eram desprezadas a ponto de não aparecer palavra específica na língua corrente para descrever tal fenômeno. A autora acrescenta que o grande diferencial introduzido na Idade Média em relação à Antiguidade foi a saída do Estado do processo de educação dos jovens. Esta tarefa foi transferida diretamente para os pais. Neste momento, a base da manutenção da união das famílias não era afetiva e sim econômica. Tratava-se de garantir a sobrevivência do grupo familiar por meio da organização e distribuição das tarefas de trabalho. Outra característica importante deste período é a forte inclinação para a sociabilidade, que se manifestava nos encontros e intercâmbio entre as famílias. A maioridade legal ocorria por volta dos doze anos, mas estava mais relacionada com a possibilidade de imputabilidade penal do que com a

independência jurídica ou política do jovem; no caso das meninas, elas saíam da propriedade do pai para a do marido.

A Idade Média foi palco do surgimento das escolas na formação dos jovens, inicialmente atuavam fundamentalmente na educação religiosa, pois o domínio da Igreja, segundo Coutinho (2009), passava por todos os âmbitos da vida social. Mas, aos poucos, as escolas foram ampliando o currículo de ensino para horizontes fora do contexto da religião e a Arte foi um dos primeiro campos do saber contemplados. Porém, o aprendizado do ofício, que em geral perpetuava a tradição de atuação profissional da família, era o que tinha mais valor na formação do jovem medieval. Outra possibilidade para o jovem naquele período estava na formação e atuação eclesiástica em detrimento ao aprendizado do ofício familiar.

O significado do que seria ser jovem era bastante diversificado e dependia significativamente do ambiente e função social ocupada. Cotidianamente as faixas etárias eram delimitadas não pelo tempo de vida e sim pela função social exercida (COUTINHO, 2009). A autora exemplifica o caso das moças que, geralmente, tinham uma função de purificação e cuidados, sendo responsáveis por espantar os maus espíritos. A juventude consistia em um período longo e não tinha uma função social estabelecida oficialmente para os jovens. Até mesmo os jovens da nobreza, que tinham sua iniciação marcada de forma mais evidente por meio dos rituais militares, passavam por várias etapas até que atingissem a maioridade política, ou seja, eles também enfrentavam um longo percurso para a maioridade e tinham os mesmos percalços em relação ao lugar do jovem na sociedade de forma semelhante àqueles com condições sociais menos favorecidas.

No Renascimento ocorreu a consolidação da escolarização, inaugurou-se a “família sentimental” e também se inventou a infância propriamente dita, escreve Coutinho (2009). A escola passou a ocupar a partir do século XV a posição fundamental de iniciação social e na transição da fase de criança para adulto. Neste período iniciou-se a implantação de classes escolares por idade. No século XVII a educação escolar passa a ser vista como formação e as modificações no sistema de ensino escolar acompanham as transformações na sociedade em relação ao sentimento relativo à infância. Pois, a família torna-se neste momento cúmplice das ideias de moralidade instituídas pelas reformas católica e protestante, e passa a enxergar as crianças com novos olhares, priorizando sua proteção e planejando seu futuro. A partir daí, formou-se a concepção de infância associada a um sentimento

que evocava a pureza da alma infantil. De acordo com Coutinho (2009) o novo significado para a infância ocasionou modificações nos costumes privados e o sentimento em relação à família, tornando tema central da Renascença a veneração da relação mãe-filho. Porém, ainda não havia surgido neste momento a diferença entre infância e adolescência. Aos poucos o desenvolvimento dos centros urbanos aliados à crescente industrialização alteraram gradativamente os laços familiares, substituindo os laços de trabalho, como visto no período medieval, para laços efetivamente sentimentais.

Segundo Coutinho (2009) no período compreendido entre os séculos XVII e XVIII, a família afastou-se da vida pública. A casa afastou-se do mundo do trabalho para tornar-se ambiente de proteção e convívio familiar. Este movimento se consolidou no século XVIII com a desvinculação efetiva da família do processo produtivo econômico; ela tornou-se um agente significativo na formação das crianças e dos jovens. A Revolução Francesa reforçou o lugar da família na sociedade. A partir desta revolução a família passa a ser vista como núcleo transmissor de valores morais, pois seus impactos na sociedade foram predominantemente a consolidação de regras de civilidade, cidadania e a conciliação entre os interesses públicos e privados. Neste período, foram instituídas estruturas que ainda hoje formam a base da organização civil de nossa sociedade, tais como: o contrato civil para o casamento, fixação da maioridade em dezoito anos para ambos os sexos, criação dos tribunais civis e escolas públicas de responsabilidade do Estado, marcando o retorno do Estado na educação após seu distanciamento na Idade Média. Porém, este retorno se dá em contexto histórico e social distinto, pois encontra a família com uma nova postura na formação das crianças e dos jovens e com um novo lugar na sociedade.

Com as mudanças sociais consolidadas no final do século XVIII, de acordo com Coutinho (2009), a configuração privada do espaço físico onde a família habita promoveu uma tendência à singularização por meio da privatização dos hábitos e costumes, o que gerou a possibilidade de o indivíduo experimentar momentos solitários e desenvolver gradativamente certa hostilidade ao modelo de vida pública experimentado pela humanidade até então. Assim, foram erguidos os alicerces para o Romantismo, movimento que fomentava a solidão e a nostalgia, que, segundo Coutinho (2009), foi um dos responsáveis pela proliferação do individualismo e da concepção de “indivíduo único”. Neste contexto, em 1850, o termo adolescência foi

inserido nos dicionários, designando um momento específico da vida compreendido entre os quatorze e vinte anos de idade. No decorrer deste século, a adolescência iniciou timidamente sua expressão social, sendo observada por meio de modificações no modo de vestir, que surgiram como produto de uma metamorfose sociocultural de maior impacto. A vestimenta, já no final do século XVIII, diferentemente dos séculos anteriores, marcava uma distinção entre crianças e adultos, passando a delinear mais que a classe social uma classe de idade. No entanto, somente no final do século XIX a adolescência alcançou uma significativa presença na sociedade, na literatura, no estilo de roupas próprias e nas primeiras reflexões acadêmicas. Porém, era um período curto, vivenciado exclusivamente pela juventude burguesa e deveria ser rapidamente superado rumo à idade adulta, ideal social a ser atingido e desejado.

Enfim, no século XX a concepção social da adolescência firmou-se. A escolarização em período mais extenso, um sistema de ensino diverso e ajustado às diversas áreas do conhecimento, conseqüentemente, propiciou uma formação mais ampla e prolongou a dependência dos jovens em relação à família. Isto coincide com a argumentação de Bock (2004) apresentada anteriormente neste trabalho.

Para Coutinho (2009) no século XX a distinção entre os momentos da vida já estava mais nítida na percepção social. A preocupação com a adolescência centrava-se na emergência da sexualidade neste período e isto impulsionou o surgimento de práticas que consistiam na tentativa de contenção sexual. A educação física, os grupos de escoteiro, o movimento da juventude cristã e movimentos políticos são alguns exemplos dessas estratégias para o controle das “paixões juvenis”. Por meio destas organizações, juntamente com a escolarização, a sociedade instituiu espaços de convivência específicos para os jovens, o que fortaleceu a ideia de adolescência como um grupo particularizado, ou seja, uma categoria à parte constituída exclusivamente pelo grupo de pares. Desse modo, no entendimento de Coutinho (2009), os grupos de adolescentes que se formam nos centros urbanos são inéditos na História, pois, ao pertencerem a uma categoria etária exclusiva e ímpar no imaginário social, são atravessados por esta marca identitária e isto até então não havia acontecido no decorrer da história de nossa civilização ocidental.

É sob esta ótica que Coutinho (2009) entende o surgimento dos “bandos parisienses” do início do século XX, a partir de um acontecimento que ficou

nomeado pela mídia como o crime dos “Apaches” (*Les Apaches*). Este evento foi exaustivamente explorado pela mídia e tratou-se de uma briga entre os jovens parisienses em 14 de agosto de 1904, quando, por causa de uma jovem, dois grupos de rapazes se enfrentaram violentamente. Este acontecimento original foi seguido de vários outros eventos de violência que a mídia associou e contribuiu para gerar uma visão negativa acerca dos jovens. De acordo com a autora isto gerou no início do século um certo receio em relação à juventude. Esta briga foi o ápice de eventos criminosos praticados por estes grupos de jovens e o termo *Apaches* ficou associado à formação de gangues violentas, e se espalhou pela Europa para descrever os grupos que praticavam crimes pelas ruas, surgindo até, por exemplo, os “apaches russos”.

Guardadas as devidas proporções entre os acontecimentos, podemos lembrar aqui do movimento “*Rolezinho*”, mencionado no capítulo anterior, e como a sociedade ficou apavorada com o bando de jovens “invadindo” os *shopping centers* a ponto de mobilizar reuniões até no gabinete da presidência da República para tratar destes eventos, que posteriormente foram proibidos pela justiça. Isto pode apontar para o fato de que o mesmo receio em relação à juventude, a visão negativa frente aos jovens ou até mesmo as atitudes destes quando reunidos em grupos violentos ainda persiste nos dias atuais.

Retornando ao contexto da França no início do século XX, de acordo com Coutinho (2009), as obras “*La Criminologie dans L’Adolescence. Causes, Remèdes, d’un Mal Social Actuel*”, do sociólogo Druprat, e *O Suicídio* do também sociólogo Durkheim refletem sobre este mal-estar social causado pelos jovens. Na segunda obra a premissa fundamental é que os jovens tinham maior tendência ao suicídio exatamente por não estarem bem integrados à sociedade. Assim, em 1919, informa a autora, a revista *L’Éducation* dedicou uma edição à, até este momento inédita, “crise da adolescência”.

Para Coutinho (2009) quem de fato empreendeu os primeiros trabalhos acadêmicos teóricos sobre a adolescência foram os americanos. Em 1904, mesmo ano dos eventos violentos na França e Europa, Stanley Hall publicou a obra de título *Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education*, na qual traz a associação da teoria evolutiva para o entendimento do desenvolvimento físico e psicológico dessa fase da vida. Nesta perspectiva, a adolescência é caracterizada por diversas alterações que

são transmitidas à espécie, propiciando a evolução racial da humanidade. De acordo com a autora é possível que este discurso expressasse um ideal social que passaria a ser predominante a partir de então, no qual a adolescência passa a ser vista como lugar de inquietação, mas também de engrandecimento.

Segundo Coutinho (2009), a partir da década de 1950, a psicanálise passou a contribuir para a formação do entendimento da adolescência como um conceito, e destaca a participação dos trabalhos de Anna Freud, que influenciaram o surgimento nas décadas de 70 e 80 na escola americana dos estudos de Peter Blos e Erik Erikson, introduzindo o conceito de “moratória social”, e sob a mesma influência os argentinos Aberastury e Knobel, com o sentido de “síndrome da adolescência normal”. E assim, afirma Coutinho (2009, p.52), “fica então cunhado o conceito de adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento reconhecida socialmente, sempre através de uma visão normatizante e atenta ao caráter semi-patológico que apresentava”.

No século XX, gradativamente, a importância do adolescente foi crescendo no imaginário social. De acordo com Coutinho (2009), ao finalizar seu percurso histórico sobre a adolescência, podemos constatar que novamente não é mais tão evidente as distinções entre as várias etapas da vida, pois todos querem parecer adolescentes. Segundo a autora, depois de séculos de desenvolvimento da noção de grupos etários distintos, atualmente se observa a adolescência como um momento de vida ideal, cujo qual, de modo geral, todos desejam permanecer constantemente. Um exemplo disto é a questão da moda adolescente, que em primeiro momento surgiu como uma atitude provocadora e desafiadora para com a geração mais velha. Entretanto, houve uma rápida expansão, principalmente no período pós-guerra, que ocasionou o surgimento das minissaias e as calças jeans, fortes ícones da revolução de costumes que ocorria na época. Esta moda jovem contagiou diversos setores da sociedade e influenciou o comportamento também dos adultos a partir de então.

Assim, afirma Morin (apud COUTINHO, 2009, p.53) que “hoje em dia os filhos não se parecem com seus pais, eles se parecem com a sua época”. Neste sentido, Coutinho (2009) complementa a afirmativa de Morin, pois enquanto se acentua a dissolução das instituições e tradições enquanto fonte de referências para os jovens, os rumos de suas vidas tornam-se cada vez mais imprevisíveis e relacionados com a direção em que a civilização estiver. Assim, em sua ótica, a maneira que cada sociedade compreende e cuida de seus jovens reflete a maneira que ela mesma se

organiza de modo geral. Dessa forma, os adolescentes nos dias atuais são espelho deste tempo, sujeitos contemporâneos com primazia sobre os demais na adaptação aos rumos propostos pela contemporaneidade. No século XX, eles conquistaram lugar de destaque na cultura, de modo que influenciaram até mesmo o comportamento dos adultos, portanto, são importantes para a compreensão do laço social na atualidade. Assim, a partir do entendimento da adolescência como uma construção histórica, seguimos com a concepção da Psicologia Sócio-histórica acerca dos adolescentes difundidos nos estudos da escola vygotskyana, agora em busca de compreender as implicações psicológicas desta construção sociocultural.

3.1.2 A compreensão da adolescência pela escola vygotskyana

De acordo com Tomio e Facci (2009) a Psicologia sócio-histórica, também conhecida como histórico-cultural desenvolvida por Vygotsky em meados da década de 1920, define de forma expressiva temas acerca da constituição do psiquismo. Ele apresentou uma perspectiva que se opôs à teoria do desenvolvimento e forneceu subsídios para uma nova compreensão da adolescência. Desse modo, acrescentam as autoras que Vygotsky entende que é imprescindível para a análise e compreensão do fenômeno psíquico focar o estudo no processo e não no produto final, e para tanto é primordial destacar os aspectos históricos no desenvolvimento psicológico. Desse modo, a gênese do psiquismo humano ocorre nas condições sociais da vida historicamente constituída e, neste processo, o trabalho social, o uso da técnica e o advento da linguagem compõem os fatores que contribuem para o desenvolvimento psíquico. Em síntese, na visão de Vygotsky, o psiquismo se desenvolve por meio do diálogo entre a realidade social e os fenômenos comuns aos humanos, tais como a linguagem e a consciência. Dessa forma, este desenvolvimento acontece de forma interativa com o meio social de vida do sujeito e proporciona o surgimento de formas psicológicas mais sofisticadas; assim, as relações com o outro são fundamentais para o bom andamento deste processo.

Tomio e Facci (2009) explicam que Leontiev, no estudo do desenvolvimento do psiquismo infantil, entende como primordial definir como premissa investigar a atividade na forma que ela se apresenta nas condições concretas da vida, pois é na execução de atividades que os processos psíquicos próprios do indivíduo são organizados ou se formam. Estes processos são responsáveis pelas modificações

psicológicas fundamentais da personalidade da criança. Desse modo, na perspectiva de Leontiev, conforme escrevem as autoras, o requisito básico para compreensão do desenvolvimento do psiquismo infantil é observar a modificação do papel da criança no sistema de relações sociais, pois cada etapa do desenvolvimento é marcada por uma atividade dominante. Ao analisar a atividade dominante e como ela se configura é possível entender o desenvolvimento do sujeito. Portanto, é na transição de uma atividade para outra que o sujeito e seu psiquismo se transformam.

De acordo com Tomio e Facci (2009), nos primórdios de sua vida, a criança pertence a dois círculos de relações, o primeiro está circunscrito aos seus pais e o segundo, de maior amplitude, contempla a participação de outras pessoas. A entrada da criança na escola a transaciona de um momento no qual a atividade dominante são as brincadeiras e os jogos e a insere em um ambiente cujas suas obrigações vão além de seus pais ou educadores; neste momento, ela assume obrigações referentes à sociedade. O estudo torna-se neste instante a atividade dominante e a criança percebe, ao realizar suas atividades escolares, que o mundo que a envolve modificou-se, porém, não são apenas as alterações do papel que a criança desempenha nas relações sociais que sozinho determina as modificações em seu psiquismo. A própria vida da criança é o fator marcante no desenvolvimento de seu psiquismo, por meio da execução e assimilação exterior e interior das atividades, ou seja, o ato de executar as atividades é capaz de deixar marcas no desenvolvimento psíquico da criança, no adolescente e no adulto.

Assim, continuando nesta linha de pensamento sobre a criança para avançarmos de forma análoga até os adolescentes, que compõem o foco desta pesquisa, entendemos que o desenvolvimento psíquico da criança é caracterizado pela forma pela qual ela se relaciona com a atividade dominante e esta se relaciona com a realidade. Por exemplo, a atividade dominante de brincar da criança ao se relacionar com o faz de conta em assumir determinados papéis esta atividade se relaciona com a realidade social e vai edificando na medida em que brinca marcas no psiquismo da criança que a conecta com a realidade no qual ela está inserida. Dessa forma, Tomio e Facci (2009) afirmam que de acordo com Leontiev a configuração do estágio de desenvolvimento da criança não é determinada por sua idade e sim pelo conteúdo forjado nas condições sócio-históricas, em um processo dinâmico no qual a criança vivencia e, ao mesmo tempo, ao internalizá-lo, mudanças

em seu estágio de desenvolvimento psíquico ocorrem em decorrência deste fluxo de interações. Dessa forma, as condicionantes históricas concretas desempenham influência sobre os indivíduos, bem como sobre o percurso de seu desenvolvimento psíquico.

Desse modo, a adolescência, segundo Tomio e Facci (2009), também passa pelo mesmo processo descrito anteriormente sobre o desenvolvimento do psiquismo na infância e nesta etapa a atividade dominante, além dos estudos, é troca de informações/comunicação permeada de intimidade entre os adolescentes, que agora ocupam uma nova posição na sociedade, surgindo novas cobranças e novos posicionamentos são exigidos a estes jovens perante os acontecimentos. A relação destes indivíduos com os pais é modificada e eles passam a transitar em uma nova esfera de relações sociais. O meio social demanda ao jovem que ele aja diferente de uma criança, ou seja, as atitudes, forma de pensar e agir da infância não são mais tolerados diante da sociedade. Também o próprio adolescente já se tornou mais crítico, pelo fato de ter se apropriado de um conjunto significativo de informações, o que lhe concede instrumentos para assumir o controle de suas “funções psicológicas”, tornando-as assim mais voluntárias. Assim, neste momento, o adolescente define melhor sua opinião acerca dos fenômenos que o rodeiam.

Para Vygotsky, escrevem Tomio e Facci (2009), a adolescência é marcada pela formação das “funções psicológicas superiores”, ou seja, o raciocínio lógico, a capacidade de abstração, a atenção espontânea e a consolidação de conceitos. Estas funções psicológicas superiores comuns aos seres humanos compõem fundamentalmente o núcleo para edificação da identidade. Estes processos de apropriação de conceitos mais elaborados propiciam o desenvolvimento de tais funções psicológicas e a coletividade é a via principal para a circulação destes conceitos que são internalizados pelo indivíduo, especificamente pelo adolescente, promovendo crescimento em seu psiquismo.

A internalização de conceitos por parte do adolescente gradativamente aumenta sua capacidade de assimilação de novos conceitos e, na medida em que se desenvolve seu pensamento, consegue ampliar seu potencial de percepção dos elementos da cultura. Assim, a obtenção de novos conceitos na esfera do pensamento está aliada à aquisição de novos dispositivos de conduta intelectual. Desse modo, no entendimento de Vygotsky, todas as “funções psicológicas

superiores” em um primeiro momento circulam na coletividade como função intersicológica e posteriormente se tornam intrapsicológica, portanto, singular.

Vimos ao longo deste capítulo a crítica de Tomio e Facci (2009) e Bock (2004) em relação à naturalização do conceito de adolescência e a evocação de que ela é historicamente constituída. Coutinho (2009) complementa a crítica das autoras por meio da apresentação de um percurso histórico que contribui para a compreensão do lugar instituído para a juventude em diversas culturas em diferentes tempos históricos até o surgimento no século XIX, na cultura ocidental, do conceito de adolescência da forma que o concebemos na atualidade. Posteriormente, retornamos a Tomio e Facci (2009) que introduzem o pensamento de Vygotsky e a concepção da adolescência com o foco no desenvolvimento psicológico por meio dos aspectos históricos e sociais vivenciados pelos sujeitos no desenvolvimento de seu psiquismo. Desse modo, é evidenciado de acordo com esta abordagem a importância do contexto sócio-histórico, e neste cenário as relações sociais que os sujeitos estabelecem desde a infância são importantes para a concepção de subjetividade proposta pela abordagem histórico-cultural.

Neste contexto, as redes sociais virtuais inauguram um novo espaço para o estabelecimento das relações sociais entre os sujeitos. Este novo local surgiu como adição à sociabilidade *off-line* e mantém forte relação de reciprocidade com a dimensão não virtual. Assim, diversas experiências de sociabilidade se iniciam de forma *off-line* e continuam nas redes sociais, bem como no sentido contrário, se iniciam no virtual e migram-se para a realidade não virtual, ou mantêm-se híbridas, ocupando assim ambos os espaços.

Ao refletir sobre o conceito de subjetividade social, González Rey (2003, p. 208) afirma que “com o conceito de subjetividade social, os diferentes espaços sociais se perpassam entre si na constituição subjetiva de qualquer comportamento social e individual”. Este autor menciona locais clássicos entendidos como espaços sociais, tais como a escola, o local de trabalho etc.. Mais adiante vamos prosseguir examinando este conceito proposto pelo autor, mas, neste instante, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a argumentação acerca da abordagem histórico-cultural atribui alto grau de relevância às relações sociais na constituição da subjetividade humana. E isto também pode ser aplicado às redes sociais virtuais, pois, como temos argumentado, o que está em voga nestes espaços *on-line* é a

ação comunicativa e a sociabilidade entre os sujeitos dentro das características e peculiaridades oriundas da mediação tecnológica.

Nesta perspectiva, Colvara (2007) entende que as novas tecnologias digitais e a Internet criaram uma nova cultura, que a autora denomina de “tecnocultura”. Ainda, segundo ela, não é pela simples emissão e troca de informações, mas sim do modo como estas ações de comunicação e sociabilidade são elaboradas que afetam o sujeito na constituição da subjetividade. Assim, os meios de comunicação atuam de forma significativa na produção de sentido e identidades, “pois essas tecnologias de comunicação se tornaram instrumentos de articulação da subjetividade, em que identidade e cultura passam por modificações, institucionalizações, onde os discursos são construídos.” (COLVARA, 2007, p.111).

Atualmente é possível encontrar diversos artigos e outros trabalhos acadêmicos afirmando a influência ou impacto desta nova forma de viver no mundo, por meio da imersão na virtualidade, nas tecnologias digitais e nesse novo modo de organização social mediada pela interface destas ferramentas *on-line* de comunicação e sociabilidade, na formação da subjetividade contemporânea. Entretanto, é necessário problematizar o uso do termo subjetividade e para tanto recorreremos ao pensamento de González Rey e as categorias desenvolvidas por ele para definir a subjetividade como objeto de estudo da Psicologia: *subjetividade social, subjetividade individual e sentido subjetivo*.

3.2 Problematizando o uso do termo subjetividade

De acordo com González Rey (2002) frequentemente a subjetividade tem sido o termo utilizado para descrever os processos que caracterizam o mundo interno dos sujeitos. Geralmente, segundo este autor, não encontramos uma teoria consistente sobre a subjetividade no âmbito da psicologia e podemos observar que o termo por diversas vezes é utilizado de forma banalizada ou sem um alicerce epistemológico adequado. Em acordo com esta posição, Aita e Facci (2011) divulgaram os resultados de uma pesquisa na base da biblioteca eletrônica *Scielo*, para a qual utilizaram como critério de busca e seleção artigos que tinham as palavras-chave subjetividade e educação. As pesquisadoras se orientaram pelos seguintes objetivos: “apresentar considerações sobre as diversas formas de

compreender a subjetividade presentes nos artigos consultados e a análise acerca da compreensão da subjetividade com base na Psicologia histórico-cultural.” (AITA; FACCI, 2011, p.32).

O primeiro objetivo apresentado pelas autoras contribui para a problematização do uso do termo subjetividade no meio acadêmico na atualidade. Dos 51 artigos selecionados, 11, ou seja, 22% foram excluídos das fases seguintes da pesquisa por mencionarem o termo subjetividade, mas não realizaram nenhuma discussão acerca do tema e conseqüentemente não apresentaram com qual perspectiva ou entendimento o uso do termo subjetividade foi utilizado e nem como ela se desenvolve nos sujeitos. Dessa maneira, restaram 40 artigos, que desenvolveram em algum momento uma reflexão acerca da subjetividade ou sobre sua constituição. Em linhas gerais, escrevem as autoras, os artigos pesquisados apresentam uma compreensão de subjetividade que ora se fundamenta em aspectos internos, ora em aspectos externos, o que alimenta a dicotomia e se opõe a uma perspectiva dialética entre o mundo interno dos sujeitos e o mundo externo e suas variáveis históricas e culturais. Até mesmo dentre os autores que explicitaram que iriam abordar a subjetividade numa perspectiva da Psicologia histórico-cultural, verificou-se uma falta de “consenso sobre o que é subjetividade e como ela se constitui. Ou seja, até mesmo no interior de uma mesma linha teórica, houve diferentes interpretações e formulações acerca da constituição da subjetividade.” (AITA; FACCI, 2011, p.40).

Drawin (2013) confirma a dificuldade de homogeneidade em torno do conceito de subjetividade explicitada por Aita e Facci (2011). Assim, complementa: “a categoria de subjetividade contém em si múltiplas e heterogêneas significações, e também, por conseguinte, muitos problemas e dificuldades.” (DRAWIN, 2013, p.157). Este autor também esclarece que a espontaneidade em torno do uso do termo subjetividade, em meio à multiplicidade de discursos que circulam nos diversos e dispersos espaços da Psicologia, gera “referências indefinidas a termos como sujeito, subjetividade e subjetivação”. (DRAWIN, 2013, p.158).

Em sintonia com a problemática em torno do termo subjetividade, González Rey (2004, p. 123) acrescenta que a subjetividade foi integralmente distanciada do vocabulário das ciências sociais com o desenvolvimento “da filosofia moderna do sujeito e do existencialismo associado a qualidades intrínsecas da natureza humana”. Ou seja, diversas atividades e habilidades humanas estariam

subordinadas a uma determinada essência da natureza humana. Sobre isto, o autor escreve que o aprisionamento do subjetivo à noção de natureza humana recebeu numerosa oposição por parte de diversas perspectivas teóricas que se desenvolveram no decorrer do século XX.

Dessa forma, com o desenvolvimento da linguística, pragmática, semiótica e filosofia da linguagem, o foco voltou-se primeiramente para os processos de linguagem e de significação e posteriormente para o entendimento da linguagem como prática social. Essa perspectiva, de acordo com González Rey (2004), rompeu gradativamente com a ideia de indivíduo portador de uma essência e trouxe para o primeiro plano uma noção de indivíduo fundamentalmente organizado em suas práticas simbólicas, que, portanto, enfatizava sua característica social. Dessa maneira, “esse descentramento na representação do homem [...], contribuiu para a ruptura gradual com a imagem de sujeito constituído, o que fez com que, eventualmente, os conceitos de sujeito e de subjetividade começassem a parecer obsoletos.” (GONZÁLEZ REY, 2004, p.123).

Diversos fatores contribuíram para o afastamento da subjetividade na observação científica, dentre eles se encontram distorções no uso do termo associadas a alimentar o dualismo entre mundo subjetivo interno e o mundo objetivo externo. Assim, a subjetividade era associada ao mundo interno, ao espiritual, ao oculto, ao reflexo do externo, nos informa González Rey (2004). Por conseguinte, a superação da afirmação naturalista-individualista fomentou o crescimento de uma afirmativa linguístico-sociológica. Nesta última, o simbólico assumiu o lugar do interno e estabeleceu o reinado da ordem social. Este social, por sua vez, negava o sujeito e toda produção psíquica que escapasse da ordem simbólica.

Dessa forma, com o intuito de superar a dificuldade apresentada para a abordagem do conceito de subjetividade vista anteriormente, a seguir discutiremos a subjetividade numa perspectiva histórico-cultural.

3.2.1 A subjetividade numa perspectiva histórico-cultural

A proposta da Psicologia histórico-cultural orienta-se pelo entendimento de que a subjetividade é constituída na realidade concreta dos sujeitos, nas relações sociais e de acordo com o contexto histórico e cultural vivido por eles. Portanto, segundo Aita e Facci (2011, p.36), “o homem constitui sua subjetividade mediante o

processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente desenvolvendo assim, [...] raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções”. E neste contexto, as relações sociais têm parcela significativa na constituição do sujeito, pois, por meio da mediação sociocultural, o sujeito internaliza os conhecimentos edificados pela humanidade ao longo das gerações passadas e, ao mesmo tempo em que se apropria destes conhecimentos, também interfere nos conhecimentos produzidos em sua geração. Sobre isto assevera Saviani (2004, p. 46) que “só pode tornar-se homem se incorporar, em sua própria subjetividade, formas de comportamento e ideias criadas pelas gerações anteriores e retrabalhadas por ele e por aqueles com que ele conviver”.

A superação do dualismo estabelecido pelos extremos, que ora enfatizava o interno e excluía o social e, posteriormente, destacava/realçava o simbólico por meio dos atributos da linguagem e suprimia/eliminava o sujeito e a subjetividade nos termos que a entendiam até então, é conquistada a partir do desenvolvimento da proposta dialética que foi desenvolvida nos primórdios da Psicologia na Rússia. Esta mostrava-se comprometida a trilhar novos caminhos que culminaram em uma nova definição que produziu, segundo González Rey (2004, p.124), “uma nova definição ontológica do subjetivo: a produção de sentido, introduzido por Vygotsky na psicologia e desenvolvido de maneira acelerada em seus últimos trabalhos”.

Assim, a categoria de sentido, de acordo com González Rey (2004), surge apenas na última fase dos escritos de Vygotsky. Tanto esta etapa do pensamento deste autor, quanto as implicações de seu pensamento para a Psicologia ficaram ocultas até que A. A. Leontiev, em trabalho publicado em 1992, dedicou-se a compreender e difundir o significado dessa categoria na obra de Vygotsky. González Rey (2004) esclarece que nas décadas de 1970 e 1980 já existiam estudos, na psicologia soviética, da categoria de sentido pessoal na obra de Leontiev, fundamentados em sua própria definição. González Rey (2004) escreve que Vygotsky utilizou o termo *sentido* pela primeira vez em seu ensaio sobre a consciência, no ano de 1933, mas somente em 1935, na obra *Pensamento e Linguagem*, é que este termo surge com o objetivo de apresentar uma nova proposta qualitativamente diferenciada para a descrição do fenômeno psíquico. Entretanto, González Rey (2004), descreve que Leontiev chama atenção para o fato de que algumas ideias de Vygotsky foram ignoradas por seus seguidores e críticos,

e os historiadores deste autor também encontraram dificuldade de identificar algumas destas ideias, entre elas a mais importante que passou despercebida foi a concepção de “sentido” ou “campo de sentido”.

De acordo com Molon (2011) para entender o pensamento de Vygotsky é preciso levar em conta alguns aspectos, dos quais destacamos: ele não conseguiu finalizar sua obra devido a sua morte prematura; seus graves problemas de saúde impactaram em sua escrita; suas ideias foram censuradas e alguns de seus textos só foram encontrados passados muitos anos de sua morte; ele não conseguiu revisar seus textos e, conseqüentemente, sua obra enfrenta diversos problemas de tradução. Diante disto, Molon (2011, p. 614) escreve:

Além dessas razões, as quais refletem a complexidade e o inacabamento de sua obra, outro ponto que merece ser discutido é seu trabalho de elaboração conceitual. Cabe destacar que ele se propôs a construção de uma nova Psicologia, apostando na emergência de um novo homem, e isso era o conteúdo que marcava sua escrita. Seus textos carregam a intensidade de sua criação.

Assim, percebemos na afirmativa de Molon (2011) o quanto o pensamento de Vygotsky, apesar de todas circunstâncias descritas pela autora, se apresenta como uma possibilidade importante para elaboração de uma teoria consistente sobre a subjetividade. Dentre os autores que aderiram às ideias de Vygotsky e que priorizam a dimensão subjetiva para compreensão da constituição do sujeito, Molon (2011) destaca González Rey e sua concepção de *sentido pessoal*, que foi elaborada a partir da categoria sentido da obra de Vygotsky. Nas palavras do próprio autor podemos confirmar esta afirmativa de Molon (2011):

Vygotsky não chega a desenvolver a categoria de sentido em sua obra, mas foi muito consistente no pouco que escreveu sobre o tema. E o que escreveu foi suficiente para deixar aberta uma alternativa teórica que incluía a possibilidade de desenvolver uma teoria da subjetividade de uma perspectiva histórico-cultural. Esta, por sua vez, nos permitiria o desenvolvimento permanente de uma teoria psicológica geral cuja elaboração vai se articulando nos vários campos da prática e investigação da psicologia. (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 51)

Assim, como possibilidade teórica para abordagem da subjetividade e empreendimento de esforço para superar os problemas encontrados por Aita e Facci (2011), que nos alertam sobre a importância de clareza sobre o conceito de subjetividade na produção acadêmica, seguiremos em diálogo com o pensamento

de González Rey (2003), especificamente no quarto capítulo, ao refletir sobre o significado atual da subjetividade na elaboração do pensamento psicológico. Destacaremos no pensamento deste autor sua proposta sobre as seguintes categorias: *subjetividade social*, *subjetividade individual* e *sentido subjetivo*.

González Rey (2003), ao modificar sua trajetória de pesquisa da psicologia geral para a psicologia social, encontrou novos horizontes para que pudesse desenvolver reflexões a partir da visão histórico-cultural e trabalhar numa perspectiva dialética, superando assim a dicotomia entre o individual e o social, pois um pressuposto desta abordagem é que um não exclui o outro. A partir desta busca em transpor esta tensão entre social/individual surgiu a categoria *subjetividade social* no ano de 1981. De acordo com González Rey (2003), ao estabelecer esta categoria, ele conseguiu transcender a tendência em voga na psicologia social latino-americana que naquele momento fixava seu olhar nos aspectos que valorizavam a dimensão social, por meio de uma análise descrita por ele como “psicossociológica”, que propiciou o agravamento da dicotomia entre o indivíduo e a sociedade, pois havia uma divisão entre psicologia social e psicologia sociológica. O autor revela que sua intenção, ao trabalhar com a categoria subjetividade social, era exatamente se posicionar em um ponto de vista teórico diferente desta polarização, e sobre isto escreve, González Rey (2003, p. 202):

Ao introduzir a categoria de subjetividade social tinha a intenção de romper com a ideia arraigada nos psicólogos, de que a subjetividade é um fenômeno individual, e apresentá-la como um sistema complexo produzido de forma simultânea ao nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual.

Um dos desafios ao conceituar a subjetividade social, de acordo com González Rey (2003, p. 205), é “como articular os processos de subjetivação dos espaços sociais e individuais sem antropomorfizar os espaços sociais e sem reduzir a gênese da subjetivação aos indivíduos.”. Desse modo, na busca do equilíbrio necessário para perceber o processo dialógico entre a subjetividade individual e social sem que nenhum deles descaracterize o outro, é necessário considerar que a subjetividade social não é uma abstração, trata-se do produto de processos de significação e sentidos que estão presentes e caracterizam todos os locais da vida

social. Também, segundo o autor, estes processos de significação e sentido estabelecem os contornos e sustentam as configurações sociais em que os indivíduos vivem. Isto ocorre por meio da manutenção dos próprios significados e sentidos que atuam e se desenvolvem imersos no sistema de relações entre os sujeitos e o social, que surge mediante estas relações. Neste sentido, concluiu o autor, a atuação dos sujeitos concretos ocorre simultaneamente de forma individual e social.

González Rey (2003) utiliza significativamente o termo social para refletir sobre a subjetividade social e o diálogo desta com a subjetividade individual. Para complementar a compreensão do social proposta no pensamento de González Rey inserimos a definição de social apresentada por Barus-Michel (2004, p. 55):

É social o que liga os indivíduos tornados por isso companheiros, aliados, associados. O social é uma unidade nova, uma referência estruturante. É o que partilham e reconhecem em comum indivíduos tornados membros da unidade criada (grupo, coletivo, sociedade). É também o que atravessa. O sentimento de pertencimento corresponde aí ao nível afetivo e, poder-se-ia dizer, é seu primeiro traço psicológico. Faz com que os membros do grupo digam “nós”. Como referência e laço, o social é o que permite aos membros do grupo orientar-se, comunicar-se, adaptar-se uns aos outros. É ao mesmo tempo o contrato, o código, a regra. Por mais longínquas e indiretas que sejam, as relações sociais são consideradas como tais na medida em que são normalizadas segundo um código implícito que permite reconhecer-se aí e remete a uma unidade para a qual esse código é operante.

Embora o foco de reflexão de Barus-Michel (2004) seja diferente da perspectiva proposta por González Rey (2003), ela mais centrada em uma psicologia social clínica, ou seja, incluir a dimensão clínica na psicologia social a partir da concepção de “sujeito social”, no trecho de sua obra citado acima, podemos perceber alguns elementos que fazem parte das relações dos sujeitos em suas diversas redes de relacionamentos sociais, inclusive as redes virtuais. Assim, relacionando as ideias de Barus-Michel (2004), especificamente para compreensão das redes sociais *on-line*, fomos remetidos inicialmente aos primórdios destas redes como as conhecemos atualmente. Na época do *Orkut* as pessoas aderiam a determinada comunidade virtual por se identificarem com o tema proposto por ela, que ligava o grupo de sujeitos e mantinha o vínculo de pertencimento do grupo de modo que podiam dizer, por exemplo, faço parte de determinada comunidade. O *Facebook* introduziu uma dinâmica inicialmente diferente do *Orkut* ao trazer a ênfase na questão de conhecer e cultivar amigos no ambiente virtual. Entretanto, mesmo no

Facebook foram criados perfis que estão relacionados com temas específicos, como jogos, filmes etc.. Assim, as redes sociais virtuais também seguem uma organização estruturante e existem, ainda que não explicitamente declarado, um código e regras a ser seguidos por seus frequentadores e quando estes são quebrados recebem a imediata reação dos demais integrantes dos grupos. Para González Rey (2003), ao reagir à ação de determinado sujeito do grupo, estabelece-se uma “zona de tensão” no ambiente social, que pode contribuir para o crescimento individual e social ou produzir momentos de repressão e constrangimento.

No contato com os adolescentes durante as entrevistas foi possível evidenciar que a relação entre eles nas redes sociais está exposta a diversos tipos de sentimentos, desde os que inspiram felicidade pelo contato direto com os amigos, acesso constante às novidades que circulam nas redes até momentos estressantes de conflitos, ansiedade e medo. No capítulo 5, análise dos dados do campo, veremos nas entrevistas dos adolescentes o relato deles sobre as brigas, o incômodo que os incitam a bloquear ou excluir alguém de sua rede social quando sentem que um dos integrantes violaram o suposto código ou regra implícita de atuação em suas redes sociais. Assim, podemos entender que as relações sociais dos adolescentes nas redes são marcadas pela riqueza de situações que a vida social propicia aos sujeitos. Ou seja, o ciberespaço se consolidou como espaço de sociabilidade. Neste sentido, as redes sociais tornam-se locais de vida social dos sujeitos e, portanto, podem estabelecer a mesma relação dialógica entre a subjetividade individual e a subjetividade social. Para González Rey os espaços sociais edificados historicamente se constituem em cenário para a produção da subjetividade individual. Desta forma, escreve González Rey (2003, p. 205): “na gênese de toda a subjetividade individual estão os espaços constituídos de uma determinada subjetividade social que antecedem a organização do sujeito psicológico concreto”.

Conforme vimos no segundo capítulo, as redes sociais virtuais surgem historicamente dentro do processo de evolução das tecnologias de comunicação produzidas pela humanidade ao longo de sua história. Neste capítulo, vimos com Colvara (2007) que a presença expressiva das tecnologias de comunicação na vida das pessoas fomentou o surgimento de uma “tecnocultura”. Com González Rey (2003) entendemos que a própria cultura é uma expressão da subjetividade humana. Também vimos que o conceito de adolescência não é universal e foi constituído

historicamente; com Coutinho (2009) foi possível perceber na história ocidental como o lugar dos jovens foi sendo modificado até surgir a concepção da adolescência como perdura aos dias atuais. Com Bock (2004) entendemos que a moratória em que os jovens foram colocados entre a fase da infância e a fase adulta é historicamente instituída para manter o equilíbrio econômico social, entre outras razões, e não pelo viés biológico e, portanto, natural, como por diversas vezes é entendida. Com a contribuição de Tomio e Facci (2009) acessamos as ideias de Vygotsky sobre a importância das relações sociais no desenvolvimento do psiquismo da criança e do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural. E após compreender com Aita e Facci (2011) sobre a importância de delimitar o uso do termo subjetividade na produção acadêmica em Psicologia, adotamos a proposta de González Rey (2003), que entende a subjetividade como um sistema complexo que se apresenta como um fenômeno simultaneamente individual e social. Portanto, nesta visão rompe-se com a ideia de fenômeno puramente individual e exclusivamente intrapsíquico para perceber a subjetividade como manifestação dialética entre o individual e o social. No âmbito individual ela está representada por um sujeito ativo e engajado em suas práticas sociais, reflexões e seus sentidos subjetivos. Nesta perspectiva, a compreensão de sujeito para este autor gira em torno do entendimento de que o sujeito é ativo em pensamento, emoção e linguagem. Consequentemente, surgem destes três pilares o sujeito reflexivo e atuante. Assim, o que viabiliza a existência humana enquanto sujeito é a capacidade de flexibilidade e a participação. Neste sentido, escreve González Rey (2003, p. 240):

A flexibilidade é uma característica do sujeito com a qual está comprometida a produção de sentidos subjetivos em todas as esferas da vida. Portanto, o sujeito produz verdadeiros desenhos mentais por meio de seu pensamento que o leva a reassumir posições e a definir constantemente novas posições dentro dos contextos sociais em que se desenvolve. Com isto, queremos enfatizar que a situação do sujeito se manifesta em posição de emancipação, e não na sujeição da linguagem. Por intermédio de seu pensamento e do exercício de novas práticas sociais, o sujeito enfrenta de forma permanente suas posições anteriores e se mostra com força em momentos de ruptura com o social, que podem representar novos focos de subjetividade social.

Dessa forma, a produção de sentidos subjetivos por parte dos sujeitos caracteriza os aspectos de sua ação subjetiva individual, pois a trajetória diferenciada de cada sujeito produz as particularidades e possibilidades próprias

para atribuição de sentido subjetivo individual, que pode fazer frente ao que o próprio sujeito vivenciou no passado ou ao meio social, e assim, realimenta o fluxo de sentidos produzidos socialmente e para o próprio sujeito e mantém a relação dialógica nos espaços sociais em que o sujeito atua.

González Rey (2007) menciona que, no percurso de desenvolvimento da categoria sentido subjetivo, no ano 2000, estabeleceu a seguinte definição para esta categoria:

A nossa definição da categoria sentido subjetivo orienta-se a apresentar o sentido como momento constituinte e constituído da subjetividade, como aspecto definidor desta, enquanto é capaz de integrar formas diferentes de registro (social, biológico, ecológico, semiótico, etc.) numa organização subjetiva que se define pela articulação complexa de emoções, processos simbólicos e significados, que toma formas variáveis e que é suscetível de aparecer em cada momento com uma determinada forma de organização dominante. (GONZÁLEZ REY, 2000, apud GONZÁLEZ REY, 2007, p. 21)

Nesta definição podemos perceber que para González Rey o sentido subjetivo é uma forma de acesso à compreensão da subjetividade, pois o sentido subjetivo se entrelaça na produção da subjetividade por meio de seus atributos fundamentais, que se manifestam de forma simbólica e emocional à diversidade de registros concretos que afetam o sujeito integralmente. Posteriormente, no ano de 2002, o autor sintetizou sua definição de sentido subjetivo, descrevendo-o como “relação inseparável do emocional e o simbólico, onde um evoca ao outro sem ser a sua causa” (2007, p.171). Assim, ao inserir a categoria sentido subjetivo, ele pode se apropriar do legado de Vygotsky que propunha que, no decorrer da vida em sociedade, as emoções inauguram novas relações com outros elementos da vida psíquica, daí surgem novos sistemas e novos conjuntos de funções psíquicas, ou seja, surgem unidades psíquicas de ordem maior.

De acordo com González Rey (2007) com a formulação do conceito de sentido subjetivo tornou possível que ele entendesse a forma de organização da subjetividade individual, que mantém sempre a relação dialógica com a subjetividade social, ou seja, com as produções sociais repletas de sentido subjetivo que são organizadas por processos emocionais e simbólicos cunhados nas mais diversificadas instâncias da sociedade. Sobre isto afirma González Rey (2007, p. 173):

A categoria de sentido subjetivo permitiu-me, assim, compreender a subjetividade como um nível de produção psíquica, inseparável dos contextos sociais e culturais em que acontece a ação humana. Nessa compreensão, ela não é um sistema determinista intrapsíquico, situado

apenas na mente individual, mas a qualidade de um tipo de produção humana que permite penetrar em dimensões ocultas do social e da cultura, que só se tornam visíveis na sua dimensão subjetiva. A subjetividade não é apenas um tema da psicologia, mas das ciências sociais em geral.

Dessa forma, González Rey (2007, p. 173) afirma que a “subjetividade, portanto, é uma produção humana, não uma internalização. Nada do que acontece em nossas práticas se internaliza, pois acima delas nós produzimos...”. O autor esclarece que, mesmo que essa produção seja resultante das práticas e relações do sujeito, não se trata de um resultado puramente linear, e sim é uma produção diferente de um sujeito atuante. Assim, percebemos no pensamento deste autor a relevância que o mesmo atribui para o ato ou capacidade de produção subjetiva, por meio da produção de sentido subjetivo específico da espécie humana. Deste modo, para González Rey (2007), a importância dos conceitos sentido subjetivo e configurações subjetivas vão além do fato de possibilitarem a compreensão dos aspectos sistêmicos da ação individual, possibilitam a compreensão da sociedade em uma nova dimensão que emerge nos encontros entre a subjetividade individual e a subjetividade social imersos na multiplicidade de sentidos subjetivos que circulam nos mais diversos espaços sociais de vida dos sujeitos. E cabe adicionar a estes espaços sociais vislumbrados pelo autor o ciberespaço, o virtual e as redes sociais *on-line*, com o mesmo nível de relevância enquanto espaço social na produção de sentidos subjetivos e subjetividade individual e social.

Neste capítulo vimos como foi construído historicamente na cultura ocidental o conceito de adolescência. E se aplicarmos o pensamento de González Rey (2003), podemos entender que assim como a cultura na visão do autor é uma produção subjetiva humana, podemos entender que a própria concepção de adolescência historicamente constituída, nesta perspectiva, é uma produção subjetiva da sociedade contemporânea. No capítulo anterior percorremos o desenrolar do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informática que culminaram no surgimento dos *sites* e aplicativos de redes sociais virtuais, que também, nesta mesma linha de pensamento, podemos entender como produção subjetiva social, tanto a cultura em torno das novas tecnologias digitais como o desejo que move cada vez mais o progresso tecnológico nesta área. Ainda no segundo capítulo, demonstramos a expressividade da adesão das pessoas de várias faixas etárias ao ciberespaço e ao fenômeno das redes sociais por meio da Internet. Dentre estes

grupos centralizamos o foco na apropriação que os adolescentes fizeram destes espaços virtuais como local em destaque para comunicação e sociabilidade.

Vimos no capítulo 2 que as novidades tecnológicas que tocam as estruturas sociais estabelecidas, por vezes, chegam acompanhadas de intenso debate sobre seu uso, suas vantagens e possíveis desvantagens. Alheios a este intenso debate, que por vezes buscam desqualificar as redes sociais, os adolescentes, como temos observado, elegeram as redes sociais virtuais para suas ações sociais e comunicacionais e de forma ativa e intensa vivem parte significativa de seus dias conectados a seus amigos por meio da mediação destes novos espaços sociais.

Assim, no capítulo 5, apresentaremos a análise dos dados coletados na pesquisa de campo, e ao longo do capítulo vamos pontuando os sentidos subjetivos que os adolescentes atribuem às redes sociais.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa se orienta pela abordagem proposta pela metodologia qualitativa. Escolhemos a pesquisa qualitativa por entendermos que esta modalidade de pesquisa oferece recursos metodológicos, que, de acordo com Nicolaci-da-Costa, Leitão e Romão-Dias (2001), possibilitam investigação em profundidade, além de permitir que o pesquisador se aproxime do objeto de estudo sem a necessidade formal de formulação de hipóteses. Permite, assim, que esse adote uma postura mais aberta e de certo desconhecimento do objeto. Desse modo, o pesquisador poderá tornar-se mais sensível aos elementos novos e imprevisíveis que o trabalho de campo poderá apresentar. Entendemos que esta postura aberta frente ao campo é apropriada para os estudos relacionados ao contexto das mudanças na forma de sociabilidade de adolescentes na atualidade, oriundas da consolidação da Internet, redes sociais e a proliferação de aplicativos para os dispositivos móveis.

Outras características importantes das pesquisas qualitativas destacadas por Nicolaci-da-Costa, Leitão e Romão-Dias (2001) são: a possibilidade de contextualização do objeto de estudo; a flexibilidade dos procedimentos e técnicas utilizadas e o tamanho reduzido das amostras, que permitem maior aprofundamento na pesquisa.

4.1 Participantes

Com base nas premissas acima, a coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas com 10 jovens estudantes do 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, com idades compreendidas entre 14 e 16 anos, regularmente matriculados no Colégio Salesiano de Belo Horizonte, localizado na cidade de Belo Horizonte-MG.

Como critério de seleção foram convidados jovens que se declararam usuários frequentes de *sites*/aplicativos de redes sociais. A mediação para acesso aos alunos se deu por meio da supervisão pedagógica do ensino médio da escola. Entretanto, o convite para a participação da entrevista para os alunos do 9º ano foi

realizado pela adolescente líder da turma, já que a aluna do 1º ano do ensino médio foi selecionada diretamente pelo convite da supervisora pedagógica da escola. As entrevistas ocorreram entre junho e outubro de 2014, nas dependências da escola, foram gravadas e transcritas integralmente e, finalizada esta etapa, foram submetidas à análise de conteúdo. Os participantes, sem exceção, foram informados que a pesquisa em questão era parte integrante do mestrado cursado pelo pesquisador e que as informações prestadas por eles seriam mantidas de forma confidencial.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da PUC Minas, sob o número de registro CAAE 30545614.1.0000.5137. Os adolescentes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como os seus responsáveis legais. Para preservar o sigilo quanto à identificação dos entrevistados foi utilizado o recurso de nomes fictícios.

Quadro 1 - Caracterização dos entrevistados

Adolescente				Redes Sociais que mais acessa no momento
Nome	Idade	Sexo	Escolaridade	
Solange	15	F	9º ano	<i>WhatsApp, Facebook, Instagram e Snapchat</i>
Patrícia	14	F	9º ano	<i>WhatsApp, Instagram, Tumblr, Facebook</i>
Joana	15	F	9º ano	<i>WhatsApp, Snapchat, Instagram, Facebook</i>
Marcelo	15	M	9º ano	<i>Facebook</i>
Eduardo	15	M	9º ano	<i>Facebook, WhatsApp</i>
Davi	15	M	9º ano	<i>Facebook, WhatsApp, Snapchat, Tumblr</i>
Sônia	14	F	9º ano	<i>WhatsApp, Facebook</i>
Caroline	16	F	9º ano	<i>WhatsApp</i>
Cristina	14	F	9º ano	<i>WhatsApp, Facebook</i>
Fernanda	15	F	1º ano	<i>WhatsApp, Instagram</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

A técnica empregada nesta pesquisa para análise de dados foi a análise de conteúdo. Em síntese esta técnica, de acordo com Bardin (2011, p. 47), está associada a um:

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Assim, no próximo capítulo, espera-se por meio da análise de conteúdo discutir as significações encontradas a partir das falas dos sujeitos entrevistados.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo dedicaremos nossa atenção aos aspectos mais significativos que surgiram nas entrevistas semiestruturadas, ou seja, a partir da fala dos próprios adolescentes sobre a presença cotidiana das redes sociais em suas vidas, bem como nos aspectos obtidos a partir da análise realizada tendo em vista perceber o sentido subjetivo que eles atribuem às redes sociais.

Portanto, a análise dos dados coletados será dividida em três categorias, são elas: Perfil de uso das redes sociais pelos adolescentes; Os laços sociais estabelecidos pelos adolescentes nas redes sociais; Os sentimentos vivenciados pelos adolescentes nas redes.

5.1 Perfil de uso das redes sociais pelos adolescentes

Nesta categoria, serão analisados os aspectos que possam contribuir para traçarmos o perfil de uso das redes por parte dos adolescentes entrevistados, ou seja, remetendo-se ao sentido sugerido pela palavra perfil, desenharmos os contornos que caracterizam este uso. E para tanto, utilizaremos os seguintes parâmetros: quais redes os entrevistados mais usam no momento; qual frequência, tempo de uso e meio de acesso; o que mais gostam de fazer nas redes sociais; a opinião dos adolescentes sobre as principais redes sociais; o que geralmente publicam; como controlam quem vê o que é publicado; critérios para incluir ou excluir alguém na rede.

Assim, com o intuito de compreender quais as redes sociais os adolescentes mais acessam no momento, mas, buscando ir além de simplesmente saber os nomes das redes mais acessadas por eles, procuramos entender qual a dinâmica que gira em torno do processo migratório massivo destes jovens de uma rede para outra. Perguntamos aos sujeitos entrevistados quais as redes sociais eles mais acessam no momento, e vale ressaltar que a pergunta em si traz consigo algumas características pertencentes à dinâmica deste fenômeno social e tecnológico que buscamos compreender.

Ao questionarmos a eles *quais as redes*, estamos assumindo o quão dinâmico é este fenômeno, pois há uma velocidade em que os usuários das redes sociais, especialmente os adolescentes, vão migrando de uma rede para outra. Os adolescentes migram orientados por suas escolhas subjetivas, que podem estar apoiadas na necessidade do próprio grupo de pares de criar espaços que os mantenham afastados da vigilância/intromissão dos adultos ou simplesmente pelo surgimento de aplicações mais práticas, de acesso gratuito e contextualizado com a tecnologia de comunicação que mais cresce no momento, que é o uso dos *smartphones*.

Neste sentido, a escolha das redes que conquistam a preferência dos adolescentes basicamente se dá por atender a suas demandas de comunicação com os colegas de escola, publicação de fotos, publicação de conteúdos de filmes, jogos, acompanhamento da vida dos artistas ou demais carreiras que anseiam seguir. Podemos perceber especificamente isto na fala de Patrícia:

(...) O Instagram, por eu ver muitas fotos dos famosos e eu quero ser quando eu puder me formar, eu quero ser atriz. Ah, tipo eu me inspiro muito, entendeu, eu fico muito alegre, tipo aparece que vai ter um teatro aqui em Belo Horizonte, eu fico muito alegre, eu fico esperando a data chegar pra eu ir.

Percebemos como Patrícia se apropriou da rede social *Instagram* como fonte de inspiração para uma forma de atuação profissional e social que ela no momento anseia para sua vida quando chegar à fase adulta.

Desse modo, as redes sociais nos revela sua diversidade e multiplicidade de atuações. Por isto, como já mencionamos neste trabalho, a razão de não focarmos o trabalho em nenhuma rede social específica, pois como trazem os adolescentes, o uso das redes sociais é dinâmico, diversificado e fluido.

No segundo capítulo desta pesquisa, ao introduzirmos o tema das redes sociais, apresentamos os números do *Facebook* como rede social mais acessada no mundo. Entretanto, mesmo que ainda, neste momento, esta rede possua números expressivos que a mantêm configurada como a rede social mais acessada em todo o mundo, em face deste cenário movediço, encontramos em nossa ida ao campo a constatação de algo que temos acompanhado nas notícias e relatórios sobre o uso das redes sociais, que é a falta de interesse dos adolescentes, principalmente dos mais novos, pelo *Facebook*. Vejamos isto na fala de alguns

deles. Patrícia explica que utiliza o *Facebook* mais para ver assuntos ligados à família e diz: “Sei lá tipo cansei sabe a Era do *Facebook* já passou pra mim estou esperando outra rede social vim pra eu entrar no meio entendeu? Mais ou menos isso...”

Quando questionada se ela percebe que tem mais adolescentes com este sentimento em relação ao *Facebook*, ela respondeu: “Eu acho que eu não reparei isso muito, mas eu acho que tá um pouquinho em geral, porque tem umas amigas minhas que também concordaram, ele tá muito chato e não está entrando.”

Fernanda também demonstra que mesmo, de certa forma, sem querer utilizar o *Facebook*, ela ainda precisa usar esta rede social: “Olha, o *Facebook* eu não gosto muito, mas eu preciso de usar, porque tem amigo meu que só tem *Facebook* e aí eu tenho que conversar com eles só pelo *Facebook*.”

Solange, que informa gostar muito de utilizar as redes sociais o tempo todo, apresenta um aspecto que tem a ver com as características tecnológicas e apropriações que as pessoas fizeram do *Facebook*:

O Facebook eu uso ele assim, mais no computador, porque no celular, muitas vezes, como o meu celular ele não é tão bom quanto eu gostaria que ele fosse... ele não funciona muito bem no Facebook, então eu uso mais no computador. Quando eu entro também eu não saio tão cedo, se eu entro e tenho que tomar um remédio tal hora eu esqueço. Pode ficar apitando que estou lá mexendo no Facebook.

Neste sentido, podemos perceber que mesmo o fato de o *Facebook* ter o aplicativo para *smartphones*, o tipo de uso que as pessoas resolveram fazer desta rede social acaba inviabilizando seu uso nos dispositivos móveis, por parte de alguns adolescentes, por demandar maior capacidade de armazenamento, processamento. Ou seja, exige um celular de preço mais elevado que pode não coincidir com a realidade financeira de muitos adolescentes. Este cenário ilustra as argumentações apresentadas por Bock (2004) que tratamos no capítulo 3 que se referem à construção histórica da adolescência diante necessidade de restringir os jovens do mercado de trabalho e portanto à renda própria.

Assim, mesmo que os pais possuam recursos não significa que os adolescentes terão acesso a tais recursos para comprar os dispositivos móveis da forma que gostariam. Neste sentido, surgiram em outras falas destes jovens a questão do custo de compra de créditos, ou a economia destes, e a questão do

smartphone não ser tão bom quanto gostariam ou acreditam necessitar. Isto pode ser evidenciado na fala de Fernanda:

O WhatsApp foi mais por uma necessidade, porque o WhatsApp é uma mensagem, né, é tipo como se fosse mensagem de graça. E eu me adaptei ao WhatsApp antes de virar moda. Porque para mim era importante falar com as pessoas e eu não tinha celular que presta. Quando eu tive, eu queria o WhatsApp, antes de eu ter, eu já queria o WhatsApp, e quando eu tive foi a primeira coisa que eu baixei.

Quando Fernanda se refere ao termo mensagem, ela em certos momentos quer se reportar ao SMS, do inglês (*Short Message Service*), presente nos celulares desde as gerações anteriores ao *smartphones*, porém, geralmente é um serviço cobrado pela operadoras de telefonia e assim inviável para o estabelecimento de conversas prologadas, atendendo mais o propósito de enviar uma mensagem curta e não estabelecer diálogos. O *WhatsApp*, como sinaliza Fernanda no trecho abaixo, foi bem recebido exatamente por solucionar este impasse sobre a demanda de enviar mensagens curtas e instantâneas:

O WhatsApp eu acho que num... eu acho que é uma rede social boa, que foi bem criada, porque nem todo mundo, igual créditos no celular para conversar por mensagens é difícil, né... por toda semana. Mas, o WhatsApp é só ter Internet, então é muito mais fácil. (Fernanda).

Também é interessante no final de sua fala como Fernanda percebe a Internet como algo tão simples e presente em seu cotidiano a ponto de ela dizer “é só *Internet*”. Isto vai ao encontro do contexto e popularização da Internet e das TIC's que tratamos no capítulo 2.

Possivelmente podemos enumerar pelo menos três aspectos que levaram os adolescentes mais novos a migrarem do *Facebook* para outras redes sociais, que são: 1) A presença de seus familiares adultos, principalmente pais, avós etc.; 2) O desejo de vivenciar novas experiências e assim testar as novas redes que surgem na busca constante por novidades; 3) A baixa performance do *Facebook* nos *smartphones* e o surgimento de aplicativos pensados nativamente para os dispositivos móveis, tais como o *WhatsApp* e *Instagram*.

Apesar desta migração expressiva por parte destes jovens, reconhecida inclusive oficialmente pelo *Facebook*, muitos adolescentes ainda possuem seu perfil ativo no *site* e, como alguns descreveram, o seu uso ficou reservado ao contato com

a família. Vejamos o que diz Patrícia: “(...) o *Facebook* porque, é por causa mesmo da minha família, porque eu parei de mexer e minha família pergunta por que eu não entrei em contato.”.

Não obstante, o *Facebook* continua sendo a principal ferramenta e referência de rede social atualmente. Mesmo, que os adolescentes estejam migrando para outras ferramentas de redes sociais, eles não estão abandonando de vez o *Facebook*, ou seja, excluindo o perfil no *site*. Como percebemos na fala dos adolescentes que participaram das entrevistas, eles continuam com perfil ativo, e mesmo os que relataram estar entediados com o *Facebook* ainda fazem uso do *site*. Apesar das diversas aplicações de redes sociais lançadas, nenhuma se equipara estruturalmente e funcionalmente ao nível do *Facebook*, desta forma podemos compreender a fala de Patrícia que revelou aguardar outra rede social chegar para ocupar o lugar do *Facebook*, conforme citado anteriormente.

Quando questionados se sentem obrigados a entrar em uma nova rede social, quase todos os adolescentes responderam que não, exceto Fernanda, que analisaremos a resposta por último nesta sequência. Embora como relataram não se sentirem obrigados a participar de uma nova rede, o que podemos de certa forma questionar fica evidenciado na fala dos adolescentes o segundo aspecto que enumeramos: a curiosidade e busca para experimentar novos espaços e, portanto, as novas redes sociais que surgem.

Neste sentido podemos perceber na fala dos adolescentes a importância da indicação do grupo para que eles conheçam e experimentem as novas ferramentas de rede social que vão surgindo, pois, precisam acompanhar o que o grupo diz ou faz. Por indicação do grupo, ao menos instalaram e testaram as novas redes que foram surgindo, mesmo que as abandonassem logo após experimentarem e não acharem interessante, vejamos nas palavras deles:

Às vezes surge um aplicativo aí o povo comenta... teve o Secret eu só não criei o Secret porque o meu celular não podia ter o Secret. E eu fiquei sabendo altas coisas que postaram sobre no Secret. Deu o maior problema este Secret no Brasil. (Solange)

Não depende, eu procuro saber com os amigos que têm, aí eu falo: “ah, é legal... é divertida”. Se for legal eu baixo para ver como que é, se não for, eu nem olho. (Sônia)

Eu não vou em obrigação, eu cadastro e vejo se é bom, se não é bom eu apago ou eu não uso e deixo pra lá, mas se for bom eu continuo, aí eu recomendo, mas vou mais pra avaliar o aplicativo, a rede social. (Patrícia)

Não. Eu vou lá e vejo como é, se eu não gostei eu desinstalo. Igual teve aquela Secret eu abri aí eu instalei. Eu vi que é maior bôlolô, eu fui e desinstalei, por causa que não tinha função aquilo. (Joana)

Não, eu não tenho Twitter e tem outras redes que eu não fiz. Ah, eu tenho o Snapchat também... eu baixo igual este Secret que deu até problema. Eu baixei, mas no mesmo dia que deu coisa lá, eu apaguei. Só para conhecer, se não está do meu agrado eu excluo. Todo mundo fica falando, aí eu fico curiosa para saber o quê que é, aí eu vou para conhecer a rede social depois eu decido. (Cristina)

O *Secret*, citado pelas adolescentes, trata-se de um aplicativo de rede social lançado para *smartphones* que conquistou a adesão expressiva dos adolescentes. Porém, foi proibido pela justiça brasileira, pois a base de funcionamento desta ferramenta é a troca de segredos entre o grupo de usuários de forma anônima. No entendimento da justiça a apropriação da ferramenta por partes dos usuários inaugurou um novo canal de apelo sexual e um ambiente inteiramente propício ao desenvolvimento do *cyberbullying*. No site oficial do *Secret*⁹, atualmente encontra-se um aviso sobre o encerramento das atividades do serviço e uma nota de seu idealizador que admite ser uma espada de dois gumes a liberdade de expressão pautada no anonimato e assim, reconhece os problemas que esta rede social estava trazendo e encerra as atividades da empresa após ter alcançado quinze milhões de usuários.

No depoimento das cinco adolescentes acima (Solange, Sônia, Patrícia, Joana e Cristina) elas afirmam que não se sentem obrigadas a se cadastrar em uma nova rede social. Elas demonstram que, a partir da indicação dos amigos, testam determinada nova rede social e se não gostam, ou desinstalam ou simplesmente deixam inativa.

Entretanto, um cenário diferente começa a ser desenhado com os depoimentos de outros três adolescentes, Caroline, Marcelo e Fernanda. Caroline, embora declare ter controle sobre qual rede é boa para que ela faça parte, pois em sua declaração afirma que tem redes ou determinados comportamentos nas redes que ela julga não ser ideal. Ela reconhece que sua postura anterior era de seguir os rumos de uso e comportamento comuns ao grupo. É importante lembrar que ela tem 16 anos, maior idade entre o grupo de adolescentes participantes da pesquisa, que tem média de idade de 14,5 anos, e que, como temos observado, existem diferenças

⁹ <https://www.secret.ly/>

no uso das redes entre adolescentes com mais idade e os com menos idade. Assim, percebemos que inicialmente Caroline se esforçava em acompanhar o que a turma estava fazendo: *“Eu era assim... a turma ia e eu ia e fazia a mesma coisa. Mas aí eu parei. Porque tem certas coisas que eu não acho que vai ser o ideal para mim.”*

Já Marcelo descreve um diálogo que nos revela como o grupo de adolescentes vai cobrando uns dos outros a participação em determinadas redes. Ele informa não conhecer o “Snap”, e os amigos o questionam por não conhecer a ferramenta e assim, ele instala e revela não gostar e, posteriormente, apagou o aplicativo. Porém, é interessante como este diálogo é estabelecido:

Há tipo eu já criei perfil em alguns aplicativos que depois sinceramente eu não gostei, peguei e excluí, igual o Snapchat. É uma coisa igual tipo assim: “ah, você viu o Snap da pessoa assim?”. Eu peguei e escutei:” não, o que é isso?” “Ah, você não conhece não?” “Não, não conheço não.”. “Então, você pega e olha como é que é”. Aí coloquei e não vi graça. No meu celular tem o Facebook e o Whatsapp assim pra conversar. Tem coisas que realmente não me agrada.

Fernanda afirma ser *“quase uma obrigação”* participar de nova rede que surge. Ela descreve a migração, que de forma semelhante a ela, foi vivenciada por todo o grupo de adolescentes na peregrinação do *Orkut*, passando pelo *Facebook* até chegar ao *WhatsApp*:

E quase uma obrigação. Porque, por exemplo, a época do Orkut, que era a rede social mais antiga que tinha. Eu usava ela, né, aí quando eu vi que estava todo mundo indo para o Facebook, deixando o Orkut de lado, aí eu tive que criar o Facebook, né, porque senão eu ia ficar para trás. Aí eu fui e criei, aí eu me apeguei ao Facebook, porque o Orkut ninguém mexe naquilo. Aí o jeito foi me adaptar ao Facebook e agora é mais WhatsApp do que Facebook.

Embora somente Fernanda tenha afirmado ser quase uma obrigação se cadastrar em uma nova ferramenta de rede social que surge, suas palavras definem bem o processo migratório de uma rede a outra vivenciado pelos adolescentes. Ela utilizava o *Orkut* e quando percebe o êxodo para o *Facebook*, sente a necessidade de migrar também, pois, conforme declara, se não acompanhasse a migração do grupo ela ficaria para trás.

Este é um ponto importante, não adianta que o adolescente goste de uma determinada rede social se seus amigos não estão mais por lá; o sentido daquela rede social é esvaziado. E este grupo de amigos é geralmente composto pelos

colegas de escola, igreja, ou seja, do círculo de convívio social *off-line*. Entretanto, mesmo estudando na mesma escola, ou seja, frequentando os mesmos espaços físicos, os adolescentes elegem as redes como ferramenta mediadora de sua sociabilidade, quer seja por questões de tempo, encurtamento de distâncias ou se sentem menos inibidos para conversar no meio virtual, como veremos em tópico mais adiante.

Neste instante, podemos perceber na fala de Fernanda e de Cristina como as redes são importantes para que mantenham diálogos com os amigos, mesmo com aqueles mais próximos de seu convívio da vida *off-line*:

Ah... eu gosto de me expressar, principalmente porque é difícil fazer isto no dia a dia e de conversar com quem mora longe. Porque eu moro muito longe da escola e é difícil para mim comunicar com as pessoas estão aqui. (Fernanda)

Tem amigos que quando eu chego na escola eles já foram embora, aí eu converso com eles na rede social. Mas, tem dia que a gente marca de encontrar e aí eu converso com eles fora da rede social. Mas, é muito raro isto acontecer, porque cada um tem um compromisso, aí nunca bate. Aí a conversa fica mais na rede social. (Cristina)

Assim, os encontros, as histórias, as fotos, as informações sobre os trabalhos de escola, ou seja, o que está presente nas redes sociais se configura para os adolescentes como ponto de encontro e núcleo de informação do que acontece e é importante para o grupo de amigos. Deste modo, o preço de não pertencer a estas redes é alto para os adolescentes. Mas, para conseguir acompanhar o grupo, os adolescentes precisam seguir o coletivo que adotam modo de uso das redes de forma nômade, e flui dinamicamente no ciberespaço e na medida em que surgem novas ferramentas que caem no gosto dos adolescentes, antigos espaços ora movimentados são simplesmente abandonados, como disse Fernanda sobre o *Orkut*: “ninguém mexe naquilo”.

Esta dinâmica nômade dos adolescentes nas redes sociais em um movimento migratório que parte deles próprios, que só é percebido pelos estudiosos ou as próprias empresas que administram determinada rede social durante ou após a debandada dos grupos, é base para o entendimento de quais redes eles utilizam neste momento. Nas entrevistas os adolescentes declaram utilizar com maior

frequência cinco redes sociais, são elas: o *WhatsApp*, *Instagram*, *Snapchat*, *Facebook* (em menor frequência, mas ainda usam) e o *Tumblr*.

O *WhatsApp* é um aplicativo de comunicação que foi apropriado por seus usuários como rede social, o que se deu especialmente por meio dos grupos de contatos e a migração de diversas atividades (mensagens, envio de vídeos, frases, comunicação, imagens da Internet, etc.), que outrora eram realizadas no *Facebook*. Dessa forma, o *WhatsApp* surge, no instante desta pesquisa, como rede social mais utilizada pelos adolescentes e também com significativa adesão em outras faixas etárias. Isto se deve em parte, como temos argumentado, pelo fato de o aplicativo se configurar em uma rede social que nasceu na era dos *smartphones* e, portanto, adaptada à cultura da mobilidade introduzida pelos celulares. Diferente do *Facebook*, que surgiu como *website* e posteriormente lançou o aplicativo para dispositivos móveis, o *WhatsApp* nasceu como aplicativo e somente recentemente foi lançado oficialmente um serviço de acesso em *website*, mas com uma significativa diferença: para utilizar o aplicativo no computador é preciso estar com o *smartphone* ao lado para que haja conexão direta do serviço WEB com o aplicativo. Assim, podemos observar que o *WhatsApp* não perdeu sua característica de aplicativo para dispositivos móveis. Este fator juntamente com outros já descritos vieram ao encontro dos adolescentes que desejam estar conectados constantemente e integram a cultura da mobilidade e conectividade. Desta maneira, podemos entender que há um fenômeno social e comportamental mediado pelo avanço das tecnologias de comunicação e informação (TIC's). Conforme argumentamos ao final do capítulo 2, o homem, ao criar e desenvolver as tecnologias, também se reinventa e desenvolve suas capacidades, e, conseqüentemente, sua forma de ser e estar no mundo.

Podemos perceber na fala dos adolescentes entrevistados tanto a adesão e preferência de modo geral pelo *WhatsApp*, quanto o tempo de uso que estes declaram fazer desta ferramenta de rede social. Destacamos as seguintes falas:

O WhatsApp é toda hora, todo dia, todo momento, não vivo sem o WhatsApp. Eu comunico qualquer coisa que acontecer... tipo como meu irmão ele ainda estuda, eu mando mensagem para ele para ele não ter que atender o telefone no meio de uma aula, porque eu cansei de ligar para ele no meio de aula. Eu porque tenho, eu e meu irmão assim... meu irmão ele é um que se chegar mensagem 4 horas da manhã, ele lê a mensagem. Eu não, eu desligo a internet senão eu não consigo dormir, porque aí eu fico no celular o tempo inteiro. (Solange)

WhatsApp só na hora de dormir que eu paro e na hora da escola que não pode, mas é direto. (Patrícia)

Todo dia. Tem o tempo, exemplo, mensagem, eu vou lá e vejo. (Caroline)

Solange nos apresenta evidências de como as redes sociais estão presentes na vida e cotidiano dos adolescentes, conforme temos visto desde o segundo capítulo. Patrícia concorda e pontua que somente em momentos em que não pode ter acesso, seja para atender necessidades fisiológicas ou normas da escola, que fica fora das redes. Entretanto, alguns adolescentes marcam determinados momentos em que estão nas redes sociais e momentos em que não estão, vejamos:

Eu costumo usar um pouco todos os dias. Uma frequência assim de uma hora por dia. (Marcelo)

Eu costumo olhar todo dia, só olhar, uma olhadinha rápida e depois eu faço outras coisas. (Eduardo)

Ah!... Sempre que dá tempo, geralmente não dá tempo, mas quando dá eu vou... (Fernanda)

De acordo com o relato destes adolescentes existe um determinado momento que eles marcam como o momento em que estão nas redes sociais, entram e saem. Entretanto, Fernanda, que afirma que geralmente não dá tempo para acessar as redes, quando questionada se acessa todos os dias responde:

É! Todo dia! Porque eu tenho meu celular, né... (Fernanda)

O WhatsApp tipo todo dia e o Instagram também. Toda hora eu estou com o celular na mão. (Cristina)

Aqui podemos perceber que, em um primeiro momento, Fernanda parece não acessar muito as redes sociais, porém, como ela mesma afirma, por meio do seu celular, está praticamente o tempo todo conectada nas redes sociais, mesmo aparentemente não percebendo isto. Cristina confirma a importância do celular e destaca que sempre está com o celular nas mãos, ou seja, sempre em uso. Marcelo também, em outro momento da entrevista, revela o uso do celular para conversar nas redes sociais. Desta forma, podemos afirmar que a rede do momento é o *WhatsApp* e o principal meio de acesso a ela por parte dos adolescentes são os *smartphones*, que possibilitam que estes fiquem conectados praticamente vinte e quatro horas por dia, porque, mesmo quando estão dormindo, o aparelho armazena

as mensagens que chegaram neste período para que possam ver logo que acordarem.

Quanto ao que mais gostam de fazer nas redes sociais, em síntese, é conversar com os amigos, compartilhar conteúdos multimídia, se expressar, se informar sobre assuntos de escola e acontecimentos do mundo. Também utilizam as redes sociais como entretenimento, marcar encontros com os amigos e cultivar os relacionamentos de amizade por meio das trocas de mensagens. Vejamos isto presente na fala deles:

Solange:

Assim, eu gosto muito do WhatsApp porque lá você pode compartilhar áudio, vídeo, mensagem. E lá praticamente eu falo com qualquer local do mundo e não cobrar.

Patrícia:

O Tumblr é porque é como se fosse um blog, ele se expressa, eu pego muito por isso.

Joana:

Pra tipo... vê como as meninas estão, se elas estão bem, falar de alguns assuntos, da escola. Marcar de sair, vê o que os outros postaram, fotos, estas coisas.

Eduardo:

Pra questão assim de saber o que está acontecendo na escola, uma coisa que eu não fiz assim, trabalho também que o povo manda lá, se fez ou não. É mais fácil pra se comunicar, não precisa ficar ligando, se a pessoa não pode te atender ela te responde.

Sônia:

Ah!.. para diversão mesmo. O WhatsApp para ficar conversando com os amigos, batendo papo. Facebook para ver o que está acontecendo... sei lá, é por diversão. É um bate-papo mesmo.

Caroline:

Às vezes é para trabalho de escola que a gente tem um grupo e também conversa normal do dia a dia, com amigas. É conversar mesmo, brincadeiras também.

A simplicidade na maneira de se comunicar pelas redes sociais é algo que agrada significativamente os adolescentes. Sobre isto Solange comentou: *“Eu gosto do WhatsApp porque ele é um aplicativo simples e muito útil”*.

Como podemos perceber no discurso dos adolescentes, as redes sociais não são espaços apenas para o consumo de informação, lá eles encontram lugar de expressão de suas ideias, sentimentos e também de conteúdos. Assim, ao mesmo tempo em que eles consomem informação nas redes, eles também a alimentam de

conteúdos no modelo de comunicação muitos-para-muitos, que discorremos no segundo capítulo. Estes conteúdos podem ser de cunho mais pessoal, mas de certa forma de interesse público: *“Nossa... eu publico muito. Por exemplo, eu tenho uma festa, aí eu vou e tiro fotos com as pessoas que estão lá. Nossa, esta festa está muito boa. Aí eu mostro essas fotos, assim é momentos especiais pra mim.”* (Patrícia). Ou conteúdos específicos relacionados a filmes, jogos entre outros: *“Eu normalmente publico coisas de filme. Que nem eu sou muito fã do Harry Potter então eu publico muita coisa sobre as séries.”* (Davi).

Também gostam de publicar conteúdos mais íntimos, que expressam seus sentimentos. A rede social *Tumblr* foi citada por diversos adolescentes como ferramenta apropriada para expressão de sentimentos. O *Tumblr* tem uma característica peculiar por ser uma rede social constituídas por *blogs* multimídias, com recursos para que eles sejam seguidos, agrupados e compartilhados. Uma das características dele é a possibilidade de manter o anonimato, conforme nos explica Solange:

A rede social, do mesmo jeito que ela te priva de algumas coisas, ela te liberta de muitas coisas. Exemplo, aquela pessoa que tem aquele sentimento que ela não conta para ninguém, tem uma rede social que você posta isto, o Tumblr. Eu já tive Tumblr, mas como eu nunca fui muito de gostar de Tumblr e Twitter. Teve um dia deste eu, por estar muito chateada, eu fiz do meu Facebook um Tumblr, que eu postava, postava coisa deste naipe. O Tumblr ele é... ele é... hum... como assim dizer... o Tumblr é como se fosse uma página você não cria um perfil seu, com o seu nome e suas coisas. Você cria um Tumblr com o nome tipo: pudim azul, uma coisa que não tem nada a ver com seu nome. E aí por exemplo, você está chateado, aí você pega o seu celular e começa a digitar as coisas que está te incomodando e aí você posta no Tumblr. E aí vai ter gente que vai te entender e vai ter gente que “nossa!... um dia vou passar por isto”. Lá do mesmo jeito que você posta as coisas que te incomodam, você posta as coisas que te deixa feliz. Aí as outras pessoas vão ver isto e não tipo imaginar “nossa!... mas esta menina postando estas coisas...”. A pessoa não sabe, você tem um sigilo por trás disto. Eu por não usar eu não sei, mas eu acho que no Tumblr não existe preconceito por causa dos seus sentimentos. Porque, se a pessoa tem Tumblr é porque ela tem sentimento, porque ela precisa tirar isto de si. Eu comecei a usar Tumblr, eu vi que aquilo não era a minha praia e eu sempre fui de ter os meus próprios sentimento e não compartilhar com ninguém, independente se ela fosse saber se era eu ou não. Eu sempre guardei.

Na fala de Solange podemos encontrar algumas contradições, pois ela diz que guarda seus sentimentos, entretanto, revela que um certo dia fez de seu *Facebook* um *Tumblr*, postando coisas, em suas palavras, *“deste naipe”*. Embora ela revele não utilizar mais o *Tumblr*, encontramos em suas palavras a melhor

explicação da dinâmica de uso desta rede e a importância dela como espaço de expressão de sentimentos por parte dos adolescentes. Como ela mesma afirma, quem utiliza esta rede tem sentimentos e encontra nesta rede social um espaço para dar vazão a tais sentimentos.

Em síntese, podemos traçar o perfil de uso das redes sociais por parte dos adolescentes como um uso intenso, presente em seu cotidiano e fundamental para manutenção dos laços sociais com seus amigos da escola, igreja, familiares; enfim, do seu círculo social *off-line*. Assim, por diversas características da sociedade atual, mesmo conhecendo os amigos pessoalmente, as redes sociais constituem para estes jovens ponto de encontro e convívio diário, quer seja por questões de distância ou de poder passar tempo juntos fisicamente. Desta forma, encontram nas redes a possibilidade de prolongar e manter o contato de seu círculo social mais próximo. Outra característica do uso das redes sociais por parte dos adolescentes é a migração constante dos grupos na medida em que uma nova ferramenta de rede social surge e atinge ou agrada o grupo que migra e conduz os integrantes individualmente a adotar geralmente o mesmo comportamento nômade do grupo. As redes sociais que mais têm agradado ao público adolescente no momento são as redes que melhor se adaptam nos dispositivos móveis, quer seja por estar sempre próximo deles ou por também oferecer maior privacidade, uma vez que o computador é compartilhado por mais membros da família e o celular geralmente é algo privado. Nas redes sociais os adolescentes consomem conteúdos, mas também publicam, ou seja, o modelo refletido é de comunicação muitos-para-muitos. Assim, as redes sociais se configuram como espaço de atuação ativa para eles, que, por meio das próprias ferramentas de redes sociais e auxílio dos amigos presencialmente, aprendem a utilizar as diversas possibilidades comunicacionais destes espaços e com idade cada vez menor iniciam suas vidas no meio virtual.

5.2 Os laços sociais estabelecidos pelos adolescentes nas redes sociais

Kaufman (2012) busca aplicar os conceitos de “Laços Fortes” e “Laços Fracos” ao ciberespaço, em especial ao estudo das redes sociais virtuais, a partir da tese desenvolvida pelo sociólogo americano Mark Granovetter. De acordo com Granovetter, ao publicar seu artigo em 1974 intitulado *The Strength of Weak Ties (A Força dos Laços Fracos)*, rompeu com a sociologia tradicional ao sugerir o estudo

do padrão das conexões existentes entres os indivíduos, ou seja, o grau de coesão das redes, bem como o fluxo de recursos financeiros, afetivos e informacionais. No entendimento do sociólogo, afirma Kaufman (2012), os critérios da sociologia só devem ser aplicados e aprofundados após o conhecimento do grau de coesão social dos grupos. Assim, a base de seu argumento consiste na constatação de que os indivíduos tomam decisões mais sólidas proporcionalmente ao nível de solidez dos vínculos de suas redes. Lembramos aqui que o conceito de rede trabalhado por Granovetter se refere ao círculo social *off-line* trabalhado pela sociologia, conforme descrevemos no capítulo 2 ao desenvolvermos o conceito de redes sociais virtuais como modelo análogo ao *off-line*. As apropriações destes para as redes sociais *on-line* estão contidas em Kaufman (2012).

Granovetter, em 1983, publicou outro artigo *The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited (A Força dos Laços Fracos: A Teoria da Rede Revisitada)*, no qual revê alguns conceitos de 1974, e destaca que os “Laços Fracos” são essenciais para a propagação da inovação, por se tratarem de redes diversificadas, pela experiências e formações diversas de seus indivíduos.

Neste sentido, Kaufman (2012, p. 208) explica:

Nas redes de “Laços Fortes” há uma identidade comum, as dinâmicas geradas nessas interações não se estendem além dos *clusters*, por isso mesmo, nas referidas redes procuramos referências para a tomada de decisão; são relações com alto nível de credibilidade e influência. Indivíduos que compartilham “Laços Fortes” comumente participam de um mesmo círculo social, ao passo que os indivíduos com os quais temos relações de “Laços Fracos” são importantes porque nos conectam com vários outros grupos, rompendo a configuração de “ilhas isoladas” dos *clusters* e assumindo a configuração de rede social. Nesse sentido, as relações baseadas em “Laços Fortes” levam a uma topologia da rede, isto é, definem a configuração dos nós da rede de conexões entre os indivíduos no ciberespaço, no qual as relações de “Laços Fracos” funcionam como *bridges* desses *clusters*. Quanto menos relações de “Laços Fracos” existirem numa sociedade estruturada em *clusters* (“Laços Fortes”), menos *bridges* e menos inovação.

Aplicando estes conceitos às redes sociais virtuais ou *on-line*, percebemos a importância dos contatos fora no círculo social cotidiano mais íntimo dos sujeitos, pois estes funcionam como uma espécie de ponte para conectar os diversos grupos nas redes sociais, alimentando-os de novas informações e espalhando conteúdo em escala planetária. Logo que as redes sociais começaram a se popularizar nos primórdios em 2004, surgiram questionamentos sobre a viabilidade e veracidade do

estabelecimento de relações de amizades expressivamente quantitativas nas redes, os então nomeados de “amigos virtuais”. Aos poucos esta nomenclatura foi sendo mesclada com o termo “seguidores”; entretanto, ainda é comum se referir aos seguidores ou contatos como amigos. A tese de Granovetter pode fornecer uma saída para o impasse mediante a impossibilidade de se cultivar “Laços Fortes” com tantos “amigos virtuais”. Ao estabelecer a relevância dos “Laços Fracos”, ele possibilita a compreensão do fenômeno observado por ele na vida fora da Internet e que no ciberespaço atingiu contornos exponenciais, que, de fato, as relações sociais são compostas por estes dois tipos de laços sociais e cada um deles tem um papel importante na consolidação e aperfeiçoamento das estruturas sociais.

Os adolescentes participantes da pesquisa, ao serem questionados sobre a quantidade de amigos que eles cultivam nas redes sociais, responderem possuir entre cem e mil amigos em geral. Quando questionados sobre quantos destes seriam amigos íntimos (Laços Fortes) a média caiu para cerca de dez amigos. Todos os adolescentes foram unânimes em afirmar que não consideram importante cultivar um número grande de contatos se não conversam com todos. Solange e Fernanda, entretanto, nos apresentam indícios que vão encontro da teoria de Granovetter:

Assim, eu não acho que você ter aquela quantidade de amigos, gente que você nem conversa, importante, mas eu acho que assim, às vezes você tem uma pessoa no WhatsApp, ops, no Facebook que você nem conversa, mas você não vê esta pessoa há 4 anos e aí ela te chama, aí vocês voltam a ser um amigo íntimo. Então, assim, eu acho que tem importância, você ter tanto aquela pessoa que você não gosta ou aquela pessoa que você gosta. (Solange)

Ah! Não, eu... primeiro que eu dou oportunidade para todo mundo que quer conversar comigo, eu vou lá e converso com a pessoa, por isto eu costumo adicionar todo mundo que pede, geralmente assim, só as pessoas que eu acho, ver tipo, que não me conhece mesmo, que não tem como me conhecer que eu não adiciono, mas os outros... (Fernanda)

Solange revela que é importante manter o contato de todas as pessoas, mesmo aquelas em que não há nenhuma comunicação, pois esta pessoa pode precisar falar com ela e o canal precisa estar aberto e a conexão sempre disponível. Também é apontado por Solange como as redes sociais são importantes para a retomada dos laços sociais outrora perdidos, pois possibilitam e viabilizam o

reencontro de pessoas com que perderam contato e não havia mais relação, e assim estabelecer os laços sociais novamente.

Fernanda informa que adiciona à sua rede social todas as pessoas que em seu julgamento não oferecem riscos. Ela informou ter aproximadamente mais de mil pessoas no *Facebook* e, destes, vinte são considerados por ela como amigos íntimos (“Laços Fortes”), porém, ela demonstra uma atitude que amplia suas conexões de “Laços Fracos”, ao adicionar todos que queiram conversar com ela, estendendo assim sua capacidade de alcance no envio e recebimento de informações pela amplitude de conexões que sua rede social possui. Em outro instante da entrevista, ao ser questionada sobre qual o critério para excluir alguém de suas redes sociais, ela responde: “*Eu não costumo excluir ninguém não. [...] Tipo, pode ser que um dia eu precise falar com esta pessoa, então eu vou e deixo lá...*”

Nesta afirmativa Fernanda compartilha do mesmo sentimento de Solange sobre a necessidade de manter o canal e a conexão sempre ativos. Também podemos perceber como os adolescentes elegeram as redes sociais como canal prioritário e, em determinados casos, únicos para estabelecerem suas comunicações.

Outro aspecto que surgiu nas entrevistas é o sentimento de posse que os adolescentes apresentam em relação às redes sociais. Patrícia e Sônia, ao descreverem o número de contatos que possuem nas redes sociais, usam o termo ter ora para dizer do número de pessoas que as têm, ora para especificar que têm aquelas pessoas por meio das redes, vejamos:

Nossa... o Tumblr você não conhece ninguém, tipo só alguns amigos. Então, é por seguir que você gosta. Então, eu não sei, mais ou menos, mais o Facebook, o Instagram e o WhatsApp inteira na faixa de uns duzentos, duzentas pessoas que eu sigo, duzentas pessoas que me seguem, que me têm. Até que não é tanto não, sei lá. (Patrícia)

Não, para mim não é importante o número de pessoas. Porque eu converso com todo mundo que eu tenho. (Sônia)

Uma menina, ela veio no meu Facebook, bobeira, ela veio falar merda no meu Facebook, que uma coisa que eu tinha postado que ela não gostou, ela veio me xingar. Aí deu briga, aí eu xinguei ela também, porque eu não vou... Ela está no meu Facebook, porque que ele foi falar no meu Facebook, se fosse no dela, mas não era no dela, era no meu. (Fernanda)

O sentimento de posse das redes sociais que surge na fala de Fernanda vai ao encontro da metáfora de Lévy (1999) sobre o que ele denomina como dilúvio

informacional. Para entender os novos tempos permeados pelas recursos tecnológicos de comunicação, especificamente o ciberespaço, este autor constrói um paralelo entre o dilúvio bíblico e o dilúvio informacional vivenciado na atualidade.

Segundo Lévy (1999) Noé selecionou e protegeu uma porção de dados de sua época, criando, assim, um pequeno mundo organizado diante do caos produzido pelo dilúvio. De forma análoga, neste dilúvio informacional cada indivíduo, ao criar um local no ciberespaço, um *blog*, um *site*, um perfil nas redes sociais, se torna uma espécie de novo Noé, e cada local criado torna-se metaforicamente sua arca de preservação de sua seleção em meio à diversidade. Neste sentido, afirma Lévy (1999, p.15): “Quando Noé, ou seja, cada um de nós, olha através da escotilha de sua arca, vê outras arcas, a perder de vista, no oceano agitado da comunicação digital. E cada uma destas arcas contém uma seleção diferente”. Cada arca agora no oceano do ciberespaço quer selecionar, preservar e transmitir informações.

Lévy (1999) explica que, nas sociedades orais, o contexto em que as mensagens eram produzidas era o mesmo no qual eram transmitidas. Com o surgimento da escrita, ocorreu a separação entre os textos e o contexto vivo no qual eram estes eram engendrados. E isto, na perspectiva do autor, pode gerar problemas de interpretação destes textos devido ao distanciamento do contexto em que foram concebidos. Para resolver este problema, algumas mensagens foram produzidas com o intuito de preservar o mesmo sentido em qualquer contexto onde fossem transmitidas, são as denominadas mensagens universais, ligadas às ciências, religiões do livro, direitos do homem entre outras. O preço desta universalidade, conquistada pelo uso do da escrita estática, é uma certa redução ou fixação de sentido produzido por um “universal totalizante”. Para Lévy (1999, p. 15) “a cibercultura leva a co-presença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente”.

Assim, no ciberespaço os sentidos não estão mais atrelados à autonomia dos textos, na tentativa de sua estabilização e independência das significações. A produção de sentidos se edifica e se propaga no ciberespaço por meio de mensagens interconectadas entre si e da vinculação constante com as comunidades virtuais que lhes concedem múltiplas interpretações em constante renovação. Desde modo, para Lévy (1999, p. 15), “A arca do primeiro dilúvio era única, estanque, fechada, totalizante. As arcas do segundo dilúvio dançam entre si. Trocam sinais.

Fecundam-se mutuamente. Abrigam pequenas totalidades, mas sem nenhuma pretensão universal”. Portanto, a revolução introduzida na sociedade pela Internet concedeu voz a milhões de pessoas em todo mundo. Trouxe de volta a dinâmica da comunicação oral, agora modificada, mesclando a escrita, imagens e oralidade no fluxo intenso de comunicação virtual.

Os adolescentes participantes da pesquisa demonstraram que se apropriaram das redes sociais como espaço de expressão, sociabilidade e informação sobre os temas de seus interesses específicos. Também foi possível perceber que eles se sentem donos dos espaços virtuais que criam e zelam para que tais lugares permaneçam representando a personalidade de cada um. Assim, foi possível enxergar neles a analogia proposta por Lévy (1999), de fato encarnam com excelência a figura de um novo Noé em um novo dilúvio, e são proprietários de suas arcas tecnológicas interconectadas umas às outras em um momento ímpar na história da civilização, pois nunca se teve tanto poder e alcance de comunicação e acessível a uma faixa significativa da população, inclusive crianças e adolescentes.

Dessa forma, Kaufman (2012) escreve que, no passado recente, os indivíduos estabeleciam suas conexões por meio dos telefones, carros, aviões entre outros objetos. Entretanto, hoje, além destas possibilidades, as próprias pessoas se tornaram pontos de conexões em rede, uma vez que cada indivíduo tem o seu próprio número de telefone, o que foi possível por meio do celular, e também possuem endereço único na Internet. Desse modo, por meio do celular e da Internet, o indivíduo tornou-se uma espécie de um ponto de distribuição entre os laços e redes sociais, permanecendo constantemente conectado e disponível para os outros contatos a qualquer hora e em qualquer lugar dentro dos alcances dos recursos tecnológicos. Neste sentido, antes da popularização da telefonia móvel e da Internet, para entrar em contato com uma determinada pessoa, o endereço, o número do telefone fixo eram fundamentais. Hoje, com as redes, eles dizem que possuem a própria pessoa, é comum escutarmos os internautas dizendo: “eu tenho tal pessoa no meu *Facebook* ou *WhatsApp*”, ou seja, tornou-se transparente a mediação tecnológica e a sensação atual é que o acesso é direto e instantâneo uns aos outros. Ao contrário do início da WEB que o que se conectava mundialmente eram computadores, hoje o que temos constituído é uma rede mundial de pessoas conectadas praticamente vinte e quatro horas por dia.

Dessa forma, ao analisar as respostas dos adolescentes entrevistados sobre a diferença entre conversar pessoalmente ou pela mediação das redes sociais foi possível listar diferentes aspectos, como a possibilidade de conversar com um número maior de pessoas ao mesmo tempo, seja no mesmo grupo ou paralelamente com outras pessoas. Sobre isto disse Solange: *“Eh!! O que eu gosto nas redes sociais é que ao mesmo tempo que você está conversando com duas pessoas, você está conversando com quinze”*. Assim, este aspecto que diferencia a comunicação via redes sociais é a possibilidade de, ao mesmo tempo, conversar com diversas pessoas, acessando lugares e assuntos distintos. O encurtamento das distâncias geográficas é outro aspecto que surgiu nas entrevistas, vejamos o que disse Fernanda:

As pessoas que estão longe é muito difícil a comunicação, creio que cresceu muito as coisas. Está ficando muito mais difícil de encontrar. E a rede social é a única saída que você tem pra poder falar com a pessoa, uma pessoa que você gosta, por exemplo, não tem como você ficar o dia inteiro na casa da pessoa.

Fernanda no final de sua fala nos apresenta pistas de como faz uso das redes sociais durante todo o dia, em constante conexão. Ao ser questionada sobre a frequência de uso, ela deu a entender que não utiliza muito, porém, em vários outros momentos de sua entrevista, podemos evidenciar que seu uso é intenso, ainda que ela mesma não perceba. Algo que ela ressaltou em vários momentos da entrevista é como as redes lhe possibilitaram manter contato com outras pessoas, pois ela relatou passar muito tempo fisicamente sozinha em casa após a escola. Assim, ela percebe as redes como fundamental para que, mesmo à distância, possa ficar em contato e conversar constantemente com seus amigos.

Eduardo também explica sua percepção de encurtamento das distâncias geográficas e descreve: *“Dois anos atrás eu conheci, são quatro meninos lá de São João Del Rei e até hoje a gente é amigo, a gente conversa. A gente conversa normalmente como todo mundo, só que a presença da pessoa se torna diferente”*. A possibilidade de manter contato com amigos de outras cidades não é em si uma novidade. O diferencial que podemos observar no que disse Eduardo é que ele entende a relação de amizade com estes amigos de outra cidade como uma relação semelhante a que ele estabelece com seus amigos de Belo Horizonte no que diz respeito às conversas e ao compartilhamento cotidiano das histórias vividas. Porém,

ele percebe e entende que a presença deles é diferente por causa da distância geográfica. Entretanto, esta diferença não se trata de um aspecto contraditório, pois, o que Eduardo busca esclarecer é que, mesmo que seus amigos estejam geograficamente distante dele, por meio das redes sociais eles conseguem se fazer próximos e presentes cotidianamente em sua vida. Desse modo, ele classifica a conversa com estes amigos de outras cidades “normais” quando comparadas aos amigos da mesma cidade. Assim, esta possibilidade de presença virtualizada cotidiana é uma novidade introduzida pelas redes sociais, já que, como temos argumentado ao longo desta pesquisa, elas encurtaram, além das distâncias geográficas, as distâncias temporais, e este aspecto relacionado ao tempo é o fator que possibilita o acompanhamento e compartilhamento em tempo real da vida dos amigos. Assim, quando Eduardo afirma que a presença é diferente, ele quer enfatizar a presença e não a diferença de como ela ocorre, e, neste sentido, não percebe distinções entre os colegas que conversa em sua cidade com estes amigos que ele cultiva há dois anos de outra cidade. Dessa forma, esta possibilidade de presença, com as peculiaridades que mencionamos, se torna um diferencial para a conversa e o estabelecimento de “Laços Fortes” nas redes sociais.

Uma certa insegurança em conversar via redes sociais em comparação a conversar pessoalmente foi outro aspecto apresentado pelos adolescentes. Entretanto, apesar da insegurança das conversas *on-line*, o fluxo de conversas via redes sociais é intenso e até preferido por alguns dos jovens entrevistados. Neste momento, focaremos o aspecto que surgiu relativo à insegurança mencionada por eles:

Ah... tipo você fica um pouco meio insegura, sabe, porque assim pessoalmente você pode ver se a pessoa for falar um segredo ou perguntar alguma coisa séria, você sabe se a pessoa tá falando mentira ou não. Nas redes você fica tipo: “ai, meu Deus, eu confio nessa resposta ou não?”. Aí tem essa diferença. E também você não vê a pessoa, então dá um pouco de falta, sabe? Você imagina uma coisa e é a outra. (Patrícia)

Pessoalmente você expressa mais o que você está sentindo. Nas redes sociais você digita, aí a pessoa não sabe se você está brincando com a cara dela ou se está falando sério, aí eu prefiro pessoalmente. (Sônia)

Eu prefiro conversar pessoalmente, porque é muito melhor você olhar no rosto das pessoas e ver as expressões dela a cada coisa que você fala. No computador, no celular dá para esconder muito bem o que você está sentindo, dá pra você disfarçar muito bem, então você pode passar a impressão de uma pessoa que você não é na rede social e pessoalmente não tem como fazer isto. (Fernanda)

Eu acho pessoalmente que você se sente mais segura. No Whatsapp por exemplo, pode tirar print do que você falou e mostrar para as outras pessoas. (Joana)

Solange nos fornece significativos detalhes da dinâmica dos *prints*¹⁰ nas redes sociais:

Mulher é cheia de segredo, né... então do mesmo jeito que eu compartilho um segredo na rede social, eu compartilho assim pessoalmente. Porque eu prefiro contar um segredo pessoalmente, porque não é de não confiar nas pessoas, mas é porque às vezes você manda uma mensagem e a pessoa tira print e manda para outra... isto aí é coisa que eu faço. Então é muito complexo, se as pessoas pudessem ver todas as vezes que tiraram print de uma foto sua no Whatsapp, no perfil. Quantas vezes já tiraram print do seu status, quantas vezes já tiraram print de uma conversa sua com tal pessoa. Você ia bombar assim, ia vim só no seu celular... a pessoa tirou print... a pessoa tirou print... e aí seu celular ia explodir. (Solange)

Solange revelou que também realiza *prints* de mensagens de seus amigos, e quando questionada a este respeito respondeu:

Tiro, porque às vezes tem coisa que a pessoa vira e fala alguma coisa com você... tira print disto e manda para tal pessoa. Aí a pessoa fica assim "nossa, a outra tirou print e a outra não sabe", entendeu, então tem muito disto. Exemplo a pessoa briga com o seu namorado, aí a pessoa diz: "tira print disto e mostra pro meu namorado como se eu não soubesse que você fez isto...", sabe? Então, assim, quando uma pessoa me conta um segredo às vezes a gente diz assim: "não conta para ninguém, para pessoa não ter que, nossa, mas eu não sabia". Então, quando eu estou conversando com uma pessoa, eu digo "nossa aquela pessoa está me perguntando isto, posso contar?" Eu sempre pergunto, porque eu sei o tanto que isto pode magoar a pessoa ou essas coisas. (Solange)

O ato de repassar para outras pessoas algo que alguém disse ou confidenciou acontece dentro e fora das redes sociais, inclusive mesmo antes do advento delas. Entretanto, o que muda no caso das redes sociais é a evidência material do que foi dito nas diversas formas possíveis atualmente: escrito, fotografado, filmado ou gravado em áudio. Assim, ao se espalhar um segredo, não é mais simplesmente dizer algo sobre o outro e sim mostrar a atuação do outro por meio das evidências físicas. A prática do *print* se insere neste contexto e é cercado pelo jogo descrito por Solange no texto acima.

Assim, conforme surge na fala dos adolescentes são vários fatores que os levam a sentir insegurança de conversar nas redes sociais, os quais relacionamos

¹⁰ O *print* é a captura em forma de imagem de tudo o que está presente na tela, podendo ser copiado em outro arquivo.

os seguintes: a) a impossibilidade de ver a outra pessoa para confrontar suas expressões corporais no processo de comunicação com o intuito de validar o discurso proferido; b) o processo de comunicação pelo texto escrito pode gerar dúvidas se o que o outro está falando é sério ou se trata de uma brincadeira; c) o receio de que o outro gere uma imagem da tela (*print*) e espalhe algo que foi dito em particular.

Entretanto, como já adiantamos, não obstante a esta insegurança comum ao meio virtual, outro aspecto sobre a diferença entre conversar pessoalmente e via redes sociais apresentado pelos adolescentes foi que as conversas *on-line* ajudam a superar a timidez de dialogar pessoalmente. Vejamos o que disseram estes jovens:

Eu acho importante, porque às vezes a pessoa... eu por exemplo, eu conversar com uma pessoa pelo computador é muito mais fácil do que conversar pessoalmente. Porque, tipo, quando eu vou conhecer uma pessoa eu travo, eu esqueço meu nome, eu esqueço de mexer. Então eu para conversar com as pessoas às vezes... você está naquela correria do dia a dia, aí você diz assim: "ah!... me chama no Facebook que eu te conto. Ah!... posta esta foto no Facebook". (Solange)

Eu acho que quando a gente está mais perto a gente sente um pouco de vergonha na hora. Vamos supor de uma pessoa que você não conhece e você conversa por Whatsapp, na hora que você vai conversar pessoalmente não é o mesmo que o tanto de assunto que no Whatsapp, nas redes sociais, aí fica sem assunto, não conversa direito. (Joana)

Eu acho que conversar nas redes você perde um pouco a vergonha de falar com a pessoa, conversar na rede é muito mais fácil para uma pessoa que é tímida que nem eu sou muito tímido pra conversar pessoalmente. (Davi)

Desde modo, podemos perceber que, apesar da insegurança de conversar mais intimamente no meio virtual relatado por alguns adolescentes, a possibilidade de superar a timidez oferecida pelas redes sociais faz com que alguns, mesmo preferindo o diálogo pessoal, encontrem maior liberdade de expressão nas redes, como cita Caroline. Mas, encontramos opiniões divididas, pois para alguns adolescentes é mais seguro compartilhar sua intimidade pessoalmente, já que nas redes ficam expostos aos *prints*.

Para outros a conversa pessoal pode ser cercada de pessoas que possam escutar seus segredos e por isso, manifestaram insegurança em conversar intimamente pessoalmente. Para este grupo as redes sociais são mais seguras para o compartilhamento de seus segredos, como podemos observar no que disseram Caroline e Cristina em suas respectivas falas. Assim, elas percebem e elegem as

redes sociais como espaços privados e seguros para estabelecer suas conversações mais íntimas.

Acho melhor conversar pessoalmente. Só coisa que me deixa com mais timidez que prefiro on-line. Pessoalmente não tem como falar segredos... tem sempre uma que quer chegar e aí... a gente prefere falar tudo on-line mesmo. Mais fácil. É... é... alguns é vergonha... outros porque é muita gente em uma sala e acaba escutando e vai passando, vai aumentando as coisas, aí é preferível on-line mesmo. (Caroline)

Depende da situação. Quando é uma coisa normal de exemplo conversar, eu prefiro conversar tanto fora quanto dentro da rede social. Mas, se for resolver alguma coisa eu sou tímida, eu não medo de algumas coisas acontecer e não está no meu plano, aí eu prefiro conversar pela rede social. Porque na hora eu não consigo conversar com a pessoa. No WhatsApp você fala tudo que está afim de falar. Um acontecimento que às vezes eu sei que na hora eu não vou conseguir falar com a pessoa, eu falo pela rede social. (Cristina)

Outro elemento contraditório que surge na fala dos participantes da pesquisa é que, para alguns, o fato de não se visualizar a pessoa com a qual se fala é um incômodo, traz um vazio, como percebemos no que disse Patrícia. Já para outros, com o intuito de superar a timidez, esta ausência física do outro se torna um agente facilitador de expressividade e em determinados casos, não perceber as expressões corporais do outro é até preferível, como disse Solange:

Tem certas pessoas que te deixam mais à vontade para falar por mensagem. Porque às vezes você está conversando com uma pessoa e a expressão dela não te deixa satisfeita. Tem certas pessoas que te deixam mais à vontade, a pessoa te olha te entende, aí você fala “nossa, ela é realmente é uma boa ouvinte”. Assim, como tem gente que vai conversar com você parece que a expressão dela diz que ela não quer ouvir sobre isto, “pode parar de falar, por favor....” E na rede você conversa com a pessoa e por você não perceber isto, às vezes isto pode te deixar confortável ou algumas vezes pode te deixar desconfortável. Eu acho que depende da pessoa que vai te deixar confortável ou não com mensagem ou não. Porque quando você está falando com a pessoa, dependendo da reação dela, isto faz você ficar estressado e isto faz você brigar com ela. Então por você conversar com uma pessoa num lugar onde você não está vendo, você não está imaginando, você fica tipo mais tranquilo. Mas, depois que você envia a mensagem você fica: “mas será que ela leu? Nossa e qual vai ser a resposta dela, será que ela está escrevendo... será que ela está lendo....” Aí você fica... eu sou uma dessas.

Assim, podemos entender que, de certa forma, este distanciamento proveniente da mediação tecnológica insere os sujeitos em um ambiente solitário/conectado que propicia uma capacidade para controlar e mascarar

intencionalmente suas emoções. Sobre isto, ao brigar com uma amiga nas redes sociais, disse Cristina:

Eu briguei com uma amiga, foi no Facebook da mãe dela há uma semana atrás, eu conversando com ela eu comecei a chorar aonde eu estava. Eu não sei qual foi a reação dela, eu não falei também que eu estava chorando. Mas, eu não estava chorando porque estava perdendo uma amizade, foi mais pelo que aconteceu, que ela fez e tal... mas esta foi a briga mais feia que eu tive na rede social. E hoje em dia a gente não tem mais contato... tem mais por parte dela.

Diante da briga com sua amiga, Cristina vivenciou seu momento de choro de forma solitária e protegida pelo distanciamento da mediação tecnológica. Neste sentido, Fernanda em sua fala também nos apresenta vestígios deste distanciamento da mediação virtual para se controlar frente a situações que pessoalmente ela agiria de forma mais impulsiva:

Você fica sem graça de falar isto pessoalmente, porque eu, por exemplo, sou muito grossa, eu tenho que me controlar muito, e pessoalmente é muito difícil quando eu ouço uma crítica que eu não concordo me controlar e não falar tipo, o que eu penso na hora, às vezes pode ficar pesado para pessoa. Eu também tenho dificuldade de controlar, mas é mais fácil usar palavras escrevendo do que falando. Eu prefiro escrever do que falar. (Fernanda)

Por fim, o quinto aspecto que listamos das entrevistas sobre a conversas *on-line* em distinção das *off-line* foi que nas redes sociais os adolescentes ficam sabendo mais informações íntimas sobre os amigos do que nas conversas pessoalmente. Sobre isto Solange nos conta: “Então assim, no Facebook você fica sabendo de muita coisa que você não fica sabendo pessoalmente conversando com a pessoa, às vezes você não fica sabendo assim, mas você acaba descobrindo no Facebook”. Em outro momento da entrevista, Solange exemplificou uma das formas de ter acesso às informações dos outros na redes sociais:

(...) eu tinha muita mania de entrar no Facebook para ficar sabendo as coisas dos outros. Então exemplo, você gosta daquele menino, aí você quer saber se ele está namorando, você quer saber se ele está postando as coisas. Aí você fica stalkeando a pessoa, fica vendo as fotos dela, fica vendo os comentários, fica vendo tudo. Stalkeando. É assim exemplo, estes dias eu fui stalkeada por um menino e eu stalkeei ele de volta. A pessoa entra e fica curtindo as suas fotos antigas. Assim, foi uma troca de stalk.

Solange demonstra como o uso do termo inglês *stalk* (perseguir) foi apropriado pelos usuários das redes sociais de forma mais atenuada e denota uma prática comum nas redes sociais, em especial no *Facebook*, de importunar o outro.

A dinâmica do *stalk* nas redes, conforme ela descreve, se dá pela ação de entrar na rede social de outra pessoa e ficar olhando de tudo, remexendo em postagens antigas, e deixando sinais de sua presença em várias postagens por meio das curtidas, evidenciando para o outro que você esteve por lá e ficou bisbilhotando as informações desta pessoa. Mesmo que estes dados sejam públicos, no âmbito daqueles que fazem parte dos contatos deste sujeito, é interpretado por eles como invasão de privacidade, principalmente pelo fato de não conhecerem as razões ou interesse do outro ao *stalk*. Este incômodo de certa forma é herdado do sentido original do termo *stalker* (perseguidor), associado a pessoas que importunam insistente e obsessivamente uma outra pessoa. Geralmente ocorre com pessoas famosas, também conhecidas como “celebridades”. Tal persistência de perseguição pode culminar em ataques e agressões. Com o advento da Internet, esta prática ganhou novo campo de atuação e por meio do espaço virtual surgiu a modalidade denominada *cyberstalking*, que, por meio dos recursos telemáticos, facilitou a ação destes agressores. Porém, conforme demonstrado, embora o *stalk* nas redes sociais seja herdeiro deste sentido mais pesado do termo, ele se configura mais como uma espécie de jogada entre os integrantes das redes, diferentemente do *cyberstalking*, que este sim se mantém bem próximo do sentido original do termo no mundo *off-line*.

Retornando aos cinco aspectos listados sobre a diferença entre conversar pessoalmente ou nas redes sociais é possível perceber como a sociabilidade e a comunicação destes jovens estão centralizadas no ambiente virtual. E, neste sentido, quando questionados sobre quais critérios eles utilizam para excluir alguém de sua rede social surgiram duas razões básicas: pessoas “chatas” e brigas. Sobre a primeira razão, pessoas “chatas”, os adolescentes disseram:

Ou a pessoa fica te enchendo o saco, eu já bloqueei várias informações de várias pessoas porque não dava. Aquela pessoa que fica te enviando mensagem, ela fica te irritando. Uma pessoa que você nem gostaria de conversar, mas por algum motivo ela tem o seu Whatsapp, ela tem o seu Facebook. Aí você diz “mais que saco”. Aí você vai lá e bloqueia a pessoa. (Solange)

A pessoa tem que ser muita chata. Tem que fazer alguma coisa ruim comigo dentro da rede social, aí eu vou e excludo ela. (Sônia)

Pessoa chata... está irritando... eu peço para parar com o assunto, ela continua, aí eu excludo. Eu apago, bloqueio. (Caroline)

Com o fluxo constante de conteúdo nas redes sociais, aumentou significativamente a chance de ter contatos e mensagens indesejadas. A falta de filtro de muitos usuários nas redes, ou seja, postar de tudo sem se preocupar se estão incomodando o outro é algo que os importunam. Sobre isto Marcelo comenta:

as pessoas que muitas vezes não filtra o que estão fazendo, igual nesta época tipo, de política, o pessoal fica praticamente elegendo um candidato. De dez em dez minutos posta uma coisa, se a pessoa quer debater sobre política faz um grupo lá e coloca as pessoas interessadas.

De modo geral, os adolescentes relataram que não costumam excluir pessoas de sua rede social, evitam adicionar pessoas desconhecidas e no caso de adicionarem alguém que é estranho ao seu convívio social excluem-no imediatamente. Mas, fora este caso específico, para os grupos de amigos que compõem o seu círculo social virtual cotidiano, procuram manter estes contatos ativos nas diversas ferramentas de redes sociais que participam. Entretanto, vimos o comportamento do outro classificado por eles como “chatos”, os que ficam postando constantemente coisas que não são do seu interesse, como diz Cristina: “Assim a pessoa é muito fã de um cantor. Aí você abre o Facebook ou o Instagram só tá aquela coisa lá. Eu não estava satisfeita com aquilo, porque estava chato, no Facebook só tinha aquilo. Eu excluí a pessoa”.

A segunda razão revelada pelos adolescentes que descreve o motivo para excluir algum amigo de sua rede social são as brigas. Elas podem se iniciar fora ou dentro das redes sociais e afetarem diretamente as relações de amizade fora das redes sociais. Fernanda descreve este processo:

Quando, por exemplo, tem alguma briga que eu brigo alguém, uma pessoa que não é minha amiga, eu vou e excluo, mas quando eu não conheço a pessoa, quando eu conheço eu não costumo excluir não, porque eu sei que vai voltar a conversar. Teve umas duas ou três vezes que eu briguei com alguém. Uma foi porque a menina, eu briguei com ela e nem fui eu que excluí ela, nem deu tempo, ela foi primeiro. Teve muitas brigas que resolveram aqui na escola, de pessoas da escola que resolveram da cara. Foi no tapa, no soco. (Fernanda)

Nas redes sociais geralmente são reproduzidas as posturas e atitudes que as pessoas adotam fora do ciberespaço. Assim, as brigas entre os adolescentes, que de certa forma é algo comum fora do ambiente virtual, também ocorrem nas redes sociais e uma ação imediata deles após brigar com alguém é excluir ou bloquear o acesso do outro à sua rede social. Trata-se de um indicativo direto do rompimento

dos laços sociais. Conforme nos informa Fernanda, muitas das brigas que se iniciam nas redes sociais acabam ocasionando brigas físicas na escola, e também percebemos que muitas brigas que são originadas fora das redes acabam repercutindo no ambiente virtual. Neste sentido, podemos encontrar evidências de como as redes afetam diretamente a vida concreta das pessoas, em especial os adolescentes.

Portanto, ao pensar os contornos dos laços sociais dos adolescentes na contemporaneidade, é indispensável incluir o papel das redes sociais como agente ativo e potencializador deste processo. Estes jovens vivem intensamente o ápice do desenvolvimento tecnológico e das redes sociais, que atinge praticamente todas as faixas etárias, mas apenas por uma questão de foco nos atemos aos adolescentes. E, nestas redes, estes adolescentes participam ativamente da História de seu tempo, vivenciando nestes espaços suas alegrias, angústias, conflitos, brigas, intrigas, amizades verdadeiras, troca de informações sobre seus grupos de pares, mas acima de tudo vivendo como cidadãos plenos de sua época com todos os benefícios e desafios que ela representa.

Buscamos traçar na primeira categoria o perfil de uso das redes, nesta segunda categoria empreendemos compreender a dinâmica dos laços sociais estabelecidos pelos adolescentes, e por fim, na terceira categoria buscaremos complementar esta investigação a partir da percepção de quais sentimentos são vivenciados pelos adolescentes nas redes sociais.

5.3 Os sentimentos vivenciados pelos adolescentes nas redes sociais

Conforme descrito no capítulo 2, a Internet, o ciberespaço, o virtual e as redes sociais tornaram-se realidade presente no cotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo. Neste mesmo capítulo apresentamos também o pensamento de Nicolaci-da-Costa (2006), que entende que a Internet inaugurou um espaço alternativo cujo os mais variados aspectos da vida são experimentados. Assim, entendemos que as redes sociais são lugares onde os adolescentes vivem os mais diversificados tipos de sentimentos. Nas entrevistas, ao serem questionados sobre quais sentimentos eles vivenciavam no uso cotidiano das redes, de modo geral, relataram os seguintes: alegria, felicidade, raiva, tristeza, curiosidade, ansiedade, medo, angústia e agonia.

Eles expressaram sentir alegria ao conversar com os amigos, conforme nos indica Davi: *“A gente tem um pouco de alegria por estar conversando com nossos amigos...”*. Joana concorda com Davi e acrescenta o sentimento de empolgação ao conversar nas redes sociais com seus amigos: *“Eu me sinto empolgada na hora que eu vou conversar”*. Já o sentimento de tristeza, de acordo com Joana, pode ocorrer quando se vê algo que não agrada, em especial se estiver interessada em namorar alguém e o mesmo posta fotos com outra pessoa: *“quando você vê uma pessoa que você gosta postar uma foto com outra pessoa você fica chateada, se fala alguma coisa que você não gostou é... isso”*. Em suas palavras, podemos perceber que, diante disto, ela sofre solitariamente do outro lado da tela, observando o novo casal.

Embora somente Joana tenha relatado esta questão de tristeza em relação a ver uma pessoa na qual está interessada com outra, é razoável inferir que é uma situação comum aos adolescentes e que as redes sociais possibilitam este acesso aos detalhes íntimos da vida do outro, registrados em fotos, textos, vídeos e distribuído publicamente entre os amigos no ambiente virtual.

O sentimento de raiva, de acordo com os adolescentes, geralmente surge nas redes sociais associado aos momentos de brigas. Neste sentido, afirmou Caroline: *“Raiva é quando a pessoa briga, estes motivos de brigar”*. Fernanda relata que muitas destas brigas nas redes sociais afetam também a vida dos adolescentes fora das redes e a raiva acumulada no ambiente virtual é descarregada fisicamente entre os envolvidos: *“teve muitas brigas que resolveram aqui na escola, de pessoas da escola que resolveram na cara, foi no tapa, no soco.”*

A curiosidade também foi relatada como sentimento vivido nas redes. Sobre isto disse Joana: *“Fico curiosa para ver o que está acontecendo no Instagram para ver o que as outras pessoas postaram”*. Joana relata que, apesar de o sentimento de curiosidade às vezes estar acompanhado do medo de participar da exposição da intimidade de algum amigo, este sentimento supera o medo e mesmo na dúvida acessa o conteúdo. Assim, ela contou: *“Um pouco de curiosidade também quando manda, vamos supor, tipo foto, você fica sem acreditar o que que essa pessoa que você conhece e fica com medo, será que vai sobrar pra mim, eu tô recebendo essa foto”*. (Joana)

Outro sentimento relatado pelos jovens foi a ansiedade. De acordo com Caroline este sentimento geralmente ocorre *“porque uma pessoa fala alguma coisa, aí eu quero responder mais rápido do que as outras e aí começa a digitar tudo*

errado, aí dá ansiedade”. Já Sônia revela duas razões que a deixam ansiosa nas redes sociais: primeiro, ela menciona que a conexão constante em busca de informação sobre o que está acontecendo gera ansiedade, e também a possibilidade de estar constantemente diante do inesperado que surge o tempo todo nas redes. desta maneira, ela afirma:

Ah... não sei, eu fico ansiosa, eu fico feliz porque estou vendo o que está acontecendo e ao mesmo tempo é uma ansiedade. Você fica só lá conectado, você não presta atenção em mais nada. Focalizo na rede social. Ansiedade porque depende do que eu vou vendo. Eu não sei o que eu vou ver, pode ser alguma coisa que o fulano fez e vai estourar assim, coisa errada. Coisa que eu fiz e nem fiquei sabendo que eu mesma tinha feito, coisa que eu falo assim. É... ansioso.

Solange compartilha da percepção de Sônia quanto aos conteúdos inesperados das mensagens nos *posts* das redes sociais e descreve como isto pode afetar o seu estado emocional no momento em que acessa. Pode-se inferir os detalhes deste processo em sua fala:

Na mesma hora que você está vendo aquele vídeo que é engraçado, você vê aquele vídeo que é bonitinho, você aquilo que é romântico. Aí você tem este sentimento dentro de você. Ao mesmo tempo quando você está vendo uma coisa que te deixa: “Nossa, mas eu não estou acreditando que aconteceu isto”. Aí você fica “mãe, vem cá para você ver que bonitinho este cachorrinho”. É assim, do mesmo jeito que te deixa triste, te deixa alegre, te deixa com raiva, te deixa em paz. Acho que tudo!!! Porque você não tem que escolher, vou por ali para ver isto, ou vou por aqui para escutar isto, vou por aqui para ver postagem de tal pessoa. Você pode tanto ver postagem de tal pessoa indo por um caminho só, mas pode ficar no mesmo caminho e ver postagem de todo mundo. (Solange)

A possibilidade de ser afetado emocionalmente pelo outro é algo presente na vida *off-line* e em si não é algo inédito trazido pelas redes sociais; porém, a intensidade de fluxo, o número expressivo de pessoas em constante conexão e as facilidades de comunicação e interação social que a mediação virtual possibilitou ampliam consideravelmente a possibilidade de afetar e ser afetado pelo outro. Na fala de Cristina podemos observar como pode ser condicional e dinâmico o estado emocional dos adolescentes mediante aos encontros que estabelecem nas redes sociais:

Depende da pessoa que eu converso. Depende do que é que eu vejo. Porque certas amizades vem te contar uma coisa que naquele momento você não estava preparada para aquilo. Às vezes você fica mal com a notícia ou a pessoa te conta alguma coisa que você fica alegre, você fica

com raiva. É sempre assim, cada pessoa, cada momento que você vê imagem no Facebook, que você vê algum comentário te deixa com um sentimento diferente.

Fernanda acrescenta um sentimento novo à lista de sentimentos explicitada pelos adolescentes como sentimentos vivenciados cotidianamente no uso das redes sociais; trata-se da agonia. Como percebemos em sua fala, ao ser questionada sobre quais sentimentos vivencia nas redes, ela disse: *“Eu acho que um pouco de agonia, porque, se, por exemplo, a pessoa está triste, ela está falando para você e aí você quer abraçar a pessoa, mas não tem como você estar por celular. Então isto me deixa agoniada às vezes conversar só pelo celular”*.

A agonia relatada por Fernanda por não poder estar fisicamente presente ao lado de um amigo que relata sentimentos de tristeza e sentir a necessidade de apoiar fisicamente tal pessoa vai ao encontro do próximo aspecto que vamos abordar sobre os sentimentos experimentados pelos adolescentes nas redes sociais; trata-se de como percebem os sentimentos de seus amigos nos *posts* publicados ou nas conversas mediadas pelas redes. Mas, ela também demonstra as contradições presentes nos relatos sobre o uso das redes sociais, pois se para ela é ruim não estar presente fisicamente para apoiar um amigo, para Eduardo, conforme vimos em seu relato, a presença virtual é suficiente. Esta multiplicidade de sentidos, que por vezes se apresentam de forma contraditória, não se caracteriza em um aspecto negativo e sim, evidencia exatamente os aspectos subjetivos individuais que vão compondo o sentido subjetivo que cada sujeito atribui para a experiência das relações sociais estabelecidas nestes espaços virtuais. Assim, na medida em que vão expressando suas diferentes percepções e sentidos, eles vão delineando os contornos e manifestando a riqueza de sentido subjetivo que as redes sociais possuem para eles.

Dessa forma, ao serem indagados se conseguem perceber os sentimentos dos amigos nas redes, de modo geral, relataram conseguir, porém, não é uma tarefa simples. Assim, relata Patrícia: *“É um pouco difícil, mas eu consigo, porque tem uma coisa assim tipo, você está muito alegre, você coloca a mesma letra umas mil vezes, aí você percebe se a pessoa tá feliz ou tá triste”*. A maneira de escrita (oralizada) do outro se torna a principal forma de percepção dos sentimentos expressados pelos amigos nas redes sociais. Marcelo concorda com Patrícia sobre a dificuldade de percepção, e também confirma que o principal meio de perceber é por meio da

análise da escrita do outro: “Às vezes dá pra entender, fica meio que óbvio a pessoa: “Ah! que raiva”, “ah! tô muito feliz, descobri tal coisa”, mas tem posts assim que não expressam muito o sentimento da pessoa, é meio mais complicado”. Cristina e Fernanda acrescentam um requisito a mais para que se possa perceber os sentimentos expressados nas conversas nas redes sociais; refere-se ao nível de proximidade e intimidade entre os amigos:

Às vezes sim, se é um amigo próximo que eu conheço muito bem ele, eu sei quando ele está feliz, quando ele não está pela frieza que responde. Ou, por um status que a pessoa coloca, aí você pensa: “será que a pessoa está bem ou foi só uma frase?”. Aí eu vou e pergunto. Mas, só os mais próximos. (Cristina)

Gente que eu conheço de verdade sim, porque cada sentimento que você tem, você fala de jeito diferente, querendo ou não você vai perceber. E quando eu vejo que alguém está desanimado, triste, eu percebo do jeito que ele fala, muda totalmente o jeito que a pessoa fala. (Fernanda)

Para Recuero (2012) a apropriação do espaço virtual como lugar de comunicação entre os sujeitos resultou no surgimento de uma escrita oralizada, ou seja, uma escrita falada. Nos primórdios da comunicação mediada pelo computador, as ferramentas davam suporte apenas à linguagem escrita. Entretanto, para possibilitar a dinâmica da conversação, a linguagem escrita no ambiente virtual teve que introduzir elementos que aproximasse esta escrita das nuances da fala e de elementos não verbais, como os gestos e expressões, pois a fala no ciberespaço seria significativamente ruidosa sem estes elementos. Neste sentido, escreve Recuero (2012, p. 46), “por exemplo como indicar a um interlocutor que se está sendo sarcástico? No diálogo oral, o sarcasmo pode ser construído pela entonação vocal, pela expressão facial ou mesmo, pelos gestos que acompanham o enunciado”. Porém, , estes elementos não estão presentes na linguagem escrita.

Inicialmente os elementos criados na escrita virtual para incorporar elementos da comunicação oral eram compostos simplesmente por conjuntos de caracteres do teclado e surgiram para representar as expressões faciais, conforme exemplifica Recuero (2012, p. 46) “ : -) sorriso : - (tristeza : - P língua de fora”. Também, em uma estratégia de acompanhar a agilidade da fala, que é bem mais rápida do escrever, foi adicionado na linguagem *on-line* diversas abreviaturas: vc (você), blz (beleza), abc (abraço), tdb (tudo de bom), bj (beijo), t+ (até mais), fds (final de semana), entre outras, com intuito de acelerar a escrita.

Segundo a autora, mesmo antes do advento da Internet, estes caracteres já eram utilizados, mas foi na Internet que eles se popularizaram. Denominados de “*emoticons*”, termo inglês que surge da junção das palavras emoção e ícone, descrevem o princípio para o qual foram criados, o de transmitir de forma simples e ágil de forma iconográfica alguns tipos de sentimentos na conversação no ambiente virtual. Posteriormente, foram acrescentados outros tipos de *emoticons* graficamente mais elaborados e introduzidos dentro das ferramentas de comunicação digital, porém o uso destes caracteres mais simples e desenvolvidos pelos próprios usuários constituem a base da escrita fluida, dinâmica e oralizada no ambiente virtual. Outros aspectos da comunicação oral foram apropriados para a escrita oralizada do ciberespaço, como o uso de onomatopeias, ou seja, a utilização de palavras que buscam imitar os sons que elas significam, e também o emprego de acentuação, repetição de letras, com intuito de simular a entonação da fala de acordo com os princípios observados na prosódia. Assim, Recuero (2012, p. 47) afirma que “sem o contato direto entre os interagentes, a falta de contexto é um problema sério da conversação *on-line*”.

Portanto, esta dificuldade, a qual se refere a autora, originada pela falta de contato direto entre os sujeitos na comunicação no ciberespaço vai ao encontro da dificuldade relatada pelos adolescentes nas entrevistas sobre não ser tão fácil perceber os sentimentos nas conversas nas redes sociais. Apesar dos artifícios utilizados para expressar os sentimentos na escrita virtual, a falta de contato direto impossibilita que o que o outro diz por meio destes símbolos ou textos de fato representem a realidade, pois, como foi declarado pelos entrevistados, a ausência de contato visual com a pessoa impede a verificação se o que se diz está de acordo com a expressão não verbal e corporal que o sujeito emana. Estes detalhes foram explicitados por alguns adolescentes ao explicarem porque não se sentem à vontade para compartilhar seus segredos nas redes sociais. Assim, embora existam recursos disponíveis para expressar os sentimentos no ambiente virtual nas conversas mediadas, podemos concluir que não é tarefa simples perceber se os sentimentos contidos nas mensagens correspondem à realidade. Esta dificuldade pode acontecer fora das redes sociais também, pois as pessoas podem sempre fingir ou procurar ocultar seus sentimentos; porém, nas redes via comunicação escrita, mesmo que oralizada, esta tarefa torna-se mais fácil. Por isto, Patrícia, Cristina e Fernanda

afirmaram ser possível perceber os sentimentos na conversas *on-line*, mas apresentaram as limitações e dificuldade para isto.

Entretanto, devemos lembrar também que alguns adolescentes relataram, como vimos anteriormente, que preferem conversar nas redes sociais do que pessoalmente exatamente para evitar a percepção direta do outro em razão da timidez, como relata Davi: *“acho que tá na frente da pessoa conversando com ela cara a cara e vê a reação que ela está tendo de você falando, acho que isso dificulta”*. Assim, embora existam várias tecnologias de comunicação que possibilitam gratuitamente via Internet estabelecer comunicação por voz ou videoconferência, os adolescentes elegeram a comunicação escrita, assíncrona como preferida e esta é uma questão que demanda mais pesquisas para compreensão deste fenômeno.

Quando questionados sobre quais sentimentos experimentaram quando tiveram, ou se precisassem se afastar por um tempo das redes sociais, os adolescentes forneceram pistas importantes para que possamos compreender os significados que as redes sociais têm para eles. De modo geral, relataram que tiveram que se afastar das redes por causa da incompatibilidade com o tempo de uso e o tempo de estudos; vejamos:

Quando eu estou no período de prova normalmente eu me afasto um pouco, porque senão eu não vou ter tempo para eu estudar, aí eu vou ficar muito conectada e eu vou esquecer. Aí eu afasto, eu desinstalo algumas coisas só para não ter problema. Eu sinto vontade de instalar agora e mexer, porque é muito difícil. (Sônia)

Eu deveria por causa que o CEFET tá vindo aí, eu deveria ter afastado, mas eu não me afastei não. Eu já consegui ficar longe. Já um dia sim eu consigo, eu acho que se eu pegar pra deixar mais dias eu consigo, mas aí eu fico sem conversar com aquela pessoa, eu vou ter que entrar. Eu sou obrigada a entrar pra falar com ela, aí eu fico mais ou menos sabendo das obrigações [dos trabalhos da escola]. Não dá tanta falta. (Patrícia)

Sônia revela ser para ela difícil ficar longe das redes sociais, este sentimento é compartilhado por outros adolescentes, como veremos mais adiante. Patrícia demonstra que consegue se distanciar do uso das redes. Ela inicialmente atribui pouca relevância no caso de precisar se afastar das redes, porém logo alerta para os prejuízos que teria se afastasse e revela que, de certa forma, se sentiria obrigada a entrar nas redes sociais novamente em virtude da necessidade de conversar com alguma pessoa para se informar sobre os trabalhos da escola e saber sobre o que o

grupo de amigos está combinando nas redes. Em acordo com esta perspectiva Davi ratifica e detalha os problemas de se afastar das redes. Tanto Patrícia quanto Davi, ao apresentarem a dificuldade para eles de se manterem longe das redes sociais, contribuem para complementarmos o que vimos sobre a importância destas redes na sociabilidade, em especial, na sociabilidade entre os adolescentes.

Eu fico muito na rede social, eu teria problema de me afastar. Porque eu ia perder os contatos com meus amigos, que nem aqui na escola na hora que acaba as aulas, todo mundo já entra pra conversar de novo. Então, eu ia perder esses contatos com as pessoas, só ia conversar com eles durante as aulas. (Davi)

Solange revela que se entristeceu quando teve que parar de acessar as redes sociais e os jogos no videogame em razão de ter obtido um resultado abaixo da expectativa na escola. Ela descreve como foi migrando de um dispositivo para outro como estratégia para fugir das restrições impostas por seus pais.

Só quando eu tirei nota baixa... e aí meu pai tomou meu celular e assim, depois meus pais começaram a ficar espertos entre aspas, porque eles tiravam o celular, eu fui para televisão, eles tiram a televisão, eu fui para o computador jogar jogo. Aí tiram o computador, eu fui para o videogame, eu tenho videogame, eu tenho dois videogames. E aí o que eu fiz, montei o videogame no meu quarto e fiquei jogando. Então, assim, aí chegou uma hora que eu fiquei sem nada, então aí... uma tristeza. (Solange)

Patrícia entende ser suportável ficar temporariamente sem utilizar as redes sociais por imposição dos seus pais. Porém, considera mais grave se alguém apagar seus dados do celular e, conseqüentemente, perder de vez o acervo de conversas que tem gravado em seu celular no *WhatsApp* ou no *Instagram*:

É meio que tipo, igual eu falei das quatro redes sociais, a que eu mais gosto é o WhatsApp e o Instagram e se alguém apaga alguma dessas duas contas eu piro, mais... apagar é mais grave do que eu ficar sem. É porque se minha mãe me limitar "você vai ficar três dias sem, não pode entrar", eu fico os três dias sem, mas acabou os três dias, eu tenho que entrar pra olhar as novidades. Agora alguém apaga o WhatsApp, se você desinstalar ele do celular, na hora que instalar de novo, as conversas não vão estar lá, por exemplo tem conversas lá e você não vai ver as conversas não, isso vai me deixar um pouco brava se alguém fizer isso. Tem conversas que eu não apago, conversa muito especial pra mim, aí eu não apago não.

Caroline revelou sentir aflição e raiva quando ficou sem acesso às redes sociais, afirmando que ficou sem o que fazer em substituição às conversas no *WhatsApp* com suas amigas. Quando questionada se não tem outro *hobby* ou

entretenimento, ela respondeu enfaticamente que não. Para ela é muito difícil se afastar das redes e se distanciar de suas amigas e do grupo que a tem auxiliado nos trabalhos escolares.

Eu fiquei meio aflita, porque não tinha nada para fazer, aí eu ficava meio aflita, começava a ficar com raiva. É porque quando eu estou mexendo, eu só estou mexendo. Aí quando eu vou fazer outras coisas, eu guardo o celular e vou fazer outras coisas. Não tem que ser o WhatsApp! Eu não tenho outra distração não. É difícil... muito difícil. A conversa com amiga, às vezes o grupo também que está me ajudando agora muito.

Em outro momento da entrevista, Caroline revelou que o grupo da sala do colégio tem auxiliado muito em seu desempenho escolar. Outros adolescentes descreveram a importância deste grupo no *WhatsApp* para acompanhamento dos trabalhos escolares que devem ser entregues e a colaboração dos colegas caso tenham alguma dúvida. Assim, podemos observar que, ao mesmo tempo em que as redes sociais podem contribuir para o baixo desempenho escolar, também podem, por meio dos grupos criados especificamente para este fim, propiciar a melhora nos estudos.

Cristina entende ser difícil se afastar das redes sociais, pois estas já estão incorporadas em sua rotina e entende que precisa ficar o tempo todo conectada e disponível para receber o contato de suas amigas, e quando isto não é possível, ela expressa se sentir culpada por não estar acessível nas redes para atender ao chamado de uma amiga. Ela demonstra também dificuldade em conciliar o tempo de uso das redes e o tempo de estudos, e, neste sentido, percebemos o papel dual e de certa forma contraditório no uso das redes por parte dos adolescentes.

É difícil, porque é uma coisa que faz parte da minha rotina. Aí eu vou tirar e ficar sem alguma coisa para fazer. Eu tenho que estudar, mas quando eu estou com ele lá, eu fico mais nele do que estudando. E assim, desativar, às vezes a pessoa precisa falar com você com urgência, não consegue, você não tem, não está usando, aí a pessoa fica com aquela coisa, né... ela não me ajudou, ou era alguma coisa que precisava na hora e eu não estava disponível. (Cristina)

Para Fernanda o sentimento vivenciado quando precisou se ausentar por um período do uso das redes sociais foi de solidão, uma vez que, ao retornar da escola, passa um tempo sozinha em sua casa e conversar com seus amigos no celular consiste em uma forma de não se sentir sozinha. Ela revela ficar desorientada quando seus pais a proibem de utilizar o celular para acessar as redes, pois se

sente isolada do mundo e, a exemplo de Caroline, ela sente não ter outra atividade que substitua a atuação ativa e contínua nas redes sociais.

Porque eu me senti sozinha, porque quando eu estou em casa sozinha, eu estou conversando com alguém no celular, porque eu nunca tô no celular fazendo bobagem, eu sempre estou conversando com alguém ou lendo alguma coisa, aí quando me toma isto, aí eu fico sem saber o que fazer, eu fico isolada do mundo. (Fernanda)

De modo geral os sentimentos relatados pelos adolescentes ao se afastarem das redes sociais foram: aflição, raiva, solidão, desorientação, tristeza, culpa e vazio. Estes sentimentos demonstram como as redes sociais afetam a esfera emocional dos adolescentes e complementam de forma significativa o sentido subjetivo que estas redes alcançaram para estes jovens, conforme podemos observar ao longo da análise dos dados coletados no campo. Segundo González Rey (2003, p. 242), o sentido subjetivo se edifica na “unidade entre o simbólico e o emocional, sem que um desses momentos seja ‘reduzido’ ao outro”. Assim, na perspectiva deste autor, o organismo frente ao social desencadeia complexos registros que ativam estados psíquicos e fisiológicos que são apresentados pelas emoções. Desse modo, o sujeito se desenvolve em uma “ecologia” complexa e as emoções caracterizam as unidades de percepção deste ecossistema, ao mesmo tempo em que são constituintes dessa ecologia. Dessa forma, afirma González Rey (2003, p. 242), “as emoções representam um dos registros mais importantes da subjetividade humana”. Portanto, na perspectiva do autor é imprescindível tornar explícito as possíveis vias de seu aspecto subjetivo. E para tanto, a compreensão do sentido subjetivo é um dos meios primordiais para esta tarefa, uma vez que une em si aspectos de ordem simbólica e emocional.

Para Maheirie (2002), em acordo com González Rey (2003), as emoções não devem ser tratadas como fenômeno secundário na compreensão do sujeito. De acordo com a autora as emoções constituem-se em instâncias concretas capazes de realizar transformações na história individual e coletiva das pessoas. E sobre isto Maheirie (2002, p. 38) afirma: “A possibilidade humana de se emocionar é, sem dúvida, uma possibilidade de apreender o mundo”. Nesta afirmativa, embora a autora não trabalhe especificamente com a categoria sentido subjetivo de González Rey, ela apresenta uma proposta que vai ao encontro desta categoria, pois ela propõe um lugar para as emoções que está intimamente relacionado com a produção de subjetividade tanto singular quanto coletiva. Ela também entende que

os aspectos afetivos dependem da história de cada sujeito e das “significações singulares” atribuídas por ele.

Para a autora, de modo geral, é comum a todos humanos a capacidade de se emocionar, porém nem todos se emocionam pelos mesmos objetos ou motivos. Assim, em um mesmo contexto, não significa que dois sujeitos vão se emocionar pelas mesmas coisas. Portanto, afirma Maheirie (2002, p. 39), “tornando singulares os objetos coletivos, as significações expressam a subjetividade objetivando-se, espalhando-se e fixando-se nas coisas, nos objetos, no mundo”. Esta possibilidade dos sujeitos individualmente se emocionarem em suas relações nas redes sociais, e também com o uso da própria rede em si, imprimindo seus afetos singulares, portanto subjetivos, surgiram nos relatos dos adolescentes nas entrevistas e podem nos fornecer amostras da relevância dos espaços virtuais na vida social, histórica e no psiquismo dos jovens na atualidade.

Além dos sentimentos relatados pelos adolescentes como vividos nas redes sociais, também falaram como geralmente a alternância entre um e outro é instantânea, visto que a qualquer momento pode surgir outro *post* que pode alterar o estado emocional do momento. Entretanto, os sujeitos não demonstram entrar em colapso mediante a constante flutuação emocional. A intensidade e o excesso de possibilidades introduzidos pelo universo virtual são fruto do desenvolvimento histórico nos meios de comunicação, e também das gerações de pessoas que vão acompanhando e adaptando a vida a estas mudanças tecnológicas e transmitindo de uma geração para outra, como vimos no capítulo 2, por exemplo, com Santaella (2011). A autora descreve como gradativamente o texto foi perdendo sua pureza exclusivamente textual, ou seja, começou a se misturar com as imagens fotográficas a partir da invenção da câmera fotográfica, as alterações semióticas produzidas pela diagramação dos textos, e no ciberespaço o encontro com a hipermídia, que possibilitou a inclusão de todas as possibilidades de recursos multimídia em um só meio de comunicação, por fim, as redes sociais, que deram a sujeitos comuns da sociedade a possibilidade de comunicação em massa e assim, espalharem em alcance mundial suas ações comunicativas e emocionais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo compreender o sentido subjetivo das redes sociais virtuais para os adolescentes, tendo em vista a adesão expressiva deles a estes novos espaços de comunicação e socialização.

Observamos ao longo da pesquisa que as redes sociais no ciberespaço, apesar de seu pouco tempo de existência, conseguiram consolidar significativamente sua presença na sociedade contemporânea por meio da participação ativa das crianças, adolescentes e adultos. Após se firmarem no gosto das pessoas, elas conseguiram a adesão também das empresas e diversas instituições da organização social. Assim, as redes conseguiram introduzir-se nos mais distintos setores da sociedade, tais como: política, jornalismo, mídia e entretenimento, educação, religião, comércio, segurança pública, outros.

As redes sociais, como vimos, por um lado surgem da evolução histórica das ferramentas de telecomunicações e informática. Mas, o fator mais determinante para o seu surgimento e sucesso expressivo foi a apropriação que as pessoas fizeram da Internet como ferramenta de comunicação entre os pares, o que gerou uma cultura de acesso e compartilhamento de informações entre as pessoas, inaugurando o sistema de comunicação muito-para-muitos. Este processo ocorreu de forma gradativa e as ferramentas da denominada WEB 2.0 foram fundamentais, pois possibilitaram que qualquer pessoa com acesso à Internet pudesse publicar conteúdos sem a necessidade de conhecimentos de programação de computadores; isto propiciou de fato o surgimento da “Internet das pessoas”.

Neste cenário as pessoas assumiram o protagonismo do ciberespaço e romperam com os processos de comunicação unilateral controlado pelos grandes conglomerados da mídia impressa, televisiva e radiofônica. As redes sociais também se tornaram uma mídia importante na organização social contemporânea e transmissora da voz coletiva que ecoa nestes espaços e cada vez mais passaram a ser reconhecidas pela demais instâncias da organização social.

Percebemos que as redes sociais vão além das brincadeiras, exibicionismos, entre outros elementos que se fazem presentes neste espaço, e observamos que elas se estabeleceram como um novo espaço social consolidado e presente na vida de milhões de pessoas cotidianamente. Neste contexto, os adolescentes também aderiram intensamente ao uso destes espaços virtuais, e assim, despertou nossa

atenção para buscarmos compreender o fenômeno das redes a partir da vivência que os adolescentes fazem delas.

O conceito de adolescência que trabalhamos no capítulo 3, a partir da perspectiva da Psicologia histórico-cultural, se mostrou alinhado com as características dos adolescentes que encontramos no campo. Como apontado por Bock (2004), estes jovens dependem financeiramente de seus pais, e isto influencia no tipo de dispositivos tecnológicos que possuem acesso e torna importante, conforme o próprio relato deles, o fato de a entrada nas redes sociais não depender da inserção de créditos no celular, pois podem ser acessadas via Internet compartilhada com sinal proveniente da rede pessoal sem fio, presente nos principais locais frequentados por estes adolescentes, principalmente em seus próprios lares.

Outro aspecto encontrado na ida ao campo, que vai ao encontro dos apontamentos de Coutinho (2009) e Bock (2004), gira em torno da apropriação que os adolescentes fizeram das redes sociais para tratar de assuntos exclusivos de seu universo. Por exemplo, na época em que realizamos as entrevistas estávamos em meio a dois eventos marcantes na história do país no aspecto político. Havíamos passado há alguns meses antes pela onda de manifestações na época da Copa do Mundo e estávamos vivendo o processo de eleições presidenciais no país. Estes assuntos estavam efervescentes nas redes sociais. Um dos adolescentes chegou a reclamar da postura de pessoas que ficavam querendo eleger determinado candidato nas redes sociais e importunando as redes com informações sobre ele. Informalmente durante as entrevistas, ou seja, fora do roteiro proposto, chegamos a questioná-los sobre este momento político, como eles viviam isto nas redes sociais. Eles se mostraram à parte e teve uma adolescente que disse que ela não vota, quem vota é a sua mãe. Esta resposta vai ao encontro do que vimos no campo teórico da pesquisa sobre o afastamento dos adolescentes do mundo dos adultos e o interesse deles especificamente para os assuntos que são relevantes para eles e seus pares. Assim, imaginávamos desde o início da pesquisa que gostaríamos de saber qual a importância das redes sociais especificamente para eles e a relação disto com a subjetividade destes adolescentes.

Na obra de González Rey (2003) sua concepção de subjetividade a partir da Psicologia Histórico-cultural leva em conta a história do sujeito e entende que as atividades em que ele participa são produto da produção subjetiva complexa que se

expressa de uma forma particular tanto na subjetividade social quanto na individual. González Rey utiliza por diversas vezes o termo “complexo” para se referir ao sistema no qual define subjetividade. Entendemos que quando o autor utiliza este termo está se referindo à multiplicidade de entradas, saídas e processos que mantêm o funcionamento do sistema que gera a subjetividade, tanto no nível individual quanto social; assim, complexidade se refere à riqueza de processos que mantêm o sistema. Outra contribuição encontrada em González Rey (2003) foi a categoria sentido subjetivo, em que a história do sujeito, juntamente com suas impressões emocionais, permite gerar marcas exclusivas do sujeito acerca das experiências vivenciadas. Na relação dialógica, ele compartilha sentidos nos diversos espaços sociais em que transita e dessa forma, afeta a subjetividade social e, ao mesmo tempo, recebe nestes espaços sentidos subjetivos que estão circulando pela contribuição de outros indivíduos e assim é afetado e convocado a reelaborar tais sentidos, gerando nova produção de sentido, mantendo um fluxo constante com infinitas possibilidades de desdobramentos.

González Rey (2003), ao pensar os espaços sociais na elaboração da relação dialógica entre o individual e o social, fornece uma lista de espaços sociais já estabelecidos, como a escola, o trabalho, a família etc.. Entendemos que o ciberespaço e especificamente as redes sociais se configuram em um novo espaço de sociabilidade disponível para que os sujeitos transitem e mantenham o intercâmbio constante de sentidos subjetivos. Desta maneira, o arcabouço teórico elaborado para entender as relações sociais antes da Internet pode ser aproveitado para a compreensão da importância das relações sociais no ciberespaço, pois o ambiente virtual inaugurou um novo espaço que foi apropriado pelas pessoas como um ambiente social. Os espaços sociais tradicionalmente conhecidos na sociedade possuem significativo reconhecimento por parte das Ciências Humanas e na Psicologia Histórico-cultural, são considerados lugares importantes na constituição da subjetividade. Cada espaço social tem suas características peculiares e a partir delas estabelece a relação recíproca com os indivíduos que por ali transitam. Dessa forma, o espaço virtual passa a ser agora um outro espaço importante na constituição da subjetividade.

Uma característica peculiar do espaço virtual é a possibilidade de agregar as diversas relações sociais dos sujeitos, originadas de diversos espaços sociais no ambiente *off-line*. Assim, estas relações podem coexistir simultaneamente tanto no

meio físico quanto no meio virtual, e os indivíduos podem agrupá-las em suas redes sociais e acessá-las por meio da mediação destas ferramentas, sem dificuldades geográficas e temporais. Ou seja, as redes sociais podem potencializar significativamente as possibilidades de socialização entre os sujeitos, bem como suas ações comunicativas.

Aliado ao fluxo multidirecional, a expressiva velocidade em que as informações transitam, a instantaneidade dos acontecimentos, a propagação intensa, a facilidade de uso, e, de certa forma, o baixo custo financeiro para acesso às redes contribuíram para adesão às redes sociais e estas potencializam as possibilidades de relações sociais dos sujeitos, bem como todas as atividades desenvolvidas por eles no ambiente virtual. Portanto, o fenômeno que está em questão são as relações sociais na contemporaneidade, que são significativamente atravessadas pelo desenvolvimento tecnológico. Porém, este progresso tecnológico não é algo estranho ao ser humano, surge de uma produção cultural tecnológica que pode ser entendida como uma produção subjetiva social dos sujeitos desta época. Desta maneira, para compreender as relações sociais na atualidade é preciso levar em conta as redes sociais virtuais como algo inerente à cultura na atualidade, que, ao mesmo tempo que afeta a produção de subjetividade, também tem sua arquitetura de construção afetada pela demanda subjetiva coletiva da sociedade atual.

Os adolescentes, dos mais variados centros urbanos principalmente da parte ocidental do mundo, cidadãos por excelência da contemporaneidade, já nasceram em um mundo onde a cultura tecnológica do ciberespaço já estava constituída como espaço social. Antes do advento das redes sociais, os adolescentes já encontravam outras formas de manter ativa e intensa as relações entre o grupo. As redes sociais virtuais surgem como expressão social primordial deste tempo e, portanto, alcançaram expressiva importância para os adolescentes, conforme foi possível observar nos relatos deles nas entrevistas.

É possível perceber ao longo deste trabalho que a proposta da Psicologia histórico-cultural se fundamenta no princípio em que as relações sociais e a própria história dos sujeitos são importantes para o desenvolvimento psíquico e para a formação dos sentidos subjetivos. Assim, é na coletividade que o sujeito se constitui e simultaneamente contribui para a constituição da cultura ou da produção subjetiva social.

As redes sociais surgem, como temos argumentado, como mais uma opção de espaço de convivência coletiva, que possui como qualquer outro espaço social peculiaridades inerentes às configurações que dão formato aos diversos espaços sociais e que diferenciam um espaço social do outro. As redes sociais, por serem um espaço que está alinhado tanto com o anseio da sociedade atual de compartilhamento da vida pessoal como com a cultura tecnológica instaurada desde os primórdios do ciberespaço, tem marcado significativamente a sociedade e para os adolescentes, observarmos que elas possuem um sentido peculiar a este grupo.

O conjunto de respostas dos adolescentes apresentadas na análise das entrevistas no capítulo 5 podem nos dar a dimensão do sentido subjetivo das redes sociais para os adolescentes. Na medida em que eles foram expressando suas diferentes percepções acerca das redes sociais, revelaram a riqueza de sentido que elas possuem para eles.

Dessa forma, ao retomarmos a resposta da adolescente Fernanda, que quando questionada a falar sobre qual sentimento ela vivenciou ao ter que se afastar das redes sociais, podemos encontrar aí importante indicador do sentido subjetivo das redes sociais para os adolescentes:

Porque eu me senti sozinha, porque quando eu estou em casa sozinha, eu estou conversando com alguém no celular, porque eu nunca tô no celular fazendo bobagem, eu sempre estou conversando com alguém ou lendo alguma coisa, aí quando me toma isto, aí eu fico sem saber o que fazer, eu fico isolada do mundo. (Fernanda)

Portanto, é possível perceber que, em síntese, o sentido subjetivo das redes sociais virtuais para os adolescentes se manifesta na primazia destas redes como mediadora da socialização destes adolescentes. Estar fora delas é para eles subjetivamente elaborado como estar isolado do mundo¹¹, e esta percepção se dá no campo simbólico e emocional, ou seja, se configura como sentido subjetivo e pode afetar diretamente a produção de subjetividade destes adolescentes.

Esta pesquisa contemplou apenas um recorte do fenômeno da virtualização das relações sociais por meio das redes sociais e da possibilidade deste afetar a constituição da subjetividade. Entendemos que vários outros aspectos relevantes

¹¹ Acreditamos que a expressão mundo utilizada por Fernanda remeta ao mundo virtual ou ciberespaço. A intensidade e presença do mesmo é tamanha que o mundo que os adolescentes conhecem e percebem seja este atravessado pela virtualidade e pelo estado híbrido da vida *on-line* e *off-line*.

acerca deste fenômeno não puderam ser contemplados neste trabalho. Assim, ressaltamos que não houve pretensão de generalizar nem universalizar os dados alcançados na pesquisa e nem esgotar as possibilidades de abordagens deste fenômeno social e histórico que tem afetado a vida de milhões de pessoas e também a sociedade atual.

REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2011v17n1p32/2638>>. Acesso em 06 jan. 2014.

ALVES, Priscila Pires; MANCEBO, Deise. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 11, n. 1, Apr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000100006>>. Acesso em de 20 jan. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARIFOUSE, Rafael. **Com 'empurrão' da classe C, smartphones dominam mais de 90% do mercado no Brasil**. BBC Brasil. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/05/150506_celular_comum_smartphone_rb> Acesso em: 9 mai. 2015.

BARUS-MICHEL, Jacqueline. **Especificidade e campo da psicologia social**. In: O sujeito social. Trad. Eunice Galery; Virgínia M. Machado. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

BELLONI, Maria Luiza. **Infância e Internet**: a perspectiva da mídia-educação. In: TIC Kids Online Brasil 2012: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes = ICT Kids Online Brazil 2012 : São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <<http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>>. Acesso em 25 ago. 2014.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol. Esc. Educ.*, vol.11, n.1, pp. 63-76, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>>. Acesso em 9 fev. 2015

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622004000100003>. Acesso em 18 jan. 2015.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

COLVARA, Lauren Ferreira. Tecnototemismo: identidades múltiplas e nova subjetividade. *Conexão - Comunicação e Cultura*, Vol. 6, No 11 (2007). Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/195>> . Acesso em 05 fev. 2014.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância**: destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ. 2009.

DAQUINO, Fernando. A história das redes sociais: como tudo começou. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm>>. Acesso em: 26 jan 2014.

DARWIN, Carlos Roberto. Subjetividade e teoria crítica da sociedade. **Psicologia em Revista**, v. 19, n. 2, ago. 2013. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2013v19n2p155/5749>>. Acesso em 06 jan. 2014.

DOBANSZKY, István de Abreu; REY, Fernando Luis González. A produção de sentidos subjetivos e as configurações subjetivas na especialização esportiva. **Rev. Bras. Psicol. Esporte**, São Paulo , v. 2, n. 2, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-9145200800200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 jul. 2015.

GABRIEL, Martha. **Educ@ar**: a (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva. 2013.

GONCALVES, Maria da Graça Marchina. A historicidade da categoria subjetividade. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v.6, n. 2, ago. 1998. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X199800020006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 jul. 2015.

GONÇALVES, Maria. da Graça. Marchina. Sujeito e subjetividade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (UERJ), Rio de Janeiro, v. 4, n.2, 2004. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11147>>. Acesso em 18 jul. 2015.

GOMES, Helton Simões. **Brasil é o 2º país com mais usuários que entram diariamente no Facebook**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>>. Acesso em: 31 dez 2013.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.. As categorias sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, 24, 155-179, 2007. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n24/v24a11.pdf>> Acesso em 15 jul. 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.. La categoría sentido y su significación en la construcción del pensamiento psicológico. *Contrapontos*, Ano I, n. 2, 2000.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.. **Subjetividade e saúde**: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Construindo o compromisso social da psicologia).

GONZÁLEZ REY, Fernando L.. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: el aporte de Vygotsky. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 132-148, jul 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-733020000200006>>. Acesso em: 08 jul 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. Cengage Learning Editores, 2002.

GOUVEIA-PEREIRA, Maria *et al.* Dinâmicas grupais na adolescência. **Análise Psicológica**. vol. 18, n.2, jun. 2000. pp. 191-201. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312000000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 jan. 2015

IBOPE MÍDIA. **Redes Sociais POP**: estudo exclusivo sobre o fenômeno das redes sociais no Brasil, 2010. Disponível em: <http://www4.ibope.com.br/download/Redes_Sociais.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2014.

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galaxia** (São Paulo, *Online*), n. 23, p. 207-218, jun. 2012. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/5336/7580>>. Acesso em 30 mai. 2015.

KAZUE Sakamoto, Cleusa; FERNANDES DE SOUZA, Caio. Internet e subjetividade - Um debate preliminar. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, vol. 32, n. 83, jul-dez, 2012, pp. 294-312, Academia Paulista de Psicologia, São Paulo. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94624915005>>. Acesso em: 25 set 2013.

LEITÃO, Carla Faria; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Impactos da internet sobre pacientes: a visão de psicoterapeutas. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 10, n. 3, Dec. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000300012>>. Acesso em: 09 set. 2013.

LEMOS, André. **Bodynet e netcyborgs**: sociabilidade e novas tecnologias na cultura contemporânea. *In*: Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas. Milton José Pinto. (Org.). Vozes: Petrópolis, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEONT'EV, Aleksei Nikolaevich. O desenvolvimento do psiquismo. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 13, jun. 2002. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141329072002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 jul. 2015.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos; DUARTE, Rosalia. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 mai. 2013.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicol. estud.**, Maringá, v.16, n. 4, p. 613-622, dez. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000400012>>. Acesso em 18 jul. 2015.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Mídia e psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. **Psicologia para a América Latina**, n. 20, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.psicolatina.org/20/midia.html>>. Acesso em: 09 set 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M.; LEITÃO, C.F.; ROMÃO-DIAS, D. Gerando conhecimento sobre os homens, mulheres e crianças que usam computadores algumas contribuições da psicologia clínica. IV Workshop de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais, 2001, *Anais do IV Workshop de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*, SBC, (2001), p.120 – 131.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; LEITÃO, Carla Faria; ROMÃO-DIAS, Daniela. **Como conhecer usuários através do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)**. Disponível em: <www2.serg.inf.puc-rio.br/docs/MEDS-IHC2004.pdf>. Acesso em 7 out. 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. mai-ago 2002, v. 18 n. 2, p. 193-202.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: uma nova plataforma de vida. In: Ana Maria Nicolaci-da-Costa (Org.). **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, Ago. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000200022>>. Acesso em 12 fev. 2015.

PEDREIRA, Jaqueline. Rede de Pessoas. In: Ana Maria Nicolaci-da-Costa (Org.). **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio, São Paulo: Loyola, 2006.

PETRY, ANDRÉ. A Revolução do Pós-papel. **Revista Veja**. São Paulo, ed. 2300, a. 45, n.51, 19 dez 2012.

POWERS, William. **O BlackBerry de Hamlet: filosofia prática para viver bem na era digital.** Trad. Daniel Abraão. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** 112ª Ed. Campinas: Papyrus, 1994.

RIBEIRO, Aline; CISCATI, Rafael. **Como começou a onda do rolezinho: o encontro dos jovens se tornou assunto dos pais, preocupa os governantes e provocou discussão até no Palácio do Planalto.** Época [*on-line*]. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/01/como-comecou-onda-bdo-rolezinhob.html>>. Acesso em: 7 de set. 2014.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

TOMIO, Noeli Assunta Oro; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA. Teoria e Prática da Educação**, v. 12, n. 1, p. 89-100, 2011.

THOMPSON, John B.. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Trad. Wagner de Oliveira Brandão. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TRAVERSO-YEPEZ, Martha. Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 4, n. 1, p. 39-59, jun. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 de abr. 2015.

VYGOTSKY, L.S.. **A formação social da mente.** 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.